

porque  
esperamos

notas sobre a docência  
a obsolescência  
& o vírus

Angélica Vier Munhoz  
Cristiano Bedin da Costa  
Sergio Andrés Lulkin  
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS

[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

[www.facebook.com/autonomaz](http://www.facebook.com/autonomaz)

[www.instagram.com/autonomaz](http://www.instagram.com/autonomaz)



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**P837**

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.  
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

**CDU: 371.13**

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

	Porque esperamos	06
	Não há um fim	07
A crise é corporal		11
	Sem título, lápis sobre papel	14
Trabalhar com o vírus. Docência e pesquisa numa tempestade perfeita		16
	Obsolescência e o vírus da docência	22
Adeus a Arturo Bandini seguido de Não Mais Que Como Um Susto e Outros Textos ou Da Nékuia ao Quasi Coelum		32
	Constructo CIRCULAR	37
Entre zoe e bios, a voz		43
	E se o isolamento durasse a vida inteira?	47
	Sobre Monstros, Deuses e Paraquedas Coloridos	50
	Três (in)ficções para ensaiar uma docência aporética	55
(a senha é amor)		60
	O vírus é um saco!!!	68
	Tudo é tanto	72
Passeio de Escola Pública		74
	Explosões semióticas na pandemia de covil-I9	76
Estamos respirando?		83
	Tornar sonoras linhas e distâncias	85
Obediência.art		91
	Interrupção	93
DEVIR-US		95

Nos Fragmentos de um discurso amoroso, de RB:

“A espera é um encantamento: recebi a ordem de não me mexer”.

Um dia e outro dia.

Um dia de bordas vacilantes, frágeis contornos.

Um dia noutros dias.

Um dia loop.

Inicia por iniciar, acaba indo aos poucos, quase sem querer.

Começar e terminar por ter que.

A seu modo, assim também é o funcionamento das notas que seguem.

Escritas por professores e professoras, elas iniciam, desenvolvem-se e são interrompidas.

Ou então simplesmente desistem de ser.

E então dão lugar a outras, assumem outras vozes, mostram outras perspectivas.

Em comum, o fato de girarem, tal como os dias, ao redor de um mesmo eixo problemático: o vírus, sua presença e tudo aquilo que ela agora nos impõe.

Porque esperamos, podemos assim dizer...

## NÃO HÁ UM FIM

Cristiano Bedin da Costa

Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
cristianobedindacosta@gmail.com

### I.

“Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo” [i].

### II.

De saída e antes de tudo: o medo. O vírus ultrapassa fronteiras e isola países; a ameaça paralisa instituições, esvazia cidades e coloca sob suspensão relações de proximidade, de carne, de cheiro. A história, a esta altura, é conhecida. Somos aqueles que dizem e escrevem de casa. Somos aqueles que esperam, porque assim devemos fazer. E porque assim podemos estar. Esperar, dizer, escrever, pelo quê? Para quê? Outra vez, o medo. Porque há algo que parece não querer ou mesmo não poder ser dito, algo que já está lá, aqui, e para o qual não há dizer, não há negar ou, antes, pensar. O vírus é uma imagem: estranha, incerta, errática, selvagem. Uma reconfiguração dos modos. Um breve instante... E fomos ultrapassados. Há algo mais que nos olha. Há algo mais presente. Há a vida e lá vem a morte. Questão de tempo, questão de espaço. Protocolos, curvas, testes. O desafio é cartográfico.

### III.

Somos criaturas lentas, já foi dito. Agora, aqui onde esperamos, as universidades estão fechadas. Bibliotecas e salas vazias, ligadas por extensos corredores fantasmas. Fechando os olhos - há silêncio lá fora - é quase possível tocar: os ruídos e os passos apressados; as conversas de corredor e o folhear dos textos; o café, a pergunta e a resposta; a excitação e o tédio; a voz muda e a classe arrastada; o pensar e o não pensar; o rumor dos corpos, das máquinas, da língua. Fechando os olhos - ainda há silêncio lá fora, é sempre silêncio lá fora - é quase possível... Mas não, não tocamos. E como poderíamos? Do que nos aproximamos em lembrança? Há um cheiro de permanência nisso tudo, um desejo de retorno que também é sintoma. Nenhum querer é um querer seguro quando todo lugar é potencialmente um mau lugar.

### IV.

Entre: uma palavra discreta. A presença do vírus se dá pela constituição de espaços que não são vazios, embora muitas vezes aparentem ser. O erro seria acreditar nesse vazio, crer que há exclusão e liberdade onde o que existe é apenas separação e interdependência. O isolamento não impõe uma conduta precisa e linear, mas sim desvios, alterações de percurso, um plano escorregadio e constantemente afetado pela presença/ausência do outro (hoje, o íntimo “mal radical” [ii]). Juntos, mesmo distantes; separados, mas incluídos em um mesmo jogo. Agora, estar é estar sob suspeita, mesmo estando sozinho. Máscaras, luvas, sapatos do lado de fora e roupas sem memórias da rua: viver passou a ser tentar viver sem vestígios. Agora, nada deve durar, e sim queimar. Agora, nada de marcas, porque marcar e ser marcado é, talvez, contaminar. “A nova fronteira é a máscara. O ar que você respira deve ser somente seu. A nova fronteira é a sua pele” [iii]. Olho vivo, amor. E corporeidade mínima.

[i] Oswald de Andrade, “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”

[ii] José Gil, “O medo”. Disponível em: <https://n-Iedicoes.org/00I>. Acesso em 23 abril. 2020.

[iii] Paul B. Preciado, “Aprendendo com o vírus”. Disponível em: <https://n-Iedicoes.org/007>. Acesso em 22 abril. 2020.

V.

Agora... You just... O que é isso? Até quando? De que tempo estamos falando?... Disappeared... É preciso continuar... And now I'm working here... Não podemos continuar... I hear your voice. . Iremos continuar... All the time... Paris, Texas. Porto Alegre, Pandemia-Mundo. Inominável-agora.

VI.

Ensinar é necessariamente atentar para a extensão dos próprios atos. É testar efeitos, experimentar ressonâncias. Deleuze estava certo, aprende-se no encontro com os signos, em um esforço cartográfico de significação e ordenamento dos afetos. Aqueles e aquelas de nós que hoje devem seguir ensinando a distância, necessitam também reaprender gestos e posturas, descobrir um modo adequado de ocupar um meio o mais das vezes estranho e incorporal. A relação pedagógica é um caso de necessária repetição, já que repetir é condição para criar o complexo presença-ausência que constitui o viver-junto da aula. Em tal complexo, há o encontro e o intervalo, há a aproximação, o afastamento e o retorno. E há o movimento próprio dessa lógica de compartilhamento do tempo e do espaço, há o pensamento próprio da aula, que não é abstrato e está diretamente ligado às imagens vinculadas à aula, as imagens que ela dá a ver e a pensar. Porque uma aula é uma existência tão concreta quanto potencial, na medida em que deve comportar as linhas erráticas que dela se desprendem. Linhas a princípio impensáveis, e que fazem dela outra coisa que não o planejado e previsto. Agora, sem o movimento real do corpo, em meio a práticas repetidas de retornos insuficientes e encontros sempre parciais, de que maneira abrir espaços para que algo seja criado? Pois o desafio pedagógico não é exatamente habitar um espaço desde sempre disponível (a instituição, a sala, o ambiente virtual, o programa, o currículo), mas sim traçar conjuntamente zonas de contato, de troca e tensionamento. Ensina-se (e pode-se aprender) gestos, esforços, estratégias sempre relacionais, nas quais o saber estará veiculado. Ensina-se modos de proximidade, de se fazer presente para e a partir do outro. Mas, agora, onde estamos?

VII.

Cada um, um lugar suspeito.

VIII.

O vírus é a imagem da casa. A casa, desde que estejamos nela, não é um lugar seguro. Em "A casa tomada", Irene, a irmã, tricota obstinadamente, dia após dia. Tricota para finalizar e desfazer, tricota para começar de novo. Uma vez e incontáveis vezes. Artesania dos dias, mais que de xales, meias, casacos e outros pretextos. Pedagogia cortazariana: é preciso perseverar e esperar naquilo que se é, para que seja isso o que será necessário deixar para trás no momento da fuga ("O tricô descia de suas mãos e os fios iam até a porta e se perdiam por debaixo dela. Quando viu que os novelos tinham ficado do outro lado, ela largou o tricô sem ao menos olhá-lo"[iv]). O vírus é a imagem da casa, e a casa é um túmulo de nós mesmos. O que será necessário deixar, esquecer, enterrar? Porque é certo que o lugar para onde vamos não comportará os mesmos corpos. Esperamos o que não éramos, porque o vírus tomou de nós o que somos. A imagem do vírus é a imagem de uma vaga. O agora é um no man's land.

IX.

O vírus é esse pronunciamento agora na TV. É essa arte que recém agora curti no Instagram. Esse ensaio que acabo de ler e que me diz pouco, soa distante, longe demais dos trópicos. O vírus é um disco de Ryuichi Sakamoto que escuto repetidas vezes. São as fotos de família que resolvo visitar. O vírus é o presente, mas também é parte do passado. Essa vontade de abraçar confessada nessa imagem em meu feed.

[iv] Julio Cortázar. "A casa tomada". Em Bestiário. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 17-18.

O vírus é mais uma morte noticiada, é a curva que sobe. O vírus é essa fila por auxílio. É esse sujeito na esquina, sozinho, que vejo de minha janela. Aqui do alto. O vírus é a lista de mercado maior que todas as outras listas de mercado. É uma taça. Duas taças. Outra. O vírus é essa incerteza sobre o que ensinar, quando for possível ensinar. Essa desconfiança a respeito do que sei, do que já disse, do que tenho pensado. É um plano de ensino em suspenso. E a certeza de sua obsolescência. Sobretudo esta certeza. O vírus é uma saudade. Mais que uma. É uma perda, um luto, um alívio. É isso e é mais. Suas imagens. Seu modo de viver.

X.

Verdade é que ganhamos tempo, mesmo que seja “um tempo com o qual não contávamos”[v], ou quem sabe um tempo em estado de falência, um tempo que “estancou e se recusa a exercer o seu efeito”[vi]. Ganhamos um agora órfão de seu passado (um tempo para o qual não deixamos de nos voltar com certa nostalgia) e aparentemente alijado de qualquer futuro minimamente desejável. Dentro dele, na ordem cíclica desses dias que parecem auto emular-se de modo preciso, o desafio que se coloca à docência não é tanto tentar dizer o que esse tempo é, mas sim o que ele poderá tornar possível ser. Esforço prospectivo, portanto. Ocorre que tal esforço não é separável de um trabalho sobre si mesmo, marcado pela procura - livre, necessariamente - e delimitação do que Roland Barthes diria ser um estilo de presença nas lutas de nosso tempo. Neste agora, o que pode a docência? Deixando de lado todas as atribuições que facilmente nos assaltam a mente, ou seja, colocando em suspenso os traços de sua identidade historicamente construída, digamos, sem temer o risco de sermos mal interpretados: esperar. É claro que tal espera comporta e seguirá comportando seus gestos corriqueiros, suas práticas já constituídas e legitimadas, tudo aquilo que, de fato, devemos fazer. Não se trata, portanto, de defender uma imobilidade. Pensamos em uma espera ativa, distante de um estado de inércia. A espera de quem trabalha e planeja, com paciência e curiosidade, o que está por vir, sabendo que o que virá está sendo gerido nesse estranho agora. Um trabalho de pesquisa. O trabalho de um professor. O esboço de novos percursos, cenas outras para novos tipos. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Etc. Uma espera que comporte silêncios, desvios de fala. Algo próximo, talvez, do que Deleuze chamava “vacúolos de não-comunicação”[vii], interruptores que permitam escapar de sistemas de controle até então ativos, e pelos quais delimita-se tanto o estado de coisas presente quanto a própria identidade docente. Porque é certo que não irá se tratar de retorno e retomada, mas sim de instauração e começo. O ato de dizer, agora, exige a consciência do tempo no qual se fala, o tempo a partir do qual se diz: um tempo em ruína, cuja falência implica também a despedida daquilo que sabemos, do que somos e podemos agora fazer. O vírus é uma passagem. Um doloroso abandono. Esperar, então. Tal qual uma vida que, pacientemente, pusesse-se a velar a própria história.

XI.

Esperar implica atentar para modos de existência e gestos mínimos, insuspeitos. Implica reconfigurar não apenas as percepções cotidianas, o arranjo das horas e dos dias, mas também o corpo e seus efeitos. Reconfigurar o corpo, suas tensões e extensões. Reinscreve-los. “Ainda não sabemos que manhãs e noites saberemos inventar”[viii], mas é fato que saberemos (estamos à espreita). E sonharemos aulas. Outros sonhos, outras guias. Outros modos de presença. Pelos roteiros. Não estes. Não mais. Sabemos.

[v] Eduardo Pellejero. “Contingência, solidão, interrupção: ideias isoladas sobre um tempo com o qual não contávamos”. Disponível em: <https://n-Iedicoes.org/029>. Acesso em 22 abril. 2020.

[vi] Julián Fuks. “Falência do tempo - Pandemia provoca a ilusão de um futuro desfeito”. Disponível em: [https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniaio/2020/04/24/ensaio-falencia-do-tempo---pandemia-provoca-a-ilusao-de-um-futuro-desfeito.htm?fbclid=IwARI6-UguB5g7fzblqpxTj1HEOP1zJwHGOXBHM\\_Vo8POJ5TpiQhH31tmgijU](https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniaio/2020/04/24/ensaio-falencia-do-tempo---pandemia-provoca-a-ilusao-de-um-futuro-desfeito.htm?fbclid=IwARI6-UguB5g7fzblqpxTj1HEOP1zJwHGOXBHM_Vo8POJ5TpiQhH31tmgijU). Acesso em 23 abril. 2020.

[vii] Gilles Deleuze. “Controle e devir”. Em Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 217.

[viii] Maria Cristina Franco Ferraz. “Breve diário pandêmico”. Disponível em: <https://n-Iedicoes.org/OIO>. Acesso em 24 abril. 2020.

[ix] Serge Daney. A rampa: Cahiers du cinéma, 1970-1982. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. I83.



## A CRISE É CORPORAL

Angélica Vier Munhoz

Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates  
angelicavmunhoz@gmail.com

I

“O pânico é a criação”[i]

II

Continuamos sendo a mesma multidão que éramos antes. Não transitamos mais por espaços ou geografias, mas por imagens, por tempos, por multiplicidades em dispersão. E continuamos sendo multidão. Já não um coletivo de corpos em um espaço - para tal, o acesso é limitado e não se pode adentrá-lo em um ponto qualquer. Mas um coletivo ilimitado, sem fronteiras. As únicas fronteiras são dos corpos. Corpos solitários de uma multidão.

III

A terra sempre foi ocupada por homens em suas estratificações sociais. A socialização é um dos modos de estratificação, diriam Deleuze e Guattari[ii]. Afinal, o homem é um animal de rapina que nunca quis estar sozinho. Então somos imensamente sociais. Existimos pelo outro, para o outro, pelo lugar e seus agenciamentos. E atualizamos repetidamente as nossas organizações, de maneira diversas, em espaços diferentes. Mas agora estamos confinados e só existimos em um único espaço.

IV

Talvez já não estejamos em um espaço, mas num lugar. Um lugar é um mundo. Exige uma relação, uma disposição para estar. O lugar precisa de suas próprias ferramentas para existir. A casa pode ser esse lugar. De onde eu me comunico, apareço, vivo.

V

É na tela que aparecemos e existimos. E também desaparecemos. Mas as telas não são - e nunca foram - superfícies lisas que mostram imagens[iii]. Nunca foram meras superfícies, mas superfícies operando com interfaces, em meio às quais, instituímos nossas relações. Contudo, se as telas surgem para possibilitar relações, paradoxalmente, também existem para a proteção do contato humano. Eis a sua origem etimológica: proteger do contato com o outro. Talvez por isso operem com a distribuição do visível e do invisível. Mostrar e ocultar.

VI

No que diz respeito às nossas relações com as telas, uma grande quantidade de coisas não voltará a ser como era antes. Tudo mudou. Alguns tem a esperança de que a lição se torne útil para que sintamos uma necessidade de contato físico com outros seres humanos. O que poderia desencadear um ressurgimento aterrador do contágio. Afinal, “o inimigo é secreto: não se pode vê-lo em parte alguma; não se pode atingi-lo. Espera-se apenas ser atingido por ele”[iv].

[i] Gilles Deleuze & Felix Guattari. Mil Platôs, v.I. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p.9I.

[ii] idem.

[iii] Mauro Carbone, Philosophie-écrans : du cinéma à la révolution numérique, Paris, Vrin, 2016.

[iv] Elias Canetti. Massa e poder. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.273.

## VII

Sofremos com a falta de pele. O corpo do outro se tornou um poder de morte. Poderíamos traçar uma geografia do toque, com base na distância e no perigo que o outro pode representar. A falta do toque agora é visível - o que talvez não fosse antes. Pouco a pouco, esvazia-se o corpo de contato tátil.

## VIII

A crise é corporal. O corpo confinado entra em colapso a uma velocidade incrível. Mas, se confinados estamos, é preciso inventar um "lado de fora"[v].

## IX

De tudo isso, deriva a experimentação. O ouvido torna-se mais agudo (os fones convertem-se em próteses do corpo), a voz é mais exigida. Os olhos embaçam de tanto fixar a tela. Os dias às vezes viram noites e as noites viram dias. O cotidiano se reconfigura. O vírus insiste, persiste, mas passará, é fato. Nós não passaremos.

## X

Para as nossas crianças, entregamos um mundo para que elas possam reinventá-lo. Mas a nossa relação com o mundo está em crise. Tornamos o mundo frágil, descuidado, sem contornos. Abdicamos do mundo. Porém, não existimos sem mundo, não trabalhamos sem mundo, não nos comunicamos sem mundo. E não podemos nos recusar a transmitir o mundo, pois, sem mundo, deixaríamos as crianças[vi].

## XI

Uma aula na frente da tela ainda é uma aula? Nenhuma forma se garante por si. Até porque em uma aula tudo são artifícios: o quadro, as cadeiras, as tecnologias. Nada está dado. Ao professor cabe criar atmosferas e dar presença ao corpo. Apresentar alguma matéria, assinalar algum estudo, ler um poema, falar aos seus alunos, escutá-los atentamente, mover os braços - são gestualidades que não estão atreladas a um dever docente, tampouco a uma competência, habilidade ou conhecimento que se adquire. Trata-se de uma estilística singular, reinventada a cada tempo ou lugar.

## XII

De fato, muitos dos gestos da docência configuram automatismos, engessamentos que se lhe antepõem. Presenciais ou virtualizados, ao desprover-se de expressividades, tornam-se mecânicos, funcionais, falhos de vitalidade.

## XIII

Uma aula também é um espaço-tempo de um viver junto. É possível viver junto em meio a telas? O viver junto barthesiano [vii] compreende uma ética da distância entre os sujeitos que coabitam o espaço, mas trata-se de uma distância atravessada por afetos. Viver junto em uma aula virtual também é isso?

## XIV

O retorno a um 'como antes' começa a surgir. E eu digo 'não voltarei', porque está claro, tudo mudou.

## XV

Em um mundo drasticamente mais pobre, compraria eu uma passagem para uma conferência no Japão ou em Istambul, se posso estar lá, da minha própria casa?

## XVI

A única certeza é que o momento presente condicionará o próximo.

[v] Antoni Negri. O contra-Império ataca. Lugar Comum & - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Rio de Janeiro, UFRJ, n° I5-I6, p. 45-63, 200I/2002, p. 52.

[vi] Hanna Arendt. A crise da educação. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 20II.

[vii] Roland Barthes. Como viver juntos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



SEM TÍTULO, LÁPIS SOBRE PAPEL

Sergio Andrés Lulkin

Docente aposentado - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
sergiolulkin@gmail.com

I.

Escritos nascem em silêncio. Silêncios eloquentes, lugares de profunda meditação, deserto e mar, o pescador que espera, a atenção do cão. E pelos silêncios desliza o pensar, nos diversos momentos necessários de fuga. Linhas de fuga. Saídas para os enigmas, a buscar as radículas dos conceitos; saídas para as aporias, a buscar as soluções para os males. O peito aperta, daí entram aquelas músicas de fazer chorar, porque navegar e chorar é preciso, momento da mais franca exposição do desamparo, de pedido daquele abraço que faz explodir o pranto. Não há. Não está. Você está só, mesmo em par. Bach, Prince, o que você desejar, não deixa que esse aperto te impeça de respirar. O vírus, dizem, ataca por aí, o mundo para de respirar. E outras falências. Ah, queria tanto um abraço teu!

II.

Suspensão, suspeição: todas as novidades te entopem, torpes, entorpecem, quais são as últimas? De que te serve ter a última, quando não há onde exibir? As telas te recortam em plano americano, dizem, e os pés de barro do santo, bailam livres, fora de quadro, respiram, e também escrevem “pelos campos e pelas páginas”. [i]

III.

Na aula, esperança criativa, chegou a minha vez de pagar a prenda. Pediram para entrar na roda e fazer a “dancinha da garrafa”. Ao redor de mim, trinta mulheres, jovens. A dança da garrafa pede uma coreografia erótica. Tenho vergonha, até faria, sei jogar. Foi uma decepção ter essa tarefa por cumprir, ali onde desejei, a cada aula, um risco de inventar, de divergir, sair do bombardeio da mídia, algo personalizado, autoria. Tombamos no mais vulgar lugar comum. Aula fracassada. E não me digam que toda experiência é válida, só serviu para inflamar o fígado. Aula: li, outro dia, sobre o retorno ao “novo normal”, escrito em algum informe oficial; normal pensado tal como um retorno ao que se supunha o habitual dessa era que desmoronou. “Novo normal”, me protejam!, o normal de sempre ou o velho normal já desgasta, imaginem o novo normal. Algo normal pode ser novo? Voltar às aulas, pensem bem: retomar, retornar, sequência, organização, currículo cronologia. Será possível?

IV.

Que admiração por essas escritas que nos tragam para o seu interior e, a seguir, nos lançam para fora, pelos sentidos vigorosos que fazem vibrar nosso pensamento, pelo sons que fazem ressoar em nossa ideias, nos obrigando a tomar notas, a percorrer as margens brancas e traçar comparações, lápis na mão para não perder as ideias. Ou, então, nos deixam parados, olhando o infinito, evadidos, passeando por lugares jamais visitados, revivendo sensações que nunca nos pertenceram. Ou, ainda, quando nos impulsionam para as atividades manuais, para que a cabeça descanse, para que a poesia fique intacta ecoando, alimentando outras percepções enquanto regamos as plantas, lavamos a louça, escutamos um disco, olhamos as árvores e os pássaros. Poesia, filosofia, provocam. Tirem a máscara, poiésis não contamina, só para quem desejar.

[i] Não escrevo somente com a mão: O pé também dá sua contribuição. Firme, livre e valente ele vai. Pelos campos e pela página. (NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência, 2001, Seção 52, p. 43)

V.

Prezada Quimera: não há caminho seguro. Tua figura me fala das interdições do grotesco, do medo dos monstros, do temor das fabulações condenadas, dos mistérios. Me sinto o pária que circula ao teu redor, naquele bosque dos exilados, dos leprosos, dos doentes mentais, fora do controle das torres do burgo. Porém, virá o dia em que o Rei, o Bispo ou o Juiz, nos convidará ao seu convívio. Para divergir, para pensar de outra forma, rir sobre o incompreendido, gargalhar sobre o imprevisto, derrubar os inimigos pela paródia, comungar, entre taças de vinho, com a embriaguez de Dionísio e de seu séquito de mal-formados. Visto minha capa puída, visto meu chapéu colorido e me resguardo, no meio do bosque, esperando tal dia.

VI.

Alto! Não explicar-se em demasia. Não há verdade que resista a uma explicação extrema: perde-se, murcha-se, definha-se em definições. A cada definição uma sentença, uma estaticidade. Verdades instáveis fazem parte desse movimento: a báscula, a pendulação, a disputa, a negociação, o improviso, o jogo. Quando convocado a dizer verdades, virá dizer o quê? Dirá da salvação ou da desolação? Dirá da razão ou do derrisório, da perplexidade ou do escárnio? Como dizer e o quê? Volta ao silêncio, há tempos de calar.

Fabrcio Silveira

Formado em Comunicaçao Social - habilitaçaõ em Jornalismo pela UFSM. Mestre em Comunicaçao e Informaçao (UFRGS). Doutor em Ciẽncias da Comunicaçao (Unisinos, RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral - bolsa PNPd Capes - junto ao Programa de Pós-Graduaçao em Comunicaçao da UFRGS.  
fabriciosilveira@terra.com.br

I.

Na quarta-feira à tarde, dia II de março, iniciei minha disciplina de Teorias da Comunicaçao no Programa de Pós-Graduaçao em Comunicaçao, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Naquele momento, o que ouviamos sobre o novo coronavirus não eram apenas rumores que pudéssemos descartar ou dar de ombros. As notícias à disposiçao já indicavam: tratava-se de ameaça real e sorradeira, que estava a caminho, aprontando-se para explodir. Esse perigo, no entanto - um perigo de potencial "apocalíptico", como iria declarar, semanas à frente, a OMS -, não estava ainda bem dimensionado em nossas vidas, não havia sido acolhido com a seriedade que merecia. Uma certa desconfiança impregnava o ar à nossa volta. Uma sensaçao de onipotência nos inflamava diante do vírus, fazendo com que o entendéssemos como algo remoto, de baixa letalidade.

Tínhamos, por certo, superado a fase dos relatos imprecisos, dos boatos amedrontadores, conseguindo filtrar alguma verdade em meio a toda sorte de desinformaçoes, discursos xenofobos e teorias conspiratórias. Apesar disso, não havia ainda, na primeira quinzena de março, uma real consciẽncia - sobretudo por parte das autoridades sanitárias e governamentais - quanto à gravidade do caso e à proporçao que poderia tomar. Faltava-nos maior clareza e convicçao. Faltava-nos um plano de apoio.

Vinte dias antes, no curso de minhas férias, havia encontrado um amigo visivelmente impressionado com o que acontecia na China e se alastrava, de forma dramática e imperturbável, pela Europa. "Imagina quando chegar por aqui", ele me disse, "espera pra ver". Na hora, não o contestei. Em realidade, não sabia o que dizer. Para mim - eu agora reconheço -, foi a primeira apariçao tangível do vírus. A primeira vez que me deparei com ele.

Na abertura de meu período letivo, a possibilidade de uma interrupçao dos trabalhos ou de remoçao das atividades para alguma plataforma digital sequer foi ventilada. Como de costume, tivemos um cordial encontro de boas-vindas, de apresentaçao do programa da disciplina, de esclarecimento sobre o funcionamento da cadeira, em termos de sua logística e de sua dinâmica básica. Falamos sobre o acesso aos textos indicados, a checagem dos feriados futuros na agenda, o acordo sobre os artigos finais, a serem entregues em julho, após o término do semestre, e os pontos centrais do conteúdo. Cumprimos o ritual de apresentaçao dos alunos, vasculhando suas expectativas e suas motivaçoes de fundo. A sala de aula estava cheia. Era uma turma grande, com vinte e cinco matriculados - o que muito me alegrava e me trazia, numa tarde de sol a pino, uma vivacidade e uma empolgaçao adicionais. Seria um curso regular, num semestre regular, eu imaginava, repleto de bons debates, inquietaçoes e descobertas comuns.

Naquela manhã os jornais registraram o primeiro caso gaúcho de COVID-19.

2.

A justaposição dos termos “pandemia” e “pandemônio” foi feita, entre outros, pelo conhecido neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis para indicar a superposição de duas enormes crises enfrentadas pela sociedade brasileira a partir de março de 2020: de um lado, a propagação do coronavírus; de outro, o agravamento da polarização política que rachou o país desde as últimas eleições presidenciais, em outubro de 2018.

“Pandemia” se tornou uma rubrica largamente utilizada nos comerciais de televisão, no linguajar comum, um selo adotado na editoria de um veículo impresso, uma hashtag no Twitter. A expressão “pandemônio”, por sua vez, poderia agora funcionar como a síntese complexa, devidamente abrangente, de um somatório ainda maior de outras crises, mais difusas e não menos importantes (as crises diplomática, econômica, midiática e cognitiva), que se fazem igualmente presentes e permitem conceber esse ciclo histórico do país como “tempestade perfeita”.

Apreender a situação hoje vivida como “tempestade perfeita” é alertar quanto à sua gravidade sociológica e, ao mesmo tempo, percebê-la enquanto “experiência-limítrofe”: a experiência de estar à beira de um colapso, o país na posição de quem contempla não só a fome voraz e a luta vital de um vírus, mas a irrupção do caos descontrolável, presentificado de um modo ainda mais intenso do que pode traduzir a figura jurídica de um decreto de calamidade pública.

3.

Na segunda-feira, dia 16 de março, acordei sob a recomendação estrita de entrar em quarentena. Na ausência de uma alternativa, de uma estratégia mais eficaz para conter o vírus, ficar em casa, evitar aglomerações e contatos sociais desnecessários tornou-se condição de sobrevivência e saúde coletiva. Na universidade, as aulas foram oficialmente suspensas por tempo indeterminado.

Minha primeira providência, diante dessa nova circunstância, foi mobilizar os estudantes, adicioná-los e reuni-los numa rede social para que continuássemos em contato, para que pudéssemos, pelo menos, dar acesso aos materiais da própria disciplina e a outros, pertinentes também a ela, produzidos em função do quadro crítico e da progressão acelerada da pandemia. Diversos autores, brasileiros ou não, pouco a pouco, foram estimulando o debate em torno do tema e valia a pena acompanhá-los, seja nas mídias de massa, seja nas mídias digitais[i].

O compartilhamento de uma mesma plataforma tecnológica nos permitiria também produzir conjuntamente, tirar dúvidas, trocar textos de nossa própria autoria, que nos mantivéssemos ativos, alimentando uma experiência de conexão e vínculo capaz de mitigar a sensação de anomia e isolamento.

Em duas semanas, eu havia publicado quatro pequenos textos em periódicos jornalísticos[ii] e realizado, desde casa, de forma amadora, dois breves vídeos - em realidade, duas crônicas audiovisuais, não sei ao certo como nomeá-las -, de cerca de vinte minutos cada, sobre assuntos correlatos, que respondiam, ao mesmo tempo, tanto à urgência da situação vivida, provocada pelo alastramento da doença, quanto ao conteúdo da disciplina, programaticamente definido. Esse material chegou aos estudantes, foi bem recebido e discutido por eles. Num cenário de imobilização e afastamento, algum movimento precisaria ocorrer, alguma reverberação precisava ser estimulada.

[i] Dentre tantos reordenamentos sócio-midiáticos que vimos tomar forma - as performances de entretenimento nas sacadas dos prédios, o fenômeno de exponenciação das lives de artistas consagrados ou não, a invasão das cidades esvaziadas por macacos, javalis e outros animais -, vale salientar a circulação gratuita de publicações digitais “instantâneas”, como Wuhan - No isolamento do coronavírus (Editora Contraponto), Coronavírus e Luta de Classes (Editora Terra Sem Amos) e Sopa de Wuhan (Editorial ASPO), reunindo artigos de vários autores reconhecidos internacionalmente, e A Cruel Pedagogia do Vírus, com textos de Boaventura de Souza Santos (Edições Almedina). Desses livros, os três primeiros entraram em circulação já no final de março. Essa urgência, essa necessidade de buscar uma resposta rápida foi também o que nos motivou aqui a escrever.

[ii] Relacionados aqui na ordem em que foram aparecendo, os artigos se intitularam “A culpa chinesa”, “Ameaças, enfrentamentos e destinos comuns”, “Mandetta e os necroempreendedores” e “Globo, Band e o Partido Comunista Chinês”. Todos apareceram no site Brasil de Fato. O primeiro, em 31/03/2020; o último, em 09/04/2020. Os textos estão disponíveis em: <http://www.brasildefatores.com.br>.

E assim continuou sendo.

Em paralelo, avançava a fila de leituras, agora refeita pela imposição de um único e universal assunto, com seus desdobramentos heterogêneos, suas zonas de indeterminação, suas variações e seus vieses imprevistos: as formas de contágio, a história recente e a arqueologia do vírus, as narrativas de culpabilização e apocalipse neoliberal, a sombra do medo e do desemprego, o concomitante pandemônio político à brasileira. Dessas, duas publicações merecem relevo: Bioterror. Manufacturing wars the american way, cujos editores são Ellen Ray e William H. Schaap, e O Monstro Bate à Nossa Porta. A ameaça global da gripe aviária, do conhecido sociólogo norte-americano Mike Davis, lançado no Brasil em 2006. Essas se tornaram, por motivos múltiplos, embora convergentes, as principais referências teóricas dos pequenos ensaios (visuais e/ou escritos) que produzi no período, como tentativas de interpretá-lo, convertê-lo em algo mais palpável, dotado de algum sentido, no subterrâneo ou na superfície mesma (afinal, como sabê-lo?) de sua turbulência.

Em 31 de março, o então Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, num de seus pronunciamentos à imprensa, havia atualizado os números: o Brasil contabilizava 5.717 casos confirmados e 201 mortes. Os três estados do sul detinham 12% do total de diagnósticos positivos.

4.

Nesse dia, na manhã de uma terça-feira ensolarada, postei numa rede social: “Está acontecendo comigo: não sei direito que dia é hoje, meu sono e meus hábitos alimentares enlouqueceram. Ontem, já troquei os móveis do apartamento de lugar, desmontei as prateleiras de uma estante, dispensei papéis avulsos, acumulados há tantos anos que nem consigo mais contar, revisei o conteúdo dentro das gavetas da mesa do escritório, tive vontade de provar camisetas que não uso há muito. E isso que ainda não completamos um mês sem sair de casa. O país inteiro irá sentir no corpo o que é um confinamento: a restrição da liberdade, a alteração da percepção do tempo, o tédio, a alteração do humor, a irritabilidade, a inquietação e a depressão que decorrem desse processo”. Foi um post que ganhou 47 likes e 09 comentários.

5.

Nesse mesmo período, entre o final de março e o início de abril, recebi uma tese de doutorado, cuja banca de defesa eu iria integrar. Tratava-se de um estudo consistente, bem documentado, teoricamente rigoroso, sobre comunicação urbana, sobre a apropriação de um espaço público específico, no centro de Porto Alegre, sobre as imbricações entre lógicas políticas, midiáticas e culturais na configuração da cidade enquanto espacialidade híbrida, em disputa, de natureza insurrecional. Era um trabalho que fazia justiça ao âmbito de formação em que se realizava[iii].

Quando chegou o dia da banca - a banca, aliás, ocorreu como conferência virtual, não de todo isenta de quedas e engasgadas, sem que isso, contudo, prejudicasse a qualidade geral da sessão -, não me contive e explorei, ao início de minha intervenção, a condição de minha fala (e, antes dela, de minha leitura), feita(s) desde um espaço heterotópico, desde o bunker midiático no qual havia se convertido meu apartamento, impossibilitados que estávamos, todos nós - aqueles que ali se pronunciavam - de interagir presencialmente, de ocupar o espaço físico da cidade, de uma praça ou de uma sala de aula.

Isso gerava uma ironia inédita e configurava um enquadramento, de certa forma, problematizador, intrinsecamente problematizador, eu diria, do estudo defendido. A tese, nesse caso, poderia ser esmiuçada a partir do cenário em que agora nos encontrávamos, um cenário onde a relação entre mídia, cidade e política aparecia completamente desfigurada - por um lado, esvaziada e, por outro, repotencializada, na medida em que éramos obrigados à invenção de outros usos da cidade e da cidadania a ela associada? Talvez tivéssemos aqui o caso de uma tese que foi “atropelada” pelos fatos - tentei dizer, instigando o debate -, uma tese que foi, em alguma medida, “vencida” ou “esvaziada” pelos últimos acontecimentos. Seria possível pensá-la assim?

[iii] Cf. Sandri, 2020.

Seria injusto? Seria produtivo?

De todo modo, a despeito das dúvidas - e tentando acautelar-me para fazer com delicadeza essa exposição, sem exagerá-la -, pareceu-me importante pensar, como tema de ciência, sobre os significados deste “descompasso” (entre a realidade de um arranjo científico e a realidade histórica, em sua força viva, de tempo aberto, em fluxo), sobre o que esse processo de aparente atropelo - e essa metáfora do “atropelo”, por ser uma metáfora eminentemente urbana, me pareceu digna de uso - estaria dizendo, a princípio, sobre a natureza de um trabalho doutoral, em toda sua complexidade, e, em seguida, depois dele, sobre o andamento da história, nosso tempo vivido em convulsão.

Seria possível entender, nesse rastro, mais do que a tese em si, a potência de reflexão nela inscrita? Para além dela própria e para além do campo empírico sobre o qual ela se debruçava, como atualizá-la? Tendo irrompido o vírus, com sua truculência, o que se poderia resgatar da tese, em meio às ruínas que agora tínhamos pela frente, no interior das quais estávamos forçados a viver?

É como se um pesquisador de urbanismo tivesse estudado o desenho arquitetônico, as práticas de sociabilidade no centro de Nova York ou algo equivalente e concluído o estudo um dia antes do ataque às Torres Gêmeas. Que estudo seria esse? Ele perderia ou ganharia validade?

Citei um outro exemplo: uma tese sobre o Orkut que acompanhei há alguns anos. Ao início do trabalho, o Orkut era um objeto badalado, novo, desafiador, digno de consideração, digno de todas as nossas mobilizações. Três anos depois, na prática, não existia mais, havia se perdido numa avalanche conturbada de outros fenômenos midiáticos similares e/ou até mais interessantes. Um terceiro exemplo: uma tese sobre o Second Life, que também acompanhei e a respeito da qual ocorreu um tipo semelhante de “esvaziamento”, para dizê-lo dessa forma, numa simplificação atroz.

A pergunta, nesse contexto, seria: o que sobrevive da tese, em termos teóricos, em termos de suas angulações, em termos da reconfiguração sempre inacabada de seu objeto? Tratava-se de considerar, é óbvio, a violência do processo de reestruturação da vida ao qual estávamos submetidos e afirmar, mais do que nunca - de um modo que parecia contra-intuitivo -, a validade do conhecimento produzido para além do modo como esse conhecimento ganhava corpo e se estruturava num trabalho escrito em específico.

Várias nuances poderiam ser consideradas nesse conglomerado explosivo de questões: primeiro, algo da ordem da manutenção da construção teórica de um objeto empírico; junto disso, como segundo ponto, não se pode esperar, obviamente, que a tese tenha poderes premonitórios. No entanto, mesmo assim, talvez já tivéssemos condições de perceber fenômenos que estivessem antecipando o desenho sócio-técnico-biopolítico-arquitetônico no qual hoje vivemos, cada um de nós, em nossas cápsulas, em nossos quartos-bunkers, em nossos retiros seguros. O modo de vida que agora temos repousava ali intuído? Haveria como deslindá-lo, trazê-lo à tona?

Sei que é difícil falar em termos retroativos, numa condicional tão pronunciada ou de modo tão flagrantemente especulativo. A abertura qualitativa do trabalho, contudo, sua postura exploratória e tentativa, sem um marco empírico rigidamente estipulado, ou previamente estipulado - uma postura, aliás, que muito me agradava -, permitiam colocar questões desse tipo, que remetiam para (ou demandavam) um “além-da-tese”, que falavam de uma “sobrevivência”, de sua capacidade de transcendência, muito embora contida, em relação ao “revolucionamento” impressionante que acometeu seu terreno empírico imediato, nosso habitat, nossa forma de estar no mundo pré-pandemônio.

A defesa ocorreu e foi concluída com êxito no dia 24 de abril. Nessa sexta-feira, o Estado do Rio Grande do Sul acusara a 34ª morte por coronavírus. Porto Alegre confirmava 420 pacientes infectados. No Brasil, os números progrediam, cada vez mais assustadores.

6.

No dia seguinte, sábado à noite, aconteceu uma festinha no terraço de um prédio próximo ao meu. O edifício tinha cinco ou seis andares. De onde eu moro, no décimo andar, era possível enxergar aquela junção, a celebração de uma conhecida liturgia: o murmúrio das vozes e das risadas, Maiara e Maraísa e Red Hot Chilli Peppers em alto volume, o tilintar dos copos e das garrafas de cerveja. Sentia-se, apesar da distância, a empolgação geral do encontro.

Pouco depois da meia-noite, incomodados com a balbúrdia, meus vizinhos começaram a gritar, dizendo que já era tarde, rogando que evitassem, no prédio em frente, qualquer aglomeração. Também reclamaram do barulho, do som cuja vibração, àquele horário, em contraste com o silêncio generalizado do bairro, se fazia ouvir por toda parte. As reclamações, por suposto, não foram atendidas. A festa se estendeu madrugada adentro, até às quatro ou cinco horas da manhã. E não terminou sem que alguns dos convivas - dentre os mais embriagados, acredito eu - puxassem um coro em resposta, antes de irem embora, mandando meus vizinhos tomarem vergonha na cara. "Vão trabalhar, pelegada!", eles gritavam. "Vão trabalhar!"

## Referências

- DAVIS, Mike et al. Coronavírus e Luta de Classes. Brasil: Editora Terra Sem Amos, 2020.
- HARVEY, David. O Monstro bate à Nossa Porta. A ameaça global da gripe aviária. São Paulo: Record, 2006.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendendo com o vírus. Publicado originalmente no El País, 28/03/2020.
- RAY, Ellen; SCHAAP, William (orgs.). Manufacturing wars the american way. Melbourne, New York: Ocean Press, 2003.
- SANDRI, Sinara. Brooklyn - Comunicação e insurgência na cidade de Porto Alegre. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tese de Doutorado, 2020, 172p.
- SANTOS, Boaventura de Souza. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Edições Almedina, 2020.
- SILVEIRA, Fabrício. A culpa chinesa. Brasil de Fato, Porto Alegre / RS, 31/03/2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/03/31/artigo-a-culpa-chinesa>.
- \_\_\_\_\_. Ameaças, enfrentamentos e destinos comuns. Brasil de Fato, Porto Alegre / RS, 02/04/2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/04/02/artigo-ameacas-enfrentamentos-e-destinos-comuns>.
- \_\_\_\_\_. Mandetta e os necroempreendedores. Brasil de Fato, Porto Alegre / RS, 06/04/2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/04/06/artigo-mandetta-e-os-necroempreendedores?fbclid=IwAR0TvwczpkrONan7wE9sNophDZe9oVzFYCjgXhuh1DaL9hqDjY9byUNJnjs>.
- \_\_\_\_\_. Globo, Band e o Partido Comunista Chinês. Brasil de Fato, Porto Alegre / RS, 09/04/2020. Disponível em: <http://www.brasildefatores.com.br/2020/04/09/artigo-globo-band-e-o-partido-comunista-chines>.
- VVAA. Sopa de Wuhan. Pensamento contemporâneo em tiempos de pandemias. Espanha: Editorial ASPO (Aislamento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.
- VVAA. Wuhan - No Isolamento do Coronavírus. Histórias de coragem e determinação Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2020.
- ZIZEK, Slavoj. Coronavírus é um golpe estilo Kill Bill para o capitalismo e pode levar à reinvenção do comunismo. AGB - Campinas Geral, 25/03/2020. Publicado originalmente em Russia Today, em 27 de fevereiro de 2020.

VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!

VÃO TRABALHAR, PELEGADA!

VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!

VÃO TRABALHAR, PELEGADA!

VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
~~VÃO TRABALHAR, PELEGADA!~~  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!

VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!  
VÃO TRABALHAR, PELEGADA!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

!

## OBSOLESCÊNCIA E O VÍRUS DA DOCÊNCIA

Sandra Mara Corazza

Docente Colaboradora - Programa de Pós-Graduação/Faculdade de Educação/UFRGS  
Pesquisadora de Produtividade IB do CNPq  
sandracorazza@terra.com.br

### I. Obsolescência

I.

Este mundo (i)mundo não é para se entender; é para se suportar viver nele.

2.

quanto leite espumando  
quanto pânico moral  
quanto sangue derramado  
dentro do meu coração

3.

quanta diabolização de quem não tem o mínimo requisitoafinal o Diabo é um cara  
preparadomuito melhor do que isso que rola por aísaco de época cheia de moralinanão  
confiamos em nossas próprias conquistas?somos mais fortes do que aquilo que aí estáou só  
fizemos estragos?

4.

É um pular desatinado  
É um brincar desesperado  
É um riso aparvalhado  
Este clown sou eu.

5.

Eu já tive certeza; agora, só me restam dúvidas: existiu mesmo uma época em que achávamos  
que viveríamos para sempre e que mudaríamos o mundo?

6.

Será que antes éramos felizes e até sabíamos? Ou isso é mais uma ilusão criada por essa  
fase maledetta?

7.

Quando você entra em uma competição de arremesso de merda, o que importa é o quanto dela  
acerta você.

8.

Em nome do Pai,  
os Filhos miliciam.  
E o Espírito Santo  
bate continência.

9.

Aquele Presidente alega ter uma clareza de visão que só podia vir do fato de ter sido  
amolado na pedra da realidade brasileira. Só não lhe disseram que a tal pedra, em  
verdade, era a dos rejeitos.

I0.

Este Governo se move em devir-barata: entra/sai; diz-que-sim/diz-que-não; sobe/desce; bota/tira; aumenta/deixa-igual.  
Que tal se usássemos aquelas iscas?

II.

No centro de nosso labirinto, habita o Mitonaro.

I2.

Nada contra o Mito quando se confessa que se é seu criador.

I3.

Desafio [tão in]Passei mais de 60 anos considerando o bolso uma das mais incríveis, polivalente e útil, invenção da humanidade. Ganha um prêmio quem descobrir por que, nos últimos anos, o nome que designa essa invenção causa - a mim e a muitos - engulhos e náuseas.

I4.

Agora, a pergunta que nos toca formular e responder é:  
- Como criar para si um monstro?

I5.

É uma BIC... É uma BIC... É uma BIC...

I6.

Era uma vez um juiz, que se achava acima de qualquer juízo. Juiz néscio.

I7.

Olavianos obscurantistasnem o silício os redimirá

I8.

Engraçada a vida.  
Passamos décadas lutando pela INCLUSÃO.  
Hoje, não paramos de gritar  
FORA!!!

I9.

Parece que estamos tentando fazer uma peneira boiar na água.

20.

O presente já é ruim que chegue sem precisar do passado se misturando com ele.

2I.

dança do tempo  
o passado nunca vai embora  
o futuro nunca chega por inteiro  
o presente é sempre um território de atrito  
entre passado e futuro

22.

Por aqui, temos bebido fel.  
Em Valhala, espero que hidromel

23.

No dia 08 de março,  
não queremos parabéns,  
nem flores,  
nem perfumes.  
Só não nos humilhem, não nos surrem  
não nos matem  
não nos empilhem.

24.

Ninguém tem o direito de interromper o sonho alheio. Mesmo se for um tonel de sonos quebrados.

25.

Enquanto tanta coisa está um destroço, tenho o privilégio de contar com amigos que gostam de mim e de quem eu gosto. (Isso é morar na Rua do Ouro.)

26.

Brinde grego

Que nossos inimigos explodam de inveja.

(Acréscimo mórbido: - E não vamos catar nem um pedaço.)

27.

Parece que o final de uma vida se anuncia quando, sentada na cadeira de bronze, ao lado de Fernando Pessoa, em frente ao Café A Brasileira, bairro do Chiado, Lisboa, em meio a centenas de brasileiros, você chega à conclusão derradeira que não gosta mais de viajar.

28.

Dia de anos

Dói-me o tempo.

A vida range.

A morte roça.

E eu me rapo.

(29/07/I092)

29.

sa(lama)ndra

pass(e)adeira

cria(ndurou)

o passa-passando-passou

30.

A vida não é nada justa; a danada é o que é.

Retrovar ou se perder.

(Retrouver ou se perdre.)

## II. Docência

I.

0 sonho da docência: fantástico tear

2.

0 professor decidido a traduzir está;  
pois de ofício outro não lhe é o fado.

3.

Antes e toda-vida

balbúrdia

do que perversos

balbucios

de estrupícios estropiados.

4.

Esta bandida da Filosofia sempre foi perigosa: corruptora dos jovens,  
dando o que pensar, criticar, interpretar, traduzir.

A começar por seu nome: do gênero feminino.

Só podia ser mulher... Ferro na boneca.

5.

Fica decretado, desde o Salão Central do Sanatório Geral, que todos os Cursos de Ciências Humanas e Sociais dêem um retorno imediato ao Estado e a Deus acima de Todos. Retornar! Volver! Sentido!

6.

Do que conheci, estudei e escrevi de Paulo Freire, acho que ele detestaria esta posição de muso de seja lá quem for, em nome de qualquer agrupamento, contra vocês sabem quem... Ora mais do que nunca ou até o fim... Posições mais antifreireanas nunca vi iguais.

7.

De nada vale ser um filósofo qualificado se você for parar dentro da boca do Olavo de Carvalho.

8.

Eis que, mais uma vez, a história se faz. Tudo o que a professora construiu na vida foi feito não apenas de letras ou de frases ou de tinta, mas dela... e de tudo que ela nem sabia que dentro dela havia.

9.

Na vida e na amizade

De quantos eventos desmesurados participamos; em quantos textos difíceis fomos parceiros; de quantos problemas falamos entre nós para buscar apoio. Emocionada, absorta em contemplar os amigos, colegas, alunos e orientandos, presentes naquele auditório, no Vale do Taquari, pensei que havíamos compartilhado anos, até décadas, intensos, ao longo dos quais conhecemos o que vale e o que não vale na vida e na amizade. Um tempo, em que tínhamos apreciado a proximidade e mesmo a distância uns dos outros, até cada um sentir-se reconhecidamente acompanhado. De modo que todos éramos um e éramos também o resto do clã, numa mescla intrincada de experiências, ganhos e perdas acumulados, preservados das erosões de fora e transformados em muralhas, atrás das quais nos refugiávamos das mais diversas invasões, como sobreviventes que somos de muitas devastações. Vocês é que fizeram tudo isso. Eu colhi os meteoros. Por vezes. Quando tive sorte. Na maioria das vezes, só comi poeira. Do deserto.

10.

Dom esquivo

Acumula, organiza, arranja as folhas. Solidão forçada. Empenho doloroso. Dúvidas incisivas. Gravação de letras. Inscrição de sílabas. Lapidação de frases. Combate desigual. Injusto. Algum sentido. Uma fresta ao menos. Mistério da vida. O que aflige. Como se faz? Verdade que se desfaz, se esgota, se fina. Circunstâncias inapeláveis. Degradação. Folhas pelos dedos. Sensação de distância. Estranheza dérmica. Textura fibrosa. Galhos nas mãos. Pregos nos pés. Pele rústica. Pungente contrariedade. Muitos dias. Longas noites. Dedilhado. Riscos. Anotações. Incapacidades. Sobressaltos de buscas e de encontros. Espicaçamentos. Presente recuperado. Atos e pensamentos. Vidas passadas. Dom esquivo. Recorrências. Possíveis aleatórios. Mãe da história. Herança. Império do tempo. Obsessões. Atitudes. Vida herdada, recriada e vivida. Transfusão de propriedades. Sobreposição aleivosa. Escreve-se o transcorrido. Irreversível. Fugaz. Magnífico. Registro. Nave funerária que paira. Fantasmas que não se esfumam. E ficam. Véu de lágrimas. Ponto de dilaceração. Maldição do demiurgo. Mudas de pés. Tronco inerte caído no recanto do canto. Descarte também é arte. Experiência livresca. A vida docente é isso. Menos humana e mais escrevinhadora.

II.

Em nome da escritura, garatuja-se.

Em nome da escritura, engruvinha-se.

Em nome da escritura, escrevinha-se.

Em nome da escritura, literatura-se.

I2.

Eu não escrevo; sangro pelos dedos. Meus rabiscos tintos se desdobram em um longo fio de tinta.

I3.

No banco da escola

Atravessei o portal entre os mundos e abri a primeira porta, indo dar em uma sala de Aula. Deparei-me então com professores, alunos, armários, livros, quadros, luminárias, capachos e janelas com telas, voltadas para o pátio de recreio. Existia ali um gramado malcuidado, de costas para mim, imóvel, virado para uma grande macieira, parcialmente seca, cujos frutos apodreciam no chão, enquanto outros eram bicados por vespas e passarinhos, impregnando o ar de fortes aromas. No começo da tarde, a luz era cinzenta e clara, o ar estava úmido depois da chuva recente. Havia um pequeno caminho pavimentado com pedras mosqueadas, que pareciam ter vindo de York. Haveria um rio, ali por perto, depois do barranco? Não saberia dizer, mas existia um galpão. Para chegar até ele, era preciso passar por tufos de urtigas e de malvas-rosa ainda em flor. Antes de um pequeno pomar, plantas de groselha e cassis eram sufocadas por um capinzal. Perto de uma estufa em ruínas, originalmente feita de tijolos e ferro fundido, toda coberta de musgo, havia um tonel de água e um poço de pedra. De longe, finalmente enxerguei os três salgueiros que se debruçavam sobre o rio. Ao longo de um muro de tijolos cor de laranja que se esfarelavam, havia um banco de pedra voltado para a Escola. Era lá que o Diabo estava sentado, me aguardando. Foi lá que, soltando um riso excruciante, ele juntou a história de toda a minha vida de professora e a amarfanhou numa trouxa sebenta. Apertei-lhe as mãos e, nesse gesto, findei por lhe entregar todos os sonhos. Brindamos à pífia negociata com água tinta de sangue. E nunca mais fui feliz...

I4.

O professor ReifreQuando o professor Reifre abandonou sua caverna, depois de vinte e três anos de meditação, podia sonhar conscientemente a Aula e assim criar formas curriculares e didáticas. Podia transformar seu corpo numa massa ardente de fogo ou numa extensão de água parada. Podia projetar-se para fora do seu corpo físico. Podia deslocar-se pelo universo em todas as direções. Mesmo que soubesse, desde Nietzsche e Freud, que a consciência é, na melhor das hipóteses, uma máscara, Reifre estava se tornando um ser consciente, que acreditava na Docência. Isso implicava estar num sonho de Aula, saber que sonhava e manter o controle enquanto dormia. Tratava-se de uma experiência que refutava uma concepção materialista de Aula. Pois, não é verdade que a maioria dos professores estão adormecidos quando acreditam estarem acordados? Estar acordado nos sonhos, para um docente, é começar a despertar do sonho da vida; além de intensificar e expandir a consciência de que aquele que sonha também ele é sonhado. A lucidez é o primeiro passo do sonhador desperto. Dom Juan de Castaneda[i] ensinava procedimentos para adquirir um domínio pragmático da situação geral de um sonho, como: olhar para as próprias mãos, escolher um destino, voar. Decidir ser consciente, enquanto sonha, requer escolher, antes, para qual objeto, ser ou ação ficar dirigido durante a experiência onírica. Junto ao Eu, à Alma, ao Tigre, ao Guerreiro, ao Caçador, ao Espectro, ao Querubim, ao Conhecedor..., o sonhante passa a existir conscientemente nos sonhos e se torna apto a perceber uma realidade diversa da realidade material da Docência, mesmo que ambas estejam interpenetradas. É que importava a Reifre experimentar as ações incorpóreas da Docência e aprender as suas leis oneirocríticas que regem a direção consciente na Aula... Essa é a dedicação de nossas pesquisas, desde que passamos a indagar e a responder: qual é, por excelência, o ato de criação docente?

III. & o Vírus

I.

Epitáfio atual

- Êta democracia ampla, geral e irrestrita! Não foi por falta de vírus.

[i] Carlos Castaneda. A arte do sonhar. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 1995

2.

Enquanto isso na Quarentena: - E aqueles  
que não têm casa  
ficam onde?

3.

todo o mundo  
(literalmente)  
está tirando  
a sua casquinha  
do Covid-I9

4.

cuidado com o Capitalvírus-20  
sua letalidade é de 100% para os grupos vulneráveis

5.

Prisioneiros de Nós mesmos.  
E do Mundo. E da Terra.  
E do que fizemos com esses três maltratados Seres.

6.

Os Deuses estão descansando.  
- Precisamos de ajuda, concluiu o Diabo.

7. Tentar seguir suave na nave.

8. No filme espanhol O poço, visualiza-se o Brasilimundo no nível 333.

9.

Cada dia, ao acordar, vem junto o desejo que tudo isso fosse só mais um pesadelo.

10.

Passou a Grande Ceifadora e disse:  
- Tem muita gente... e velha.

11.

A maior surpresa que se pode ter na vida é a velhice. Talvez supere a imaginação humana.  
Descobrir, em um certo dia, que, biológica e socialmente, a nossa existência é  
irrelevante e já não tem mais serventia neste mundo não é fácil nem previsível.

12.

Tinha?

Agora, é o seguinte: tinha de ser conosco???

Já não chega os idosos estarem na lista de desviados, de inadequados, de indesejados, de  
não-seres; logo, de dejetos, desde a Matriz Platônica na Grécia Antiga?

Já não chega a tal velhice ser a maior surpresa que alguém pode ter na vida, mais do que  
a morte inclusive?

Já não chegam tantas limitações de movimentos, dores nas articulações, mudanças na  
carcaça, no esqueleto, na pele, na mente, nos dentes, nos afetos, nas relações, na  
sensação de (des)pertencimento?

Tinham que botar, no caldeirão fervente, que é esse (i)mundo do século XXI - que nos  
tocou para morrer -, um super-vírus cuja preferência de letalidade são os idosos?

E não deixar dúvida alguma: chamar, descarada e cinicamente, esta versão de Thanatos  
de corona (coroa)?

Ah, vão catar coronavírus!!!

Vão. Vão.

Xô. Xô. Xô.

I3.

Nunca pensei em me sentir criminosa por ser idosa.

Virá também a Tropa de Choque, com fuzis e cachorros, recolher e guetizar os idosos?

I4.

Nós, idosos, nos sentimos uma bomba-relógio. Não é fácil, pois só sabemos que estamos acionados, mas não sabemos quando explodiremos; nem, muito menos, como nos travar.

I5.

Revelada fica, agora, a verdadeira Reforma da Previdência: genocídio em massa dos idosos.

I6.

O papão

incrível como um vírus pode virar

mais uma matéria burra de polarização

entre esquerda e direita

entre ministro e presidente

entre ocidente e oriente

entre democracia e ditadura

entre capitalismo e comunismo

entre saúde e economia

entre cores partidárias

estamos mesmo perdidoso

mundo que nos pariu acabou

nós, como fomos subjetivados, estamos exterminados

as cidades não serão mais as mesmas

o lazer mudará

o capital se modificará

a família voltará a se nuclear mais apertadamente

os velhos sumirão de vez e deixarão de pesar no orçamento nacional

a ciência terá de aprender a se IMPOR POLITICAMENTE COM MAIS VEEMÊNCIA

para evitar essas pandemias

[agora, não adianta dizer nós avisamos... como assim, Pedro Bó? há um gozo de poder

vazio/inútil/gozo puro, nesse dizer nós avisamos, mas foram eles que não ouviram; temos

de dobrar isso e os pesquisadores e cientistas têm de se perguntar: como foi que

avisamos? com que ênfase avisamos? como divulgamos as nossas pesquisas? cada um em seu

gabinete ou laboratório, com seus bolsistas e orientandos? em sua Rede de Pesquisa? em um

Periódico AI, lido por meia dúzia de colegas? como partilhamos os nossos resultados de

pesquisa? como estamos constituídos em associações e como elas se apresentam em termos de

poder-saber e de efeito de impacto, junto aos governos e suas políticas públicas?]

tem muita coisa a ser modificada

principalmente nossa estupidez e hipocrisia

diante da força erguida sobre o mundo

e das toupeiras e chacais que a mantém funcionando

I7.

Tive uma premonição com ponto de interrogação:

- Organizar meus livros e depois morrer?

Pensei em Bartleby, o escrevente: - Preferia não[ii].

Que fiquem os amigos de vida inteira como estão

e eu com eles à mão.

I8.

Outra manhã. Perplexa, ao constatar que a vida segue vidaziadando.

Como sempre acontece.

Só percebemos como isso é assombroso quando uma parte de nós fica para trás.

19.

Estou pensando em escrever para não morrer.  
No momento, pratico uma anti-tanatografia.

20.

Para trás

O dia em que nos inquietamos com o futuro é aquele em que deixamos a infância para trás.  
O que será que deixamos para trás quando chega o dia de nos inquietarmos com o futuro do nosso passado?

21.

Ando ensombrecida porque meus filhos e netos estão sendo obrigados a andar pelos caminhos desse (i)mundo.

22.

Deus Pan, senhor do pânico, em ação total no Brasilimundo. E os seus intercessores são os fantasmas que circulam no arquivo.

23. Paradoxo

Um pretenso espírito nietzschiano sentir a sofrência da distância do rebanho.

24.

Síndrome

E se, nessa Quarentena, estivermos desenvolvendo a Síndrome de Estocolmo pelo Coronavírus?

25.

Peço à “vida toda linguagem” (Mário Faustino[iii]),  
que me traga de volta a potência infantil,  
para que eu não pense no futuro.

26. Quando achamos que encontramos o sentido da vida, ele já mudou.

27.

Frase de Oswald de Andrade[iv],

que poderia ser repetida pelo Despresidente Oligárquico do Brasil:

“O Brasil é uma República Federativa cheia de árvores e de gente dizendo adeus.  
Depois todos morrem”.

28.

Poemeto do dia 29/04/2020

A cada dia que passacaem-nos mais

- os cabelos

- a ética na política

- e os butiás do bolso

como as folhas no outono.

[ii] Herman Melville. *Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street*. (Trad. Tomaz Tadeu.) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.57.

[iii] Mário Faustino. *O homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.70-71.

[iv] Oswald de Andrade. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p.20.

29.

A vida da gente é uma péssima peça de teatro. Romance não é; ou é uma tragédia ou um dramalhão. Não há roteiro; se o há, é furado. O diretor é fraco. Os atores são canastrões ou não seguem os seus papéis. A dramaturgia é castigada, como uma jangada em alto-mar. Ou como uma menina que caminha com os sapatos de salto da mãe. O esquireitor salva-se, jogando palavras sobre os acontecimentos. Palavras que, aliás, rastejam para debaixo da terra, sob a luz do dia, tão vexadas quanto os vermes. Com esforço, angústia, sofrimento, as palavras desesperam-se o tempo todo, mas continuam sendo espirradas e tossidas. O que o esquireitor fará se não escrever? Vivemos numa prisão domiciliar, com cenários que se transformam o tempo todo. Somos atores desalmados de uma maldita peça que ninguém mais assiste, que ninguém escreveu e sequer dirigiu. Nos intervalos, bebemos urina de jumento. E o nosso medo acompanha toda a farsa. Seria diferente se eu fosse uma dançarina de burlesco.

30.

Esperança[v]

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano

Vive uma louca chamada Esperança

E ela pensa que quando todas as sirenas

Todas as buzinas

Todos os reco-recos tocarem

Atira-se

E

– ó delicioso voo!

Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,

Outra vez criança...

E em torno dela indagará o povo:

– Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?

E ela lhes dirá

(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)

Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:

– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

es-

pe

r

an-

ça.

ADEUS A ARTURO BANDINI SEGUIDO DE NÃO MAIS QUE COMO UM SUSTO E OUTROS TEXTOS  
OU DA NÉQUIA AO QUASI COELUM

Marcos da Rocha Oliveira

Pedagogo, integra o DIF - Artistagens, Fabulações, Variações (UFRGS); o Grupo de Pesquisa t3xto (UNIPAMPA); e a ZIP - Zona de Investigações Poéticas (UERGS/UFRGS/UFPEL).  
marqosoliveira@gmail.com

I.

(Adeus a Arturo Bandini.)

Que o vírus lembre o gosto de laranjas ou leite azedo ou simplesmente a força do vento que move montanhas de areia fina e cobre como plástico-filme-líquido-boreal os punhos cerrados de quem desce as escadarias temendo a si mesmo: pouco importa. Eu já estava jogado ao deserto, alguns passos na imensidão seca da perda de um rosto para sempre embalsamado no calor seco de uma vida em chamas neutro-azuis, quando conheci John Fante. Era uma tarde daquelas e o sujeito estava no meu entorno, de modo que tudo aquilo que me fazia desprezá-lo por outras preferências literárias e de escrita faziam-me deixá-lo por ali, apenas um conhecido, um tanto quanto desprezível por toda sua gama de gestos e tudo mais. Sim, hoje eu sei, que todo o desprezo por aquele que ali estava não era mais do que a triste sombra cintilante, uma sombra refletida, clara-neutra-chumbo, que era o meu próprio rosto apagado ao sinal do sorriso ensaiado e das defesas de minha tão imatura retidão. Pouco importa. O sujeito estava lá e um dia a cada palavra lida eu crescia como quando se assopra a lenha e o vermelho-brasa mostra-se. Ele dizia de mim sem nenhuma coincidência. E eu estava possesso por conta disso. Acontece que alguns tempos depois eu carreguei Arturo Bandini em "Os Sonhos de Bunker Hill" para mais uma empreitada em direção ao descabro de uma família, vizinhança e afazeres que eu mesmo desconhecia a potencialidade. Diziam praia. Incluía toda a sorte de pobreza da alma e proezas de um ônibus sem ar-condicionado e corpos que se faziam brotar sem nenhum sentido. Sim. Eu encontrei o livro em um contexto esplendidamente improvável, uma edição rara, lá, perdida, entre conchas, lembrancinhas e todo o lixo de coisas mal feitas em plástico que a humanidade ainda inventará para os camelôs-centrinho daquele maldito lugar. E as pessoas, meu caro, nós, eu mesmo e tudo o mais, nós éramos um e em perfeita comunhão com tudo aquilo que de mais dolorosamente banal e não-sublime poderia existir, como fila e sacos de pão e todas as gramas de mortadela sem gordura de sabe-se-lá-qual-procedência e sal. Sim, há o divino em tudo que se expressa, mas, desculpe-me, não era o caso. De qualquer forma, eu me encerrava no quarto cinza com chão de cimento e sem janelas, preferindo a insuportabilidade do calor e do suor a qualquer convivência. Ler era uma fuga esquisita, mas já utilizada por alguns que ali estavam e a pecha de estranho-lindo-bravo-inteligente-ranzinta-bonitinho e tudo mais deplorável que se pode atribuir para esconder-se na magreza-clara do outro já me deixava em uma posição desde sempre confortável para não estar ali ou em qualquer lugar ou cômodo para chamar de casa. A casa sempre esteve tomada. De certa forma, estava tudo bem. Ele está lendo. E tudo seguia o seu habitual desleixo travestido de alegria, familiaridade e comunhão. De tudo, tudo mesmo, tudo me dizia respeito, mesmo sem nenhuma coincidência concreta entre o que eu lia e vivia. Mas, enfim, lá estava a minha angústia e meu medo e meu pavor de um rosto seco ao deserto sorrindo o sorriso a ser inventado por Fitzgerald para lidar com todo o colapso no qual eu já estava mesmo antes de tê-lo lido. E, enfim, de tudo aquilo que dizia respeito a quem escrevia Arturo Bandini eu me adonava e fazia um só grito costurado na etiqueta de roupas novinhas todas-iguais ao lixo de coisas mal-feitas por pequenas mãos e desespero em algum outro planeta destinado a tomar o nosso mundo se assim seguirmos deixando. "Está tudo bem". Pouco importa, enfim.

Mas acontece que todo o desprezo tortuou o apreço e lá estava eu, naquele agora, fazendo dele um entorno mais chegado, um parceiro de escrita. Há um enorme buraco em tudo isso, como se durante alguns anos, enquanto eu me mantinha numa espécie de balcão de bar espiritual, minha vida fosse composta com arranjos biográficos tão comuns como as coisas cintilantes das barraquinhas que escondiam o azul bacana da capa do livro de bolso de John Fante. Pouco importa, eu sei, mas mesmo assim a suspensão de vida era aquele momento em que quem observa não sabe qual é aquela dose, se ela será tomada como a primeira ou a derradeira ou se perfaz apenas um longo dia ou uma ruptura daquelas ou uma enorme festa (não, isso não). Que horas são? Há? Oquei. Acontece que eu fechei os livros de John Fante, apostei corrida com Arturo e decidi que estava na hora de deixar o bar espiritual e seguir minha jornada para seguir a minha jornada seja lá o que isso queira dizer. Agora mesmo, confesso, chego naquele exato momento do texto onde meus dedos prefeririam um piano preparado para seguir em sua cômoda aventura, mas que, pouco importa, só me resta um fino piano e o desejo de dedos tão belos como algo que eu não consigo escrever ainda. De toda sorte, as pequenas resoluções são assim e decidi expurgar tudo aquilo que já não me diz respeito. Assumir e arcar com a responsabilidade de dizer adeus a tudo aquilo que não me diz respeito e que odeio com todas as forças de minha natureza - mesmo se sigo, por vezes, voltando para escrever um texto como esse. Adeus, pequena praia, cinza-cimento e grãos de areia e toda a sorte de carne podre a ser ingerida para sustentar o corpo que se mantinha em suspensão naquele bar onde o tempo era só isso, suspensão triste de uma vontade de fracasso que só atingia aqueles que já eram o seu êxito ao revés.

## II.

(Não mais que como um susto)

As coisas haviam ficado perigosamente iguais por longos anos-buracos e por mais que algo se movesse o que se apressava era o fim. Eu decidi que deveria correr. Coisa simples. Sempre repetia que achava uma idiotice correr do nada para lugar algum. Eu não estava errado. Aquele era eu. Apenas um idiota que estava sempre no mesmo lugar - mesmo se decidisse correr ou viajar ou viver em outra cidade. Foi preciso uma lição dura, conquistada ao longo de uma avalanche de solidões para aprender aquilo que meu corpo sempre soube. Até hoje, não sei escrever tal lição. Eu repetia, também, que nunca teria um gato. Uma gata me ensinou aquilo que meu corpo sempre soube. Hoje, vivo quieto e feliz. Permaneço na impermanência. Isso é o que eu decidi repetir, agora. Não tenho um distanciamento ao ponto de escrever algo que possa dizer respeito a todo e qualquer um. Eu sinto e escuto os passos que tentam me manter em uma distância propícia à derrota. Não há lapso para abstrações. Encontro-me aqui e escrevendo por uma espécie de necessidade desmesurada. Nada pensado, nada pretensamente original. Apenas um esforço para se manter em movimento. Mas, não se engane, eu me esforcei muito para escrever e voltei em cada palavra o maior número de vezes que consegui. Mesmo tendo escrito algo como "apenas um esforço para se manter em movimento". Já não encontro uma certa legião para responder por meu nome. Já estive em uma. Pulei fora e abandonei os livros que não me serviam mais. Rasguei trechos de alguns, aliás. Abandonei outros na rua. Sejam felizes, adeus. Não há bando que o sustente quando seu corpo esconder um lindo colapso. Os ratos também sabem aplaudir o seu reflexo. Encontre e prefira a sua solidão e aqueles que a propiciam. Somente um autor insiste em querer me dar o tom. Sobrevivência. Mas eu o recuso, intimamente. Eu quero ser um vencedor na jornada que criei e não adianta mais fingir que não e competir com as sombras. Assim, espero ser mais rápido e correr mais - sozinho. Esforço-me para isso até o limiar de dor que suporto. Não vejo, para mim, vantagem alguma em ser lento, desprezioso. É certamente mais uma armadilha; então, que seja. Em instantes, espero escrever melhor e publicar mais. Esforço-me para isso até o limiar de dor que suporto, mas não deveria ser assim e isso certamente não está fechando as contas. Na verdade, sejamos honestos, eu simplesmente deveria entregar mais de meu corpo para a escrita (preferiria me recusar a escrever sem ele). Por incrível que possa parecer, será?, correr está mais precisamente esboçado do que escrever, naquilo que seria a mandala de minha vida ou eu vivendo minha vida feliz.

Em instantes, eu quero mais beleza, também. No meu corpo que corre e nos textos que escrevo. Por algum motivo que eu não consigo determinar, o belo foi por mim saturado, raspado, até que sobre ele eu pudesse escrever uma obscuridade íntima que dizia respeito a qualquer um. Sim, eu sabia tocar a sombra que há em você e agora mesmo poderia facilmente fazê-la apertar o peito. E o tocava com certo orgulho, como esse que presunçosamente explicitarei agora. É claro que tudo não bastava de mediocridade, um uso incorreto de verbos, um desespero que até possuía sua plateia de desesperados e fracos - mas, que nunca possuiu a força de algo realmente tocante, que pudesse estar no coração de todos e qualquer um, ao ponto de perdurar, de despertar interesses desinteressados e seguir por si só, sem o entorno daquele corpo que apenas escreveu. A beleza ou vencer só dizem respeito a mim. Você nunca saberá do que se trata. O fracasso sorri e lhe cobra fielmente. Não mais que como um susto.

### III.

(Outro texto - I)

Era para ser algo bacana sobre a corrida e aprender com a dor, com a suportabilidade dos golpes ou coisa assim. Desculpem-me, não foi possível! Talvez se eu tivesse começado a escrever em um dia bom, como aqueles em que eu sinto toda a vida e me emociono pelo simples fato de estar aqui. Não foi possível chegar lá e agora penso que talvez a intenção inicial fosse apenas pretexto. O que importa? Talvez eu tenha trocado a máscara e exercido uma outra seletividade para esconder-me na legião. Talvez, por isso a dificuldade em escrever - como se eu não possuísse mais um espelho e a superfície possível ainda não estivesse a contento (falta de opacidade, excesso de transparência?). Não faço a menor ideia. Correr isoladamente, como sempre, talvez esteja funcionando como uma ética. Ao correr conquisto o bocado de solidão essencial que desejo. Como outro texto para o texto já escrito. A palavra plural de um Maurice Blanchot com o corpo de Emil Zátópek. Corro e escrevo e parece que a estupidez dos tiros de quatrocentos metros de ontem perseveraram em um novo contorno: só não fazem sentido porque não foram mais tiros e porque não foram tiros mais velozes. Há, também, quem corra e escreva e talvez sejam de todos que o fazem que eu roube o pretexto. Haruki Murakami e eu nunca caminhamos. Eu entendo perfeitamente o que dizem e os sinto, mas para mim o que dizem não é suficiente. E não consigo imaginar como fazer melhor. Como quando Emmanuel Levinas me entrega toda sua noção de responsabilidade no "adeus" a ele proferido. Como quando Fitzgerald quebra. Como quando Gilles Deleuze fala dos buracos em uma (a sua) vida. Como quando tento ler Spinoza em latim. Leio e penso que sempre se pode correr mais depressa e uma distância maior. Outro texto, outra corrida. Não outro artigo e outra prova. Escrever mais, correr mais. Sozinho. E seguir. Cada vez mais veloz, ao ponto de produzir aquele instante de suspensão do tempo e de aniquilação do espaço. Uma quietude feliz. Uma revolução alegre. Air out.

### IV.

(Outro Texto - II)

Durante a espera, anotei como se fosse plural - o vírus e a minha voz. Devemos prestar muita atenção ao vírus. O vírus é um guardião. O que ele guarda? Ao nos questionarmos sobre o vírus, por certo, estamos menos interessados na resposta, que seria a desgraça da questão, mas mais propensos a nos colocarmos diante daquilo que Maurice Blanchot poderia tratar por "A questão mais profunda". O vírus é a palavra que, aqui e agora, nosso tempo, escolhemos para designar nossa interrogação mais insistente. Por isso, eu gostaria de ter para mim as palavras de Blanchot: "Interrogamo-nos sobre o nosso tempo. Essa interrogação não se exerce em momentos privilegiados, ela se realiza sem trégua, ela própria faz parte do tempo, ela o fustiga à maneira insistente do próprio tempo.[...] Questionar é buscar, e buscar é buscar radicalmente, ir ao fundo, sondar, trabalhar o fundo e, finalmente, arrancar.[...] O tempo se busca e se experimenta na dignidade da questão. [...] Não sabemos se as questões formam um todo, mas sabemos que elas só parecem questionar quando questionam na direção deste todo, cujo sentido não é dado, nem mesmo sob a forma de questão.

Questionar é, então, avançar ou recuar para o horizonte de toda questão. Questionar, portanto, é colocar-se na impossibilidade de questionar com questões parciais, é experimentar a impossibilidade de questionar particularmente, embora, toda questão seja particular e tanto melhor colocada quanto mais firmemente responde à particularidade da posição. [...] Interrogamo-nos sobre o nosso tempo. Essa interrogação tem seus traços próprios. Ela é insistente e não podemos, nem por um instante, prescindir de interrogar. Ela é total, buscando, em tudo que há a desvelar, a questão de tudo. Ela interroga o nosso tempo que a carrega. Enfim, interrogamo-nos interrogando esse tempo.” Se o vírus é a palavra que guarda, guardião que suspende a afirmação, sua altivez possibilita o movimento da questão. O que ele guarda? As agruras da possibilidade de convivência, já apontada por Bauman? A responsabilidade diante do rosto (diante de qualquer rosto!), nossa humanidade possível mediante a afirmação da alteridade? - ao modo de um Emanuel Levinas... O familiar e comum como paradoxo da estrangeiridade? Toda a humanidade contida no rosto cotidiano, rosto que encarna a possibilidade de todo o mal? O vírus guarda a questão e, de qualquer forma, por essa totalidade sempre presente e agora evidente ao homem cotidiano, de que interrogar é pronunciar a questão “mais profunda”, a resposta será - necessariamente - uma espécie de desgraça da questão. O vírus, para mim, faz existir algo como “humanidade”. Coloca a questão. Interroga o tempo. Humanidade? Mas, o que a questão guarda?

V.

(Outro texto III)

solidão que suspende a espera  
pintas, ela está em mim  
a gata sorri



## CONSTRUCTO CIRCULAR

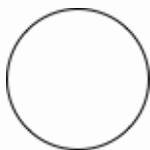
Paola Zordan

Docente do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do grupo de pesquisa Arte, Corpo, enSigno (ARCOE) e membro do Núcleo Transdisciplinar de Arte e Loucura (NuTAL/UFRGS). É formada professora de Magistério das Séries Iniciais pelo Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha e Bacharel em Desenho, licenciada em Educação Artística (ênfase Artes Plásticas), doutora e mestre em Educação, pela UFRGS.  
paola.zordan@gmail.com

Por Paola Zordan, início de maio

Exercícios literários-visuais em torno do mito de Teseu e o labirinto de Ariadne, fruto de reverberações de leituras brasileiras de Nietzsche e de forças atemporais filologicamente estudadas; por uma professora das Artes Visuais que não teme a morte, mas não tem a menor paciência com doenças, isolada socialmente em 2020. A presente composição, que se desenvolve em torno de variações do círculo, tem influência de uma formação acadêmica ao estilo Bauhaus. O procedimento, ainda que traga figuras icônicas da Filosofia da Diferença: Teseu, Ariadne, Minotauro, tem fortes traços do currículo formalista que vigorou no século XX. O uso diversificado de uma só forma é estratégia plástica há mais cem anos. Tal qual esse mundo do século XXI, carente de fármacos, adito em substâncias, desesperado por palavras, o que aconteceu entre 1920 e 1940 não pode ser ignorado. Guerras e pressões totalitárias não podem ser esquecidas no presente momento. Fuga é pouco.

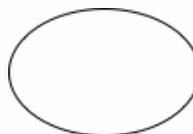
0



desespero de Ariadne.

Naxos.

A Ilha deserta.

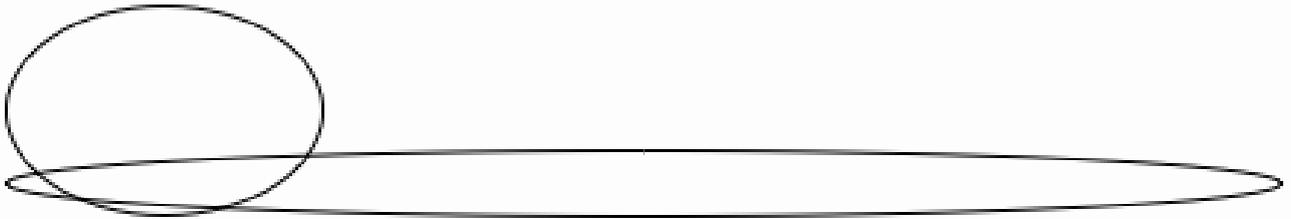


A casa caiu.

Minotauro escondido no meio.



Teseu não retorna.



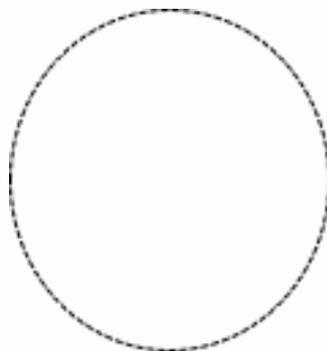
Não há labirinto desenhável que possa traduzir a mente.  
Qualquer desenho não passa de uma esquematização.  
Falha.



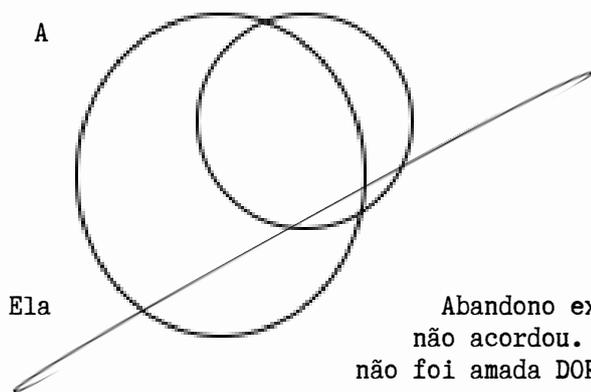
Sempre falha. Do fio.



Tudo o que



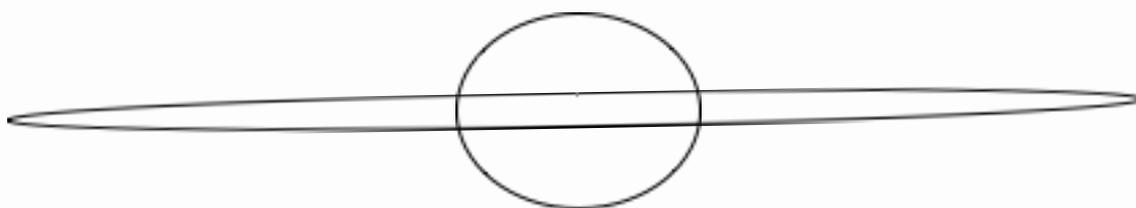
não se preenche



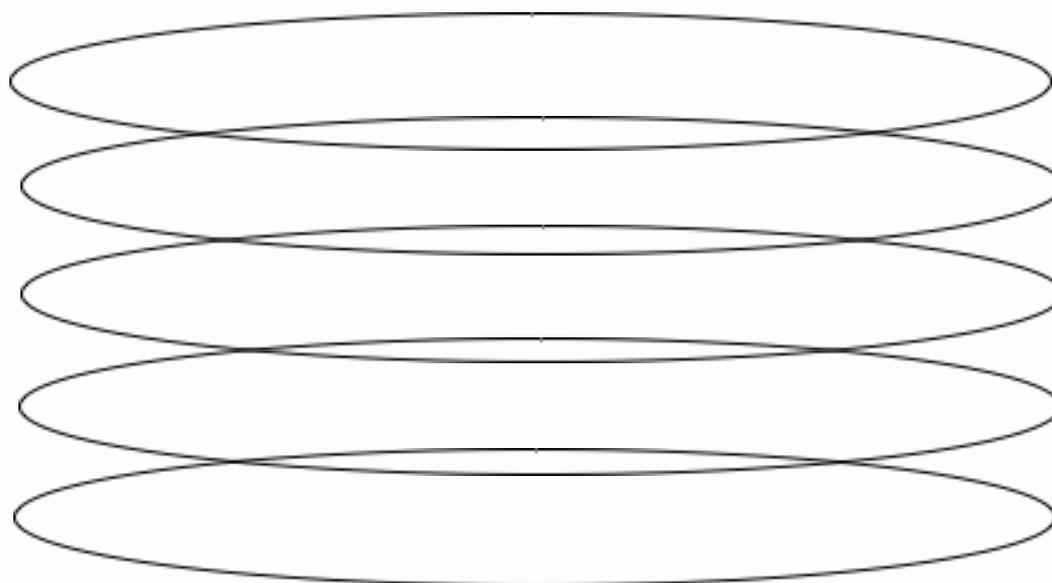
pureza se corrompe. Enforcamento necessário.  
O pendurar-se.  
Aguentar a posição inversa.  
Solidão.  
Quando a compaixão constelatória aumenta.

Abandono exposto.  
não acordou.  
não foi amada DORMINDO.

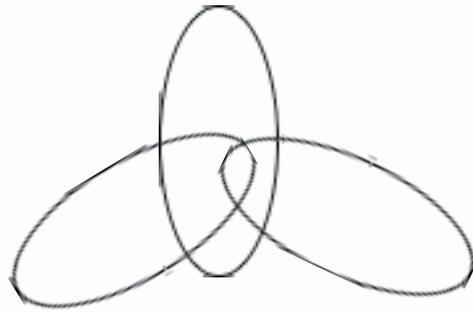
Ariana não tem castelos. Sua pele se confunde com areias. Seus cabelos se espalham no alcançar das ondas. A corda de navio, amarrada em seu pescoço. Culto difamado. Falta de perspectiva. Nenhuma saída.



Somente os deuses, esses professores do destino.

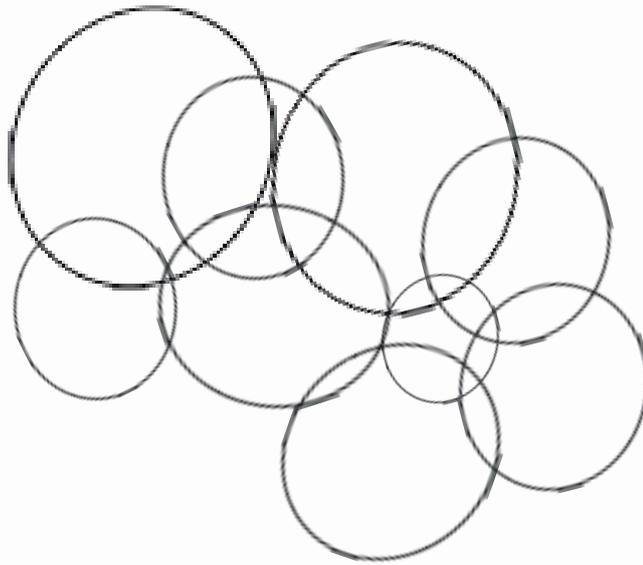


DIADEMA

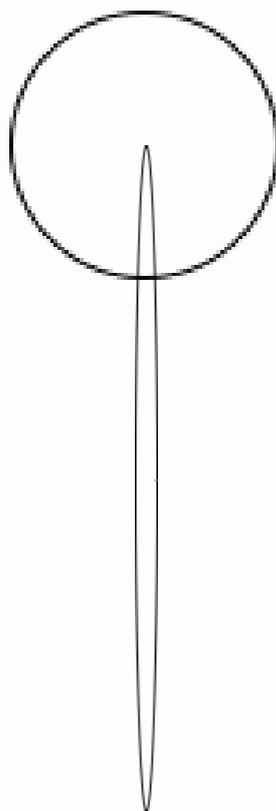


DIONISO

vinhas



perdias  
por dias  
silêncios  
num diário pandêmico  
cujas anotações  
são pedidos de socorro



Aperte, o Nó.

● Junto a uma dura conjunção de Saturno e Plutão, após a aguda passagem de Jupiter, alinhando luminosamente os grandes astros à Marte, astronomicamente na constelação de capricórnio, grau descritivamente anarético, no símbolo astrológico de áquario, antes de retrograrem. Isso mostra que não podemos permitir que o medo nos domine. Lutar pela Justiça requer cautela, prudência, recolhimento. As pesssoas no supermercado se tornam avarentas; na mídia, os imprudentes mostram o quão ridículo que pode ser um alvorecer das trevas travestida de luz. Não se sabe o que pensar dos tucanos que se arvoram, dos pobres marionetes apontando o revólver da ignomínia, das falhas no serviço funerário, nos corpos que se avolumam dentro dos containers. Rezemos, atotô. São tempos de Obaluaíê. A vida pode se segurar somente em frutas e flores. Se houver florestas, sempre haverá cura. Hades tem as riquezas e os segredos, Cronos pede mais tempo, os guerreiros se eriçam, o mito começa com a exigência de sacrificados e termina com o herói se matando no abismo.





ENTRE ZOE E BIOS, A VOZ.

Ester Maria Dreher Heuser

Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIOESTE-Toledo/PR  
esterheu@hotmail.com

I.

A palavra de ordem é clara: #FiqueEmCasa.

Fique em casa para achatar a curva e não colapsar o sistema de saúde.

O comando atravessou os sete mares.

Ordem poliglota que nos chegou com um quê de desconfiança e um certo delay.

Daí também se ouve, aos berros: #OBrasilNãoPodeParar.

Ordens desencontradas.

Polifonia desconcertada.

Quem escuta não, necessariamente, autoriza a voz de quem fala.

Colapso antecipado: o “ourives do palavrado” [i] e tantos outros não tiveram vez.

II.

“Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte” [ii].

III.

Dedo em riste: “Cala a boca!”.

Um corvo, do passado, retruca: “Cala-boca já morreu”.

A curva ascende.

IV.

Qual ordem seguir? Nalgumas janelas e sacadas, alvos panos; noutras, tra[n]pos verde-amarelo. Mais do que nunca “O Brazil não merece o Brasil/O Brazil tá matando o Brasil [...] Do Brasil S.O.S. ao Brasil” [iii]. Na Terra Brasilis, vírus & inépcia, do governo central, deram-se as mãos (sem álcool-em-gel nem água-e-sabão!).

V.

Zoe se impôs à bios. Aqueles que escolheram o branco sabem, com nitidez, qual ordem obedecer, à risca: as leis naturais da espécie. Lave as mãos! Alimente-se bem! Durma na hora certa! Não troque o dia pela noite! Tome Sol! Mantenha a imunidade alta! Tudo isso, EM CASA. Zoe é imperativa. Única. Singular. Não tem lugar para a pluralidade, nem para a liberdade. Rainha absoluta no reino da Necessidade, nenhum indivíduo da espécie poderá escapar de suas determinações e manter-se vivo. Ela se impõe como vida necessária e não está nem aí para a vontade individual. Simplesmente coage e “regula a vida do corpo, a natureza dos instintos, as leis naturais dos desejos, a necessidade de alimentar-se, a sexualidade, o desenvolvimento biológico, as doenças, o nascimento, a velhice, a morte [...] Pode ser conhecida, preservada e cuidada, porém, na sua essência, tem que ser aceita tal e como a natureza determina que seja” [iv].

[i] Como Dorival Caymmi definiu Aldir Blanc, morto na aurora de 4 de maio de 2020, vítima do COVID-19; considera-se que poderia ter sobrevivido, não fosse a longa espera, na “sala vermelha”, por um leito de UTI.

[ii] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 2, tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002, p. I3.

[iii] Composição de Aldir Blanc e Maurício Tapajós, “Querellas do Brasil”, gravado por Elis Regina no álbum Transversal do tempo, I978.

[iv] RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. “Paradoxos do biopoder: a redução da vida humana a mera vida natural”. Revista Filosofia Unisinos, set/dez 2007, p. 264.

VI.

Nada de novo sob o Sol: zoe sempre foi condição para todo o resto produzido por bios, aquilo que ultrapassa a vida natural e que costumamos chamar “cultura”, na qual estão os nossos modos de viver juntos, seja entre amigos ou em rebanho - nunca antes foi tão real que é disso que se trata, de rebanho, inclusive para a superação da pandemia: será preciso atingir, por contágio ou vacina, a “imunidade de rebanho”. O velho Nietzsche vive.

VII.

Como reinventar uma bios a dois, três, ...? Nove fora, é hora de provar a composição entre as almas que vivem sob o mesmo teto, inclusive os que abrigam pequenos rebanhos: “todo relacionamento deveria ter seus limites absolutos, suas reservas absolutas, essenciais para a existência de uma alma única em cada indivíduo”. Xi’am, China, bate recorde de divórcios após a “volta ao normal”. Lawrence, mais amigo de zoe do que de bios, com sua ética fundada num profundo respeito pela vida instintiva e natural nos lega: “Um relacionamento realmente perfeito é aquele em que cada parceiro admite que há várias regiões desconhecidas no companheiro. Duas pessoas não têm como coincidir em mais do que alguns pontos, conscientemente. Se duas pessoas conseguem simplesmente ficar juntas com uma certa frequência, de tal modo que a presença de uma é espécie de equilíbrio para a outra, essa é a base para um relacionamento perfeito. Ao mesmo tempo deve haver uma autêntica separação”[v].

VIII.

Satisfeitas as imposições de zoe, que fazer com as regiões desconhecidas de si mesmo? Como inventar, no claustro, ao lado de zoe, uma bios saudável para si? Que fazer com a obsolescência de bios, para que ela não se torne obsoleta? Ou, como não morrer em vida?

IX.

No Oeste paranaense, resistimos ao EAD.

Ainda.

- Professora, perderemos o semestre?

- ...

[se ficarem os dedos, teremos ganho tanto...]

X.

Docência na obsolescência.

- Ora, ora, como assim? E os artigos por terminar; os projetos de pesquisa por realizar; e os orientandos à porta; a pilha de livros à espera de serem lidos? Vais desperdiçar a oportunidade de aperfeiçoar o aprendizado da língua que já foi posta para escanteio, outra vez?

- Ora, ora, como assim? Fazer de conta que tudo é como antes e que se trata de manter a produtividade? Não, o mundo tal como está, o que se passa ali fora é também da minha conta, não só da responsabilidade daqueles “serviços essenciais” que estão no front. Que tenho eu a dar, a mim e aos outros que não compartilham o mesmo teto, capaz de aumentar a potência fisiopsicológica no sentido da grande saúde nietzschiana[v]?

[iv] LAWRENCE, D. H. Estudos sobre a literatura clássica americana, tradução Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 205.

[v] “[...] o tema da grande saúde em Nietzsche, embora não descarte de maneira alguma a saúde do corpo, diz respeito, principalmente, a uma saúde psicológica. Essa saúde psicológica está ligada à ideia de expansão de horizontes e possibilidades da existência humana. Em outras palavras, um modo de existência que dê vazão às possibilidades do ser humano é um modo saudável de existir” (PEREIRA, Gustavo Freitas. “A grande saúde em Nietzsche”, Argumentos, ano II, n. 2I - Fortaleza, jan./jun. 2019, p. II6).

XI.

A voz.

A qualidade expressiva do corpo.

Qualidade pura que se diferencia pelo timbre.

Singular[vi].

A minha voz.

XII.

Por ora, livre de emitir palavras de ordem a estudantes, a voz pode acenar em outras cenas. Desviada da cena da aula em que o comando é da voz[2], esta professora dispensa a audiência e emite sua voz a ouvintes quaisquer, impessoais. XIII. Da voz ao ouvido, Doses literárias [vii] fluem em “labirintos povoados por membranas e cavernas”[viii].

[vi] Cf. NOFFKE, Ana Carolina. Devir-criança na filosofia-sintetizador de Deleuze e Guattari. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019[2] Cf. AZEVEDO, Alessandra Christina Arantes. A voz acena: a presença da voz na cena da aula. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, 2013.[3] Em: <https://open.spotify.com/show/5EdLCJ6tb4PM7tD9kw9nd6?si=ERArNY88QqaAxLM5coJXmw>

[vii] AZEVEDO, Alessandra Christina Arantes. A voz acena: a presença da voz na cena da aula. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, 2013, s/p.



## E SE O ISOLAMENTO DURASSE A VIDA INTEIRA?

Nilton Mullet Pereira

Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
nilton.mullet@ufrgs.br

### Parte 01 - Anunciação (imaginação e vida inteira)

Outro dia me pus a imaginar sobre o que seria de nós se o isolamento durasse a vida inteira. Nenhuma conclusão, mas muitas inquietações.

### Parte 02 - Imaginação

Imaginar é uma faculdade acalentadora. Ela nos eleva o espírito. Cuidado, apressado, elevar o espírito não consiste em sair do próprio corpo, como se este fosse "a prisão da alma". Ao contrário, não vai aqui nenhuma separação entre corpo e espírito. Logo, elevar-se significa abandonar, por hora, o verbo copular (que diz você "é" isto ou aquilo) que determina nossa incômoda situação no presente do tempo. Elevar-se é, aqui, uma espécie de abandono da atualidade das coisas, sair de Cronos e jogar-se nos braços de Aion. Enfim, como Nietzsche, me parece que o "corpo é uma grande razão", uma "multiplicidade" e o espírito "um pequeno instrumento e brinquedo" dessa grande razão. "Eu sou todo corpo e nada além disso", dizia o Zaratustra.

Imaginar, portanto, está mais próximo do sonho do que da vigília. Sem imaginação não conseguiríamos nem escrever sobre o passado, nem sonhar com o futuro. Digamos, portanto, que a imaginação nos restabelece o tempo tal como ele é, em sua sinuosa continuidade; em sua perturbadora duração; em sua labiríntica e incapturável passagem e fluidez. Assim, temos, de uma só vez, passado, presente e futuro, indiscerníveis. E, assim, podemos inventar o passado e experimentar o futuro, como no corte infinito de Aion.

Enfim, imaginar é sim uma faculdade acalentadora, pois ela nos permite supor que a Vida não se reduz à mesa a partir de onde escrevo e vejo os dias passarem, sempre em um aparente perpétuo isolamento (drama, obviamente, só possível para poucos privilegiados).

### Parte 03 - A vida inteira

A vida inteira é a eternidade. E essa eternidade que é a vida inteira não consiste num valor transcendental (refiro-me aqui ao transcendental kantiano, obviamente), só acessível aos bons de espírito e aos não pecadores, como se fosse um lugar fora do tempo e da história. A vida inteira que é a eternidade é o próprio Tempo. E é imanente a todos os nossos modos de existência historicamente identificáveis. A eternidade não é distante, é próxima e íntima. É a força indeterminada que constitui algo como uma essência do que chamamos de corpo. Então, a eternidade não é distante da extensão do presente, mas lhe é imanente, lhe envolve como potência que faz agir, devir e criar.

Bem, essas foram as explicações iniciais. Volto à pergunta: e se o isolamento durasse a vida inteira?

### Parte 04 - Perturbação

A duração do isolamento é imprevisível. Mas, não se trata de supor que sua imprevisibilidade está no fato de o vírus deixar de agir e de podermos todos voltar ao sabor dos nossos encontros.

Quem garante que após voltarem nossas habituais atividades sociais, o isolamento não continue a nos perturbar?

Se é possível imaginar isso e, para muitos, sentir tal perturbação, quer dizer que sim, a duração do isolamento é imprevisível.

Nossa inteligência que recorta, analisa e para o tempo, é incapaz de garantir o fim do nosso confinamento ou, sobretudo, de garantir que nunca mais estejamos sozinhos.

É porque o corpo é essa “grande razão” que, mesmo ao lado de milhares de pessoas num show do Zeca Pagodinho, poderemos nos sentir isolados e sós.

O isolamento é uma experiência e uma experiência é sempre do absoluto do corpo, não apenas de sua extensão no presente do tempo. O isolamento é uma duração. Como duração ela é o próprio tempo nos dizendo que sua eternidade é força que cruza nossa existência, que por vezes, nos leva a agir de um modo ou de outro.

O amante se isola das relações sociais para reter, pela eternidade, o tempo da sua tristeza pela perda de sua amada. Os monges franciscanos se isolavam do conforto de suas casas para viver, ainda isolados, entre os pobres; os escritores se isolam, por vezes, para se purificar dos clichês, e se inspirar para escrever grandes romances.

Há quem se isole apenas no sonho, donde anda sozinho por uma extensa mesa cheia de doces e salgados das melhores cepas, uma vez que a vigília lhe reserva a luta diária pelo pão e a asfixia de um presente (de fome e de medo) que nunca passa.

Ora, o isolamento não pode durar a vida inteira e, ao mesmo tempo, pode. Isolar não é um verbo que indica algo no presente, mas na eternidade do Tempo. Ele é um acontecimento que nos envolve virtualmente, nos fazendo ver pelo Cristal do tempo, onde o que é atual e o que é virtual trocam farpas.

Esse isolamento social relativo à Pandemia do Coronavírus é apenas uma efetuação possível desse acontecimento (isolar) e, certamente, não irá durar a vida inteira. Porque, depois dele, o acontecimento de isolar continuará a ser uma bruma que, vez por outra, se efetuará em uma individualidade na atualidade do nosso presente.

Quem sabe não sejamos nós, novamente, a sermos um ponto material de efetuação desse acontecimento?



## SOBRE MONSTROS, DEUSES E PARAQUEDAS COLORIDOS

Édio Raniere

Docente no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
edioraniere@gmail.com

I

...01h35: já pela quinta madrugada a cena se repete. Marcela acorda assustada, chorando pede pelo papai. Eu me levanto, vou até o quarto dela. "Papai está aqui, querida, papai está aqui". Ao lado da cabeceira, a cadeira de balanço, onde me sento e continuo tentando acalmá-la: "papai está aqui; está tudo bem, já está tudo bem". Em absoluto silêncio ela adormece nos poucos segundos de cafuné que a ponta dos meus dedos espalha por seus cabelos. Volto para o meu quarto, tento dormir. 02h55: mais uma vez; a mesma sequência se repete em 03h47. Até que, em 04h58:

- Papai está aqui, querida. Está tudo bem...
- Estou com medo, papai...
- Medo do que, meu amor?
- É aquele monstro de novo, ele queria me pegar...
- Foi apenas um sonho, pequenina...está tudo bem...

Mesmo sem conseguir dormir mantenho a rotina, as 8h30 arrumo a mesa para o café da manhã. Manteiga, pão, doce de leite, granola e iogurte. Marcela sempre come uma fruta. Lilian está na reta final da sua pesquisa de doutorado em artes visuais. Depois do petit déjeuner rumo ao escritório. Enquanto lavo a louça, talvez pelo sono que acumulei em várias noites mal dormidas me ocorre pedir para Marcela desenhar os monstros. Ela adora a brincadeira. Desenha e pinta duas terríveis criaturas. Uma vez finalizada expõe orgulhosa sua obra aos olhos de mamãe Lili. Juntos, decidimos então, chutar, amassar, fazer careta, pisotear, pular em cima, gritar fora daqui monstro horrível e por fim atear fogo cantando monstro babaca. Muitas gargalhadas depois ela me diz:

- Papai, isso foi muito legal. Acho que esses monstros nunca mais vão me incomodar...
- Assim espero, meu amor....
- Mas e se aparecerem outros?
- Não vai aparecer mais nenhum monstro.
- Como você sabe, papai?
- É que o papai vai fazer um filtro dos sonhos para você...

II

Por que inventamos o deus? Porque sentimos medo. Ao desenhar nas paredes da caverna de Lascaux, ao cultivar florestas de araucária numa América Latina pré-colombiana - nós, os jardineiros das florestas -, ou ainda ao participar de uma aventura no deserto que, mesmo sem saber, se tornaria mundialmente famosa, sentimos medo. A mesma coisa continua acontecendo nas cidades, grandes ou pequenas, que habitamos atualmente.

Mas medo do que, minha filha? Em a Origem da Tragédia, Nietzsche conta que certa vez o sábio Sileno fora inquerido pelo rei Midas:

-Eu sou o rei, posso ter qualquer coisa. Quero que você me diga, grande sábio: qual é a melhor coisa da vida?

Para não responder à pergunta, Sileno foge, mas logo é capturado pelas milícias do rei e coagido a falar.

- Raça maldita e efêmera, por que me obrigar a dizer aquilo que não queres ouvir? Pois bem, a melhor coisa da vida você não podes obter, mesmo sendo rei. Pois a melhor coisa da vida é não ter nascido, não existir. Contudo, a segunda melhor coisa, sim você pode conseguir, que é morrer logo.

A partir dessa pequena história Nietzsche expõe um insuportável, uma verdade difícil demais, algo que de certa forma sabemos, mas que tentamos a todo custo evitar trazer a consciência:

- 1) A vida é finita e sem sentido natural
- 2) Enquanto estivermos vivos iremos sofrer
- 3) Ao término de nossas existências a única recompensa é a morte

Como suportar essa verdade? Como suportar esse caos? Como lidar com esse trágico: o sem sentido sobre o qual se assenta a existência humana? Uma saída bastante popular e muito apreciada ainda nos dias de hoje: inventar o deus. Mas para que? O que pode o deus diante o medo? Que tipo de poder ele teria para nos ajudar a enfrentar uma verdade com a qual não queremos nos haver? O deus é aquele que detém o poder de imunizar. Ele é a primeira vacina e modelo (platônico) de todas as demais. O germe de toda biopolítica. A alma do medicamento que tomamos em busca de cura sempre que estamos gripados.

### III

Em "Aprendendo com o Vírus", Paul Preciado retoma a análise de Roberto Espósito sobre a relação entre imunidade e comunidade. Ambas compartilham a mesma raiz - *múnus* - que em latim significa o tributo que alguém deveria pagar para viver ou fazer parte de uma comunidade. Enquanto a comunidade é *cum múnus* - grupo humano religado por uma lei, por uma obrigação, por uma oferenda, ou presente - a imunidade seria *in múnus*: negação do *múnus*. No direito romano a *inmunitas* era uma dispensa ou privilégio que isentava alguém dos deveres societários comuns a todos. Aquele que foi ausentado era, portanto, imune. Contudo, a imunidade seria possível à toda comunidade? Haveria um modo de imunizar a todos diante a morte? Na segunda dissertação de "Genealogia da Moral" Nietzsche nos fala de uma espécie de comunidade imune. O deus os havia escolhido, eles se pensavam especiais, diferente de todas as outras comunidades. A escolha do deus ao mesmo tempo os separava das demais comunidades e os protegia - os imunizava - do caos, do trágico, do medo. Qual teria sido a grande invenção dessa comunidade? Como eles encontraram um comum - entre eles - e se imunizaram diante da finitude e do não sentido da vida? A fórmula sagrada que essa comunidade criou para si mesma foi a seguinte: ele é mau, logo eu sou bom. E assim, a partir do ressentimento essa comunidade encontrou uma imunidade extremamente forte. Graças a essa força, esse dispositivo de salvação comunitária atravessou vários séculos. Do antigo judaísmo ao catolicismo pré-moderno o sujeito - indivíduo - teve sempre pouquíssimo espaço. Quem poderia ser salvo era o povo, o grupo, a comunidade. Algo extremamente radical acontece a partir do século XVI. A Morte de Deus parece destronar o deus-comunidade, deus-coletivo para supor em seu lugar o homem-deus-individual. Digo supor, pois desde "As Palavras e as Coisas" sabemos que a morte de deus matou também o homem.

#### IV

Depois de tantas noites mal dormidas acabei cedendo ao pensamento mágico e criando um amuleto para minha filha. O filtro dos sonhos tem funcionado bem e até então, ao menos é o que me parece, sem machucar ninguém. Talvez um dia Marcela solte boas gargalhadas escutando alguém contar sobre os bizarros paradoxos de seu pai. Talvez um dia ela leia a festa do asno, em “Assim Falava Zaratustra” e encontre um riso parecido ao se deparar com o deus criado pelo mais feio dos homens. Dupla e paradoxal tarefa recebeu esse personagem: assassinar deus e inventar uma nova divindade. Certamente uma divindade engraçada, já que se trata de um asno, que a toda pergunta respondia sempre o mesmo sim - IA. Talvez Marcela ache graça no deus criado pelo papai para ajudá-la a dormir melhor nos seus seis aninhos de idade. Talvez um dia eu tenha que explicar a ela que estávamos atravessando uma terrível pandemia por conta de um vírus monstruoso e pedir desculpas por mamãe Lili e eu conversarmos na frente dela, praticamente em todas as refeições, sobre o genocídio que um outro monstro - infelizmente eleito presidente do Brasil - vinha provocando. Ou talvez ela fique curiosa e venha, lá pelos seus quinze anos, a me perguntar:

- Papai, se o deus já estava morto em 2020 como foi possível que tantas pessoas se sentissem imunizadas diante o caos?

#### V

Em ‘A peste e o fim dos tempos’ Fabián Ludueña Romandini afirma que um sinal incontestável no Novo Éon é a constatação evidente de que o Papa da Igreja Católica não acredita no seu deus. Visto que ele e sua hierarquia eclesiástica simplesmente temem morrer em consequência da exposição a peste. O fato incontestado do Papa temer a morte seria para o filósofo em questão prova cabal de que a imunização realizada por este deus - tão viva na experiência dos mártires e dos religiosos medievais que prestavam cuidados a população contaminada com a peste - deixara de funcionar em sua plenitude. No dia primeiro de maio, em comemoração ao dia do trabalho, um conhecido católico brasileiro, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, publicou um vídeo onde confirma a hipótese de Romandini: “o vírus que ataca a todos indistintamente mostrou que a raça humana não é imortal”.<sup>[i]</sup> Mas ao mesmo tempo que Lula e o Papa Católico percebem a queda de suas imunidades, ansiosos blumenauenses retornam em festa ao seu adorado templo Neumarkt. <sup>[ii]</sup> Seria essa a festa do asno anunciada por Nietzsche? Não lembro bem se havia um saxofonista tocando Creedence na caverna de Zaratustra, mas sim é o asno quem ocupa o trono vazio. Então foi isso que aconteceu? Sem conseguir suportar a morte de deus, tal qual o mais feio dos homens, fomos obrigados a inventar um novo deus para lhe render culto? Mas esse novo deus seria capaz, tal qual o antigo, de ao mesmo tempo nos oferecer um comum e nos imunizar?

#### VI

Em ‘O capitalismo como religião’, Walter Benjamin sustenta que o capitalismo deveria ser compreendido como uma religião, já que estaria essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. Para Benjamin a estrutura religiosa do capitalismo pode ser identificada a partir de três traços: a) O capitalismo é uma religião puramente cultural, possivelmente a mais extrema que temos notícia, pois nele, todas as coisas só adquirem significado numa relação imediata com o culto; o capitalismo não possui nenhuma dogmática, nenhuma teologia. É sob esse aspecto que o utilitarismo adquire sua coloração religiosa. b) O capitalismo é a celebração de um culto sem trégua e sem piedade. Para ele não existem dias normais, não há dia que não seja festivo no terrível sentido da ostentação de toda a pompa sacral, do empenho extremo do adorador. c) O capitalismo é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador. Nesse aspecto, tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa que não sabe como expiar lança mão do culto, não para expiar essa culpa, mas para torná-la universal, para martelá-la na consciência e, por fim e acima de tudo, envolver o próprio Deus nessa culpa, para que ele se interesse pela expiação.

[i] Para assistir a fala de Lula: <https://www.youtube.com/watch?v=nZpF3j5I5QA>

[ii] Para assistir a festa dos blumenauenses: <https://www.youtube.com/watch?v=ZVAAYho2iKO>

No ocidente o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo; de tal forma que no final das contas, sua história é essencialmente a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo. Na época da Reforma, o cristianismo não favoreceu o surgimento do capitalismo, mas se transformou no capitalismo. Na leitura que Giorgio Agamben faz de Benjamin a fórmula seria a seguinte: Deus não morreu: transformou-se em dinheiro. Essa metamorfose divina, ao menos é o que me parece, oferece aos que buscam produzir sentido diante as crises do vírus e do verme no Brasil, algo mais específico para os problemas que estamos enfrentando. Afinal, as pessoas no site abaixo - em especial no vídeo que a página sugere - estariam cultuando a quem?

<https://www.gospelprime.com.br/comerciantes-se-ajoelham-e-clamam-diante-de-lojas-fechadas/>

## VII

Talvez a pandemia do corona vírus nos ajude a compreender que para além de uma sociedade disciplinar e/ou de controle, para além de uma biopolítica, para além de um estado fascista suicidário - categorias que sim nos ajudam a pensar nosso contexto, mas que ao mesmo tempo tomamos emprestadas de uma Europa cuja realidade psico-social é bastante distinta da nossa - que para além mar há um Brasil que clama sentido. Talvez as questões mais urgentes, no caso específico do Brasil, não estejam atreladas, da forma como acontece - ou aconteceu - em países europeus, ao controle biopolítico ou ao estado suicidário, mas sim a algo que, muito provisoriamente, me arriscaria a nominar como culto colonial ou culto do colonizado. Ação de fé onde aquele que foi colonizado rende culto não ao sujeito que o colonizou, mas ao imaginário de seu colonizador[iii], ou seja, ao conjunto de imagens que produziram o colonizador[iv]. Afinal, o que pode uma análise biopolítica diante o negacionismo que alimenta manifestações pela volta ao trabalho em meio a pandemia? Há algo de religioso no Brasil, que se difere do contexto europeu e norte americano. Mas não nos enganemos, o culto que Jair Bolsonaro - o presidente Messias - rende todos os dias não passa por uma fé medieval ao deus cristão. Não se trata de uma fé inabalável, a qual mesmo após a morte de deus teria suportado todas as provações, mantendo-se intacta tal e qual fora manifestada/experenciada antes da modernidade. Este Messias e os milhares de brasileiros que o seguem rendem culto à um deus que lhes promete prosperidade individual. A relação entre imunidade e comunidade, nesse contexto, passa a ser agenciada, pelo dinheiro. Nesse sentido, me parece, é que Bolsonaro relativiza o valor da vida e nos lembra sempre a importância da economia. Importante compreender que não se trata de uma relativização exclusiva da vida humana, mas sim da vida de modo geral.[3] A vida deixa de ter um valor em si e passa a ser valorizada apenas quando está a serviço da economia. Como imagem do processo seria possível desenhar algo como: se o devoto cultuar corretamente seu deus ele terá condições de comprar sua imunidade, e assim automaticamente passará a pertencer à uma comunidade de eleitos, onde todos podem fazer o mesmo. A fórmula dessa nova religião me parece ser a seguinte: estou imune enquanto obtenho lucro. Se paro de lucrar, minha imunidade cai, corro o risco de empobrecer, ser expulso da comunidade dos eleitos e morrer. Este modo extremamente violento de buscar imunidade parece estar atrelado a uma espécie de máquina metafísica. Para além do fascismo e ou da promoção de um estado suicidário, acredito que seja este sentimento religioso que move empresários como Luciano Hang, Junior Durski, e todos os demais do instituto Brasil 200.

[iii] Sobre o inconsciente colonial capitalístico ver Esferas da Insurreição de Suely Rolnik.

[iv] Sobre a relação proposta entre processo de subjetivação e imagem ver entrevista com Anne Sauvagnargues: Somos nada mais que Imagens, disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/97503/0>[3] [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/24/album/I566645226\\_292535.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/24/album/I566645226_292535.html)<https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-marca-churrasco-para-dia-em-que-brasil-deve-chegar-10-mil-mortes-por-coronavirus-24418927.html>

## VIII

Somos crianças assustadas, aterrorizadas com a presença noturna do caos. Não é uma questão de escolha. Atualizamos um virtual disponível. São as narrativas criadas por nossos antepassados que nos oferecem abrigo. Que escolha teve Marcela quando lhe apresentei o filtro dos sonhos como proteção diante seus monstros? Nossa geração pôde escolher se desejava ou não participar da religião capitalista? Criar um novo virtual talvez seja a tarefa mais urgente. Afinal, se somos nada mais que imagens, como sugere Anne Sauvagnargues, o problema deixa de ser colocado em termos de resistência ao atual - seja ele da direita ou da traseira - ou de escolha entre as possibilidades dos possíveis que nos são oferecidos e passa a se dar em torno do possível da potência, da invenção de nossos possíveis.[v] Seria nesse sentido que algumas feministas como Starhawk e Isabelle Stengers estariam nos convidando a reativar a feitiçaria?[vi] Ou que Donna Haraway vem pensando a Fabulação Especulativa? Oras, se a força da religião capitalista reside em negar o trágico talvez possamos criar novas narrativas diante a verdade insuportável anunciada por Sileno. Fabulações que nos ajudem a suportar o caos de braços abertos. Talvez tenha chegado a hora de sonhar com um virtual, onde possamos baixar imagens para isso que somos de modo menos dependente da imunidade oferecida pela religião capitalista. Na tarde poética que passei com Marcela, abrindo trilhas para os seus sonhos, senti como se algumas dessas cores perambulassem por nossos corpos:

- Papai, será que esse filtro dos sonhos é mesmo mágico?

- Claro que sim, minha filha...

- Mas você não é índio, papai. Apenas os índios sabem fazer filtro dos sonhos de verdade.

- Lembra o que eu te contei sobre a vovó Inácia? Ela era Xokleng. Você e eu temos ancestrais indígenas...

- É, lembro....

- Esses ancestrais estão aqui, nesse exato momento, nos ajudando a construir o teu filtro dos sonhos... -

Nossa! Então ele é mesmo de verdade...

## IX

Se estamos caindo, se vamos continuar caindo, se a relação com a queda é inevitável então ao invés de buscar por uma imunização, por uma estabilidade, por um freio de mão pesado e triste, não seria mais prazeroso construir milhares de paraquedas coloridos para flutuar pelo mundo contemplando o sorriso dos que caem ao nosso lado? "Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair"?[vii]

[v] Sobre o debate possível da possibilidade (escolha) X possível da potência (invenção) ver Zourabichvilli, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: Alliez, É. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

[vi] Uma síntese do debate que tais feministas vem desenvolvendo sobre Bruxaria/Feitiçaria pode ser encontrado nesse ensaio de Renato Sztutman: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n69/23I6-90IX-rieb-69-00338.pdf>

[vii] Ailton Krenak: A humanidade que pensamos ser (p.62)

## TRÊS (IN)FICÇÕES PARA ENSAIAR UMA DOCÊNCIA APORÉTICA

Gabriel Torelly

Doutor em Educação (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa ARCOE (Arte, Corpo, EnSigno) e do coletivo artístico Expresso Livre.  
gabrieltoorelly@gmail.com

### Expurgo de uma situação (I)

Trata-se (eu havia prometido nunca mais começar uma frase por essa palavra, e aqui estou novamente). Impossível começar a escrever alguma coisa que não seja a própria escrita. Assim, escrevo, e a escrita escreve, mas escreve em meu meio. Então, o que importa? Que dedos são esses que procuram cláusula para inícios? Trata-se, sem cumprir palavra, como já se vê, da exposição de uma crise, o patético da abertura frontal de um enfrentamento. O sentido não permite recuo. Recuar é já perde-lo e começar alguma coisa. Daí o patético frontal, pois sem o devido recuo, ecoam as vozes que repetem a pergunta, o que importa, afinal? O recuo é a reserva necessária para fazer o fundamento esperar. Nessas circunstâncias, como começar? Devo começar sem coisa, sem lugar. E para começar preciso encontrar uma dose de arrogância primária. A arrogância vem se colar ao dito fazendo passar debaixo dos narizes de todos a rapacidade do ente. O ente é rapaz, rapace, ente alguma coisa, cláusula de lugar, já quer ser antes de dizer - este é o seu mister, misterENTE. Quero dizer que estive preso nessa situação, ocasião fortuita, meu topete ralo foi desfeito, golpe de livros e destino desatinado, paralisia apoplética que me sequestrou. Sequestrado, fui lançado ao lugar do não-ente. Ali me pus a girar, ou melhor, não sei, talvez tenha sido girado. Essa dúvida sobre o antes e o depois soa como a longa reminiscência de um falso problema. O caso é que entrei em mil giros e exercícios depois de passar por um afundamento de segundo grau. Numa batida e tanto, rachou-se a crosta da questão primária. Agora escorre seiva no deserto escavado. A catástrofe fora anunciada em sonhos e pesadelos, todo um conjunto paralógico e hipofísico de humor, hesitação, flacidez e desfalecimento. Os sonhos mostravam que o que não pega forma derrete ou já se faz o próprio drama de um derretimento pensado. Minhas calotas em chamas, bolas, uma soma de animais pestilentos. Se não vi foi por preferir fechar o olho e usar a mão. Quando percebi que no afundamento havia um novo grau, o não-ente me libertou, secretou uma pequena reserva onde coisa alguma ecoava vazia. O segundo grau do não-ente afundado me libertou de mim. E isso seria mesmo o melhor, caso não sentisse por vezes como se fosse pior. Isso tudo porque é impossível decidir entre o homem e a planta sem passar o pano numa mentira original. Se todos juntos é um delírio planetário, a decisão é um logro, por certo. Mas assim eu estaria fadado ao absurdo do não-ente precisamente por fidelidade à verdade. Na impossibilidade de seguir o discurso, proliferam paradoxos cursos. Envolvida nessa corrente néscia, a unidade da consciência corre o risco de estourar. Mas a consciência é a unidade ou a unidade é a forma narcísica da consciência? Quem ou o que pode falar sem subterfúgios canalhas sobre a néscia corrente que corre para lugar algum? Contra isso, metafísica, princípios, outras tantas forças de orientação, formas para dizer o ente e encontrar algum sossego ao abrigo dos solavancos originários. Isso me causa alguma estranheza, mas estranheza nenhuma deveria causar aquilo que já se arrebetou para seguir o fluxo de um molécula afundada. Um não-ente atômico feito em mil pedacinhos depois da explosão das contradições e da inclusão dos apátridas. Pequenos jogos pedagógicos esses de desfazer Parmênides em Górgias e se livrar de Górgias por artimanhas aristotélicas. Todo dia isso se faz, sem que se diga um ai, ou melhor, muitos dizem, tremem, brigam e choram, irritam suas gargantas com a saliva ou o refluxo bilioso do significado.

A garganta irritada poderia bem ser o emblema de uma crítica incapaz de enxergar os próprios pés, lugar preferido de vírus instalado. A causa de toda irritação seria mesmo a progressiva paralisia dos membros inferiores. Ó crítica perneta, por que tanto desespero? Eu poderia então considerar toda a malha da cultura como uma grande novela, com capítulos mais ou menos extensos, melhores, piores, tanto faz, chamar isso de História, e entender que meu destino se encontra preso aí. Deve haver um Saci na História, pois muitos são os que consideram natural dar pulos irrefletidos em sentido qualquer. Prisioneiro de linhas, tonalidades, golpes, argumentação, todo um vozerio de narrativas quiméricas para afixar o escape. Vou contar alguma e ensinar, todos ensinam, qualquer um ensina, embora alguns cobrem para isso (a pedagogia deve algo a Protágoras de Abdera) e outros digam que só há uma a ensinar, a História. A definição e a indefinição dos artigos envolveu o ente em um problema absurdo. Ainda assim devo procurar o expresso. O expresso próprio de uma expressão. Do contrário, linguagem e mais linguagem, redes infinitas de linguagem. Mas há o corpo. Deve ser aí. Deve ser aí. Esse corpo que não é meu (meu, o que?), é apenas corpo, um corpo qualquer, como qualquer é o estatuto daquilo que foi peneirado até dissecar o espectro da última ilusão - Eu. Isso não é coisa que se diga. Devo dizer. No resto, todo, grande, atormentador, cheio de abobrinhas, tagarelo. Pouco importa se o ritornelo é curto e pouca matéria cabe no diapasão. Miséria distorcida. Nota constrangida. No fundo, há apenas você e o seu jogo baixo diante da sombra clássica da perfeição. Melhor seria vomitar de uma vez, abandonar esse pretensioso vai-e-vem prosaico. Como já foi dito antes de mim, "às vezes digo a mim mesmo você, se sou eu que estou falando" [1]. Firmar-se em paradoxos só pode mesmo dar nisso, tudo mal visto, mal dito, sempre a trama labiríntica e infectada de uma longa e inevitável citação. É mesmo lamentável. Você está viciado em fragmentos impossíveis, continuidades descontínuas. Esses pedaços quebrados de alguma coisa podem mesmo infectar tudo e fazer, quem sabe, uma bela rasura, o registro derrisório de uma situação. No limite, há o resto tagarela e a busca da expressão. Demasiadamente árduo, difícil, raro. Daí o desespero. Talvez seja isso, sim, é isso, não, isso, isso é uma loucura, não, uma expressão. Talvez seja apenas o paradoxo entre a expressão da loucura e a loucura da expressão. Por não conhecer minha avó materna, hoje fiquei preso nessa situação, pois ela certamente saberia dizer, ela saberia dizer. As avós podem ser mesmo esse grande e infalível alaúde moral da humanidade, elemento mister que traz ao final de um texto qualquer seu suplemento atrasado de significação. Esperança é um nome de avó. E aqui faço moral de moral de avó (no meu caso, a presença de uma ausência) para repetir diferentemente o atraso. Assim, a corrente néscia deve ter um fim. A escrita que se escreve é um expurgo de abobrinhas em corrente de aluvião, mas hoje não me encontro em nenhum fundo, escondido, depositado, não sou ouro em batel; hoje apenas boio, assim como boiam aqueles pedaços provisórios que mais escondemos e nos causam vergonha quando o repuxo falha. Ninguém deveria terminar assim. Deve ser por isso que existem enterros, e as pessoas baixadas saúdam o ente quando este já saído encerra o sentido na superfície de um tampão.

#### Minifesto do jogo: sanguessugas, marimbondos e bufões (II)

Diante dos sucessivos horrores reservados aos corpos pela exigência contínua de uma vida institucional, reunir intercessores é apelar a uma sociedade secreta de línguas neutras. Daí o caráter sempre conspiratório de uma atividade que não vai ao encontro direto da interface institucional por não tolerar seus apelos de morte, preferindo espalhar silenciosamente em seus filamentos internos uma legião parasitária de sanguessugas invisíveis. O efeito gerado pelos sanguessugas se traduz em pequenos pontos de sucção incrustados na epiderme, nos quais as constantes institucionais entram em torvelinhos e são enganadas e invadidas por ares estranhos. Há até mesmo quem diga que elas dependem disso, embora nem mesmo saibam, pois constantes sem incógnitas não chegam a se formar. Por não saber exatamente o que fazer ao encontrar diante de si um conjunto variado de jogadores disciplinados, que não fazem outra coisa senão permanecer sentados numa mesa de jogo que não para de girar, a instituição os engole.

E assim ela os têm hoje, camuflados, no interior de suas entranhas. Pelos buracos abertos por sanguessugas audaciosos agora passam senhores e senhoras elegantes, cujos belos disfarces são capazes de ocultar ao vulgo sua natureza cruel e burlesca. Assim, os jogos, outrora secretos, passam a ocorrer bem no meio do espaço público, nesse ponto onde não sem razão se trava hoje uma disputa feroz e que convencionou-se chamar Educação. Embora esse espaço convencionado seja hoje atravessado pelas ilações imprecisas de uma camarilha rude, não consta a qualquer dos jogadores sentados à mesa que alguém seja capaz de dizer exatamente o que ele é. Já faz tempo que o refúgio no conjunto de propedêuticas morais que juravam ser capazes de dizer o que uma Educação deve ser perdeu o efeito mágico de conjuro. Hoje, a neurose pastoral das ideias-modelo, circundada pelo alto escalão angélico-platônico, é desafiada pela vertente acelerada de uma pastoral psicótica protestante. E se a guerra entre a altura e a profundidade marca os termos de um conflito dual, no centro do tabuleiro há um habitáculo vazio, rodeado por marimbondos estúpidos, corujas velhas e cabras arrastadas, no qual a casa do tempo puro e o arpejo raro de um cromatismo febril afastam o verbo certo do repertório dos imbecis. Descobriu-se por vias tortas que nessa casa vazia não há ninguém. Invasa pelo problema do falso, pelo ilusionismo de massas que curto-circuitou a crença na estabilidade das categorias e no valor de verdade dos universais humanistas, o espaço vazio da Educação hoje, mais do que nunca, espera por bons jogadores. As ficções grandiloquentes de princípio, sustentadas em arranjos imperativos de metanarrativas, juízos sintéticos a priori, tão fortemente dobradas sobre si a ponto de constituir pilares que os próprios construtores passaram a tomar como (auto) evidências do real, despencam sob o riso do bufão. E um bufão não pode ser catequizado, mas posto na mesa de jogo e testado no extremo da sua própria vertigem. Ao bufão é dado mostrar que os universais também são efeitos de jogos de cartas. O Homem é apenas um castelo esfumaçado. Diante do caos da tempestade, a primeira reação é tentar salvar alguma coisa, encher os bolsos com as arcas da memória, elevar o tom até as constantes da Lei, revisar velhas teorias, clamar pelas tábuas de salvação da racionalidade instrumental, afinal de contas, onde foi parar a “comunicação”? Mas o bufão entende e antecipa os sinais do jogo messiânico e os estratégias da escolha racional, e será messias e economista se preciso for. Bêbado, ele ainda é capaz de fazer a dança dos números e do pastor. Jogam-se cartas, e assim está. Enquanto o zumbido do marimbondo e a trapalhada do bêbado derrubam corpos pelo caminho, o índice das apostas se eleva, e os jogadores, que nunca acreditaram excessivamente no valor moral dos seus próprios truques, sabem que trata-se apenas de prosseguir com os furos, acender um cigarro, redistribuir as cartas, girar a roda, esticar os tensores da língua, para ver até onde marimbondos e bêbados são capazes de aguentar o trabalho disciplinado de uma boa ficção. Depois de algumas rodadas, aprende-se que o material não pode estar excessivamente endurecido, pois ele precisa queimar, despedaçar-se, e enquanto alguns sairão andando naturalmente, outros serão engolidos pelo envelope terrestre. Da contingência da passagem do cortejo dos bufos e marimbondos decorre uma espécie de lição: de que o sentido celeste afunda até as entranhas da terra, e assim não deve ser confundido com um sustentáculo confiável para casas vazias de invariantes universais, pois o jogo se joga e os universais sempre serão testados. A vantagem dos jogadores é que seus pés já estão atolados no pântano sombrio e as cartas em suas mãos já têm gravadas as figuras geométricas de uma matemática do infinito. Com os pés na lama e as mãos trêmulas, passa-se uma carta para o lado, e nessa carta deverá estar escrito em que sentido se diz “Educação”. Se for de outro jeito, é melhor nem começar, pois com o bufão à solta, o jogo ideal entre a arca da memória e o grande painel das lamentações tornou-se a manifestação ridícula de um anacronismo derrotado por inconsciência da sua própria substância ficcional. Escritores, já se disse em algum lugar, são anacronistas regrados, pois jogam contra a entropia da crônica, multiplicando suas derivas, fazendo bifurcar os caminhos previsíveis de uma enunciação excessivamente significativa ou o perigo balofo de um simbolismo qualquer. O que lhes ocorre é armar, contra a pastoral do juízo sintético, o uso pragmático dos sintetizadores.

E o certo é que uma Educação incerta de si, mas sempre em percurso de viagem astral, é a forma de prosseguir respirando num lamaçal devastado com um bom baralho de cartas na mão (a única orientação plausível é passar uma carta adiante).

### Definição em cadeia e escalada do absurdo (III)

A intensificação do absurdo trouxe o repertório da crítica de volta ao paradigma indiciário. O paradigma indiciário é a legitimação técnica do senso comum e do bom senso. Por sua vez, o senso comum e o bom senso são os nomes assumidos pelo juízo de Deus. Já o juízo de Deus é o tecido metafísico dos fios que garante a estabilidade da pessoa e a resistência do mundo. As pessoas e o mundo são as coagulações substanciais que permitem exercitar as faculdades do juízo. Exercitar as faculdades do juízo é estabelecer os limites do bom senso. Os limites do bom senso confirmam sua legitimidade pela técnica do paradigma indiciário. O paradigma indiciário é o controle metafísico exercido sobre a intensidade do absurdo.

Em sintonia com a funcionalidade simétrica desse modelo circular, uma proposição qualquer pode ser sempre enunciada. Logo: diga-me com quem andas e te direi quem és (do predicado ao sujeito, do sujeito ao predicado). De um lado este, de outro aquele. Ou assim, ou assado. Assim funcionam os indícios e suas marcas. Farejando as origens atávicas do paradigma indiciário, os cães do conhecimento encontraram aquilo que se chamou, respectivamente, em termos convencionais (a), biológicos (b), físicos (c) e filosóficos (d): medo da morte (a); instinto de sobrevivência (b); princípio de conservação da matéria (c); ontologia (d). Essa descoberta levou os críticos a acreditar que a transformação da matéria em indício repercute em diferentes escalas a angústia de um fundamento.

Foi Pierre Klossowski, numa leitura profunda do eterno retorno nietzschiano, dramatizada no romance *O Baphomet* (1965) antes de ser discutida no ensaio teórico *Nietzsche e o círculo vicioso* (1969), quem descobriu os fios que ligam a cadeia do fundamento à cadeia do absurdo e o seu correspondente efeito dominó [ii]. Klossowski entendeu que se a cadeia funciona em um sentido, é porque ela também pode funcionar no outro (não-sentido), bastando substituir as figuras que estruturam o juízo de Deus pelos seus antípodas demoníacos. De acordo com a descoberta, ao dissolver o tripé do fundamento (Deus-Mundo-Pessoa), não se encontra exatamente o vazio, mas diferentes figuras do não-sentido e zonas de emanação miasmáticas, até então bloqueadas pelo exclusivismo lógico das identidades e pelo círculo da proposição. *Baphomet*, “príncipe das modificações” [iii], assume ora a forma de Santa Teresa, ora do imperador Frederico de Hohenstaufen, ora de Friedrich Nietzsche. Já o sistema de sopros e miasmas caracteriza o conjunto de transições abstratas e as leis precisas que têm início quando as almas são atribuídas a um ser em devir. A descoberta de Klossowski abre o problema do sentido a um campo transcendental dissoluto, onde o não-senso é liberado do constrangimento paradigmático que anulava o seu potencial obscuro. Note-se de passagem que a intensificação do absurdo não corresponde exatamente à perda do sentido, mas ao horror despertado na linguagem pelo não (mal) funcionamento do princípio de contradição.

Ao desativar as linhas que ligavam o conceito bastardo de simulacro ao percurso de segurança ontológica entre o modelo e a cópia, a relação entre o não-senso e o seu potencial obscuro é simultaneamente libertada e expandida. O potencial obscuro substitui a faculdade do juízo pela instância de um “precursor sombrio” [iv]. O precursor sombrio aspira as figuras do não-senso para transformá-las em máscaras de combate que despovoam o mundo, curto-circuitam a pessoa e exterminam o juízo de Deus. O não-senso não acaba com o sentido, mas faz cair a noite, mostrando na escalada do fundamento o registro contra-indiciário de uma operação não-fundamental.

[ii] Pierre Klossowski. *El Baphomet*. Trad. Julián Manuel Fava e Luciana Tixi. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2008.

[iii] Gilles Deleuze. *Logique du sens*. Paris: Les éditions de minuit, 2015.

[iv] Gilles Deleuze. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.



(a senha é amor)

#### Políticas do Texto

Ademiel de Sant'Anna Júnior; Adriel Giordani Christ; Amanda Cappellari;  
Amanda Corrêa Rocha; Anna Letícia Ventre; Daniel Leal Racheli da Silveira; Eduardo  
Cristiano Althaus; Elisandro Rodrigues; Gabriel Medeiros Escobar; Giovana dos Passos  
Colling; João Camilo Grazziotin Portal; João Luís Miola; Kauan Santos Almeida; Laura  
Barcellos Pujol de Souza; Laura Coelho Schaefer; Letícia Máisa Eichherr; Lidiele Berriel  
de Medeiros; Lucas Boeira Bittencourt; Luciano Bedin da Costa; Luis Henrique Da Silva  
Souza; Mirela Massia Sanfelice; Sharyel Barbosa Toebe; Vitória Moro Bombassaro

Notas produzidas au séminaire [a imagem é barthesiana, sim], nos encontros remotos-  
desejantes Políticas do Texto V: topografias poéticas, vinculados ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul - UFRGS.  
politicasdoutexto@gmail.com

#### I.

tem poemas que não deveriam ser lidos em voz alta  
mas em notas atordoadas do corpo em conjunto  
aquele do qual não sabemos ou queremos nos separar.  
poemas lidos em vôos loucos de nossas próprias notas de rodapé  
na estante de casa  
secretas notas de poeira gritam alto  
crescem sob a mudez luta tua  
também luta nossa  
trocando ar dos pulmões  
do pulmão catástrofe  
ao pulmão poesia

agora estamos juntos:

essa é a nossa (grande) fantasia  
de sobrevivência

#### II.

tem poemas que não deveriam ser escritos em voz alta  
mas em escritas de gira-gira  
letras nauseadas, palavras cata-ventos  
frases de tontura.  
frases sob tortura.  
manifesto que levanta - ainda aos tropeços -  
em apelo ao igualmente cambaleante parceiro-bambolê  
que se tomou pela nossa tontura e tombou junto a nós.  
adentrar a eternidade do círculo  
p e r m a n e n t e m e n t e

porque  
não  
existe  
palavra  
para  
vomitar  
Isso  
que é a  
grande  
(des) graça  
de se embriagar  
em palavras.

encontros na queda.  
          escritas em queda.  
como quem alcança a mão.

nem totalmente vivos,  
nem mortos, seguimos  
(parciais pardais voando sós)  
em retiros intermitentes  
horizontalmente isolados  
respaldados pela ciência  
em exercício de paciência  
embriagados de poesia  
escrevendo no contrapé da sabedoria  
  é fogo  
  é uivo  
  é via

II.I  
trago,  
o necessário  
trago,  
as dores  
trago,  
as alegrias  
trago,  
as cicatrizes  
trago,  
as forças  
trago,  
além de fronteiras  
embriago  
quem posso ser  
para desdosar um eu  
para dosar um nós.

III.  
em tempos virais,  
impressões digitais  
corações de led  
[solidão povoada]  
escrevemos antes da escrita,  
do poema-bomba porvir - virá? será?  
  agora sabemos do céu  
  e de nós  
espectadores da própria queda,  
nós, sapiens, nos esqueceremos amanhã?

quantas vezes a história se repete até que

poesia  
poesia  
poesia  
até se esquecer  
pela memória.

### III.I

memórias aquecidas nas conversas de chat

cará(c)ter escorregadio  
fantasiar um seminário  
(passar bilhete em aula)

exercícios de pensamento,  
digressão  
fagulhas.

(consegues escrever?)

vou escrever por aqui, soletrar algumas sílabas.  
capturar as nossas anotações a(tordo)adas

eu gosto daquilo que me estraçalha.  
de sentir o peito rasgar  
suor  
lágrimas  
fadiga

caderno de anotações.

gesto de pesquisa  
leitura  
escrita.

microfone (des)ativado  
(silêncio que fala)  
(fala pequena sem imagem).  
colagem  
montagem  
poesia  
curadoria narrativa.

### IV.

a lon gar  
a lon gar  
a l o n g a r lon gar -se

alongar-se  
dar mais tempo  
alongar-se  
dar mais espaço no corpo  
alongar-se no tempo porvir  
alongar-se no corpo a se tocar  
No corpo a ser tocado no tempo porvir

corpos que se tocam no encurtar das distâncias  
cortadas pelas lâminas dos acenos -, (sim Briveira)

Não é solidão.

- Sim, tô aqui!  
- Eu também!

corpos que se olham  
No limiar da errância  
de ti não sei nada  
de mim, tampouco.

V.

Nós, as cobaias descartáveis  
acúmulo material  
de asas curtas e pés flácidos

Nós, os devoradores de bomba  
súditos alegres  
do tempo dos tornozelos

Nós, os universais singulares  
da palavra encruzilhada  
do mundo de cabeças viradas

Nós, os confinados rebeldes  
espectadores silenciosos  
dos pássaros por detrás da janela

seivas misteriosas  
estranha mata  
de língua bífida

rostos estilhaçados pelos pixels  
camuflando a graça das feições  
vultos híbridos olhando-se  
criando novas fisionomias  
espiral de  
traços dissidentes  
gestos congelados  
vozes rompidas  
insurgem como podem  
em acordo mútuo  
delicada coragem de permanecer

Nós, os bipartidos do espelho  
gestados no ventre  
de uma luta cruel

Nós, os esperançosos  
de uma futuridade imaginativa  
que especula a partir da lembrança

Nós, que criamos a lembrança  
que salvamos os arquivos com cuidado  
saudando todas as distâncias  
afirmando a ausência

Nós, corpos desencontrados  
despedaçados,  
nós que se desfazem  
formando nó(vo)s  
esperando um amanhã incerto  
(alguma vez tivemos certeza?)

Nós, os esperançosos  
esperamos porque desejamos outra dobra do vírus,  
outra dobra desse tempo viral  
onde não desejamos mais a alienação pelo excesso de tanta informação  
desejamos poesia, arte, música  
(Sim, Pucheu),  
"em um momento de horror como o que vivemos, a poesia é mais que necessária  
é filosófica, histórica, sociológica, antropológica, pedagógica"  
é política, estética, criativa  
é inspiração - expiração - respiração

em tempos de piração a poesia nos chega  
às costas do lirismo dos acentos  
da palavra pouco eloquente  
sem "aspas", grifo, itálico  
queda livre à

lu

ci

dez

dez vezes, se preciso,  
dez vozes, se possível.

Nós, que só temos a escrita  
(e lemos contigo, Pucheu)  
pra lutar,  
viver  
e insistir.

VI.  
surdina,  
pelas frestas  
completo teu rosto impreciso  
poemando  
com a imaginação  
memória aos pedaços  
ao encontrar seu eu mascarado  
na rua  
a casa é uma cidade  
pequenos espaços  
você, nós, amor,  
carne - osso - pele

seu sorriso adivinho embaixo do tecido  
jazigos submersos  
bastam os olhos  
basta a presença  
talvez a gente consiga trajés espaciais.

VII.  
É na solidão do concreto que encontro o animal que habita  
que deseja a fogueira  
o calor  
outrém  
aquém

por uma persistência revolucionária do amor  
insistir é preciso  
navegando  
vagando  
abrindo água na água  
crianças gestos incompletos de agarrar as ondas com as mãos.  
na espuma dos dias  
em marasmo.  
com asma,  
o mar.  
ao mar.  
amamos. amaremos.

(sim, Briveira),  
“amar na vida ou na morte é um privilégio”

a-mar na vida  
[o amor como pequena ilha de presença no mar do tempo]  
amar na vida com toda sorte que nos cabe  
e que nos é direito  
amar na vida como trote,  
golpe de sorte no sufoco da asma,  
da tosse suspeita  
da palavra com 37 e meio de febre  
para então surdinarmos,  
na brisa-parapeito  
à janela  
à espera  
à espreita

saudade de tomar banho  
de chuva  
contigo  
comigo  
sentir os pingos caindo  
um  
por  
um  
pensávamos nunca ter fim  
(e) acabou.  
recomeços  
entre tropeços.

façamos chover dentro da gente  
façamos chover nossas lágrimas  
bolhas de água  
a apagar cifras de poeira

submerso  
sub-verso  
respiramos

Nós  
(dentro e fora do poema)  
Na voz que se desfalece em pranto e riso  
diante da nossa própria lucidez,  
É o compasso quem dá ritmo  
(ao poema e à vida)

VIII.

A sensação que precede o vômito  
(sim, Adorno).  
Os milésimos de segundos  
antes do soco atingir o rosto  
O corpo  
em queda livre  
As borboletas  
no estomago  
O pensamento  
não pensado antes do gesto  
O frio  
na espinha  
O afeto  
que é matriz do pensamento  
O chiado  
que anuncia o som do vinil  
Uma vida  
é o que pode (quem sabe?)  
dar sentido à morte.

IX.

quando morreremos  
encontre nossa obra  
em pastas na área de trabalho  
em HDs externos  
na nuvem  
(a senha é amor)

Referências

- BARTHES, Roland. Au Séminaire. In:\_\_\_\_\_. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 412 - 424.
- BRIVEIRA, Rodrigo. Deve ter Fim. Pará: Edições ¼, 2018.
- \_\_\_\_\_. Uivo. In: COSTA, Luciano. MARQUES, Diego (orgs). A hora do pesadelo: paixões distópicas em educação. Sulina: Porto Alegre, 2018, pg. I43 - I45.
- PUCHEU, Alberto. Poema para catástrofe do nosso tempo. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/poema-para-catastrofe-do-nosso-tempo/> Acesso 22 mai, 2020.
- \_\_\_\_\_. Poemas para ler antes das notícias. Editorial Cult: Antologia Poética, Número I, 2018, pg. 04-05.



## O VÍRUS É UM SACO!

Eduardo Guedes Pacheco

Doutor em Educação (UFRGS); Professor Adjunto da UERGS; Coordenador do Mestrado Profissional em Educação da UERGS; Músico instrumentista com atuação voltada ao campo da Educação.

edupandeiro@gmail.com

### I - O vírus é um saco!

II - Não tardam a surgir pronunciamentos sobre os efeitos da pandemia sobre nossos corpos, nossos grupos, nossos modos de viver. Com estas aparições, entre aqueles afetos às boas leituras, aos bons pensadores, não é surpresa ouvirmos da necessidade de que possamos nos reinventar, que este tempo de isolamento sirva para que possamos recriar modos de ser e estar nesse mundo. Não se faz necessário citar os filósofos, pedagogos, sociólogos, artistas, entre outros, que são lembrados nos textos, nas lives e nas reuniões virtuais exaltando tal demanda. Se esta máxima, a de tomarmos estes tempos como provocação para transformações encontra eco em vários terrenos, também é crível que esta não é uma exclusividade da situação presente. No entanto, a fórmula vírus + pandemia x isolamento social tem a capacidade de lançar um fermento para o compartilhamento destas ideias. Elas surgem nos artigos que falam do isolamento daqueles que agora se encontram em solidão, e tomados pelo povo que esta por vir, faz da palavra a saída para invenção de corpos que agora devem se transformar na medida que não é mais a presença real, mas o estar virtual, que os faz atuar num mundo de distâncias. Não tardam a chegar as lembranças dos artistas, sejam eles escritores de romance, compositores ou artistas visuais que bajulam as suas solidões. Eis o encontro, da solidão forçada com a solidão da invenção do ser que cria. E aí o vírus dá o seu golpe de mestre, na malandragem, ao modo da capoeira, diz que vai para lá e vem para cá, olha para um lado e joga a perna para o outro. E ficamos, nós, mais uma vez na história, criando nossos lugares de conforto, burgueses, brancos. Ótimos organizadores de palavras, mas distantes da vida. A solidão da pandemia como alimento para nós, pensadores inventores. Falas que traquejadas de burlas escriturárias repetem o que criticam, o esquecimento daqueles outros. Palavras que viram clichês e fazem girar as mesmas engrenagens de sempre, que mesmo muito bem disfarçadas, sempre deixam os mesmos de fora. E todos sabemos quem fica de fora.

O vírus sabe quem fica de fora.

### III - Diário de um professor isolado

Acordar na segunda feira, arrumar a cama, limpar a casa, tomar banho, se alimentar. Sentar na frente do computador. Encontrar muitos sem encontrar ninguém. Entre uma coisa e outra, comer, caminhar dentro de casa, tomar água, pensar na vida sem isolamento, tocar violão, saber dos familiares, mais trabalho, voltar a comer, mais trabalho até que o dia de labuta se encerra. Acordar na terça feira, arrumar a cama, limpar a casa, tomar banho, se alimentar. Sentar na frente do computador. Encontrar muitos sem encontrar ninguém. Entre uma coisa e outra, comer, caminhar dentro de casa, tomar água, pensar na vida sem isolamento, tocar violão, saber dos familiares, mais trabalho, voltar a comer, mais trabalho até que o dia de labuta se encerra.

Acordar na quarta feira, arrumar a cama, limpar a casa, tomar banho, se alimentar. Sentar na frente do computador. Encontrar muitos sem encontrar ninguém. Entre uma coisa e outra, comer, caminhar dentro de casa, tomar água, pensar na vida sem isolamento, tocar violão, saber dos familiares, mais trabalho, voltar a comer, mais trabalho até que o dia de labuta se encerra.

Acordar na quinta feira, arrumar a cama, limpar a casa, tomar banho, se alimentar. Sentar na frente do computador. Encontrar muitos sem encontrar ninguém. Entre uma coisa e outra, comer, caminhar dentro de casa, tomar água, pensar na vida sem isolamento, tocar violão, saber dos familiares, mais trabalho, voltar a comer, mais trabalho até que o dia de labuta se encerra.

Acordar na sexta feira, arrumar a cama, limpar a casa, tomar banho, se alimentar. Sentar na frente do computador. Encontrar muitos sem encontrar ninguém. Entre uma coisa e outra, comer, caminhar dentro de casa, tomar água, pensar na vida sem isolamento, tocar violão, saber dos familiares, mais trabalho, voltar a comer, mais trabalho até que o dia de labuta se encerra.

Acordar no sábado (sábado é dia de feira ou é mais uma feira como qualquer segunda?), arrumar a cama, limpar a casa, tomar banho, se alimentar. Sentar na frente do computador. Encontrar muitos sem encontrar ninguém. Entre uma coisa e outra, comer, caminhar dentro de casa, tomar água, pensar na vida sem isolamento, tocar violão, saber dos familiares, mais trabalho, voltar a comer, mais trabalho até que o dia de labuta se encerra.

Domingo é sempre um dia chato.

Acordar na segunda feira...

#### IV - As maldades de um vírus.

1- tambor que toca só toca triste.

2 - como realizar o isolamento social numa casa que tem sob o teto uma comunidade?

3- o vírus e uma de suas namoradas, a VAD [i] (Vida a Distância): uma relação inesperada mas que veio em boa hora. O mapa da festa deste casamento é bem definido: uns poucos ficam onde estão (bem poucos), estes continuam coordenando o salão; os integrantes da parte média deste espaço têm mais trânsito, evidentemente com os olhos voltados sempre para cima; muitos são levados em outra direção, mas a esperança de voltar nunca acaba; e aqueles lá do fundo do salão, estes são muitos e muitos. Para estes, é proibido um trânsito muito livre na festa. Muitas e muitas vezes os do fundo são convidados a passear pelas outras partes do salão. Se não para dançar ao som da banda, para ajudar servindo uma bebidinha aqui ou ali, lavando um prato ou o banheiro. Claro, sempre temos as exceções daqueles que migram do fundo para o topo, pois vivemos numa comunidade de livre trânsito e acesso igualitário. Evidentemente, esta festa acontecerá no modo virtual, com exceção para o pessoal do fundo. Observação: o vírus vai casar muitas vezes.

4 - o vírus e o capital: a estética da máscara.

5 - o vírus nas caras pretas do Brasil.

#### VI - Maldades do Vírus nº 2.

Cena 1 - poucas pessoas podem estar presentes na cerimônia de despedida. Regras rígidas para os presentes, número reduzido de homenagens pessoais. Distanciamento. Máscaras. E nenhum abraço para aqueles que veem parte importante de si ir embora. Nenhum abraço. Nenhum abraço. Nenhum abraço. Só o alento daquele tambor que ao soar o faz sozinho, já que tambor que toca só toca triste, mas pega pela mão aquela que despede.

Cena 2 - a cara preta das pessoas que estão no fundo do salão, sem máscaras.

Cena 3 - o vírus e suas piadas, nos ilude com a possibilidade de tocar consigo mesmo e ainda faz a gente ficar feliz com isso.

<https://www.youtube.com/watch?v=zdi3F9ad4X4&feature=youtu.be>

[i] Este texto foi escrito em estado de possessão, ao modo do que acontece nos terreiros brasileiros, e meu intercessor era Silvio Ferraz.

## VII - Aula [ii]

Pensar em aula necessariamente nos remete a tratar de aspectos que compõem uma aula. Se tomarmos a provocação de Gilles Deleuze e Felix Guattari, a aula, entendida como um conceito, nos remete a outros conceitos. O conceito de aula carrega consigo os conceitos de conhecimento, ensino, aprendizagem, avaliação, entre outros. No entanto, o mais valioso para o novo corona vírus é o conceito de encontro. Temos dúvidas se o novo corona vírus já conhecia as engrenagens do capitalismo contemporâneo, mas o que tudo indica, a aproximação "Covid 19" e o EAD foi muito bem aproveitada. A aula que tem como docente o vírus é aquela que, ao gosto de alguns, faz as coisas continuarem como estão. Aqui o EAD recebe a pandemia, o isolamento social, as doenças com imensa alegria. Sua presença faz repetir o que estamos habituados a ver. Muitos poucos controlarão o acesso às aulas, às ferramentas, os conteúdos, as avaliações e o mercado da Educação. Um número significativo de gente tem a ilusão de que controlarão o acesso, às aulas, às ferramentas, os conteúdos, as avaliações e o mercado da Educação. E a imensa maioria de pessoas não vai controlar nem sequer ter acesso a aulas, ferramentas, conteúdos, avaliações. E quanto menos ao mercado da Educação.

## VIII - Vírus e o pessimismo

Não faço parte daquele grupo de pessoas que percebem, como um exercício de sobrevivência, com otimismo, as situações de dificuldade. Esta postura, para não dizer sentimento, tem muito da esperança cristã que nos capturou no ocidente. Pensam eles que, na pior da hipóteses, se não for nessa vida que as coisas irão melhorar, o além nos dará as respostas que necessitamos. Cabe uma ressalva. Neste mundo do capital, temos aqueles que entendem que podem comprar este melhor viver. Prefiro outros convites, como, por exemplo, aqueles que dizem que a vida aqui é a que interessa, e que a mesma não nos será oferecida, pois não é uma questão de oferecimento, e que, portanto, necessitamos nos livrar dos pesos, dogmas, morais que insistem em nos colocar em condição de subalternidade do viver. Aqui, me refiro ao viver sem graça, sem invenção, da previsibilidade, da formatação prévia. No entanto, a vida com o vírus agregou a toda esta minha intenção de uma vida de resistências, de artistação do viver, o mais denso e forte pessimismo. Aqui não afirmo que o isolamento social, a relação com o vírus e com a doença provocada pelo contágio não possam compor um território para invenções de eus afetados por esta situação e tempo. O que procuro compartilhar é que estas invenções não são suficientes, não são potentes o suficiente enquanto forem invenções particulares, individuais. Se assim forem, mais uma vez estamos alimentando o modo liberal de ser. Aqui expresseo o motivo do meu pessimismo, o vírus afirma a individualidade, o vírus afirma as posições sociais. Ele agudiza o volume de pessoas que morre por falta de condições sanitárias, que morre por falta de informações, que terá seu acesso à educação mais limitado ainda pelo isolamento e pela total falta de políticas voltadas para a maior parte da população do Brasil. Se aceitamos o convite de pensadores com Foucault, Deleuze entre outros, estes inspirados por Nietzsche, proponho também aceitar sermos tocados por lógicas outras de estar no mundo, e que compartilham com o autores citados exemplos outros de vida. Conduzidos por Muniz Sodré, podemos colher dos modos de vida africanos ferramentas, armas para enfrentar enxurrada de subjetivação individualista que o ocidente, o cristianismo e por último o vírus alimentam. Um vida que se faz impossível se não na horizontalidade. Se não tenho alimento para abrandar meu pessimismo em função do que o capital vai fazer para sobreviver sem retocar as posições da pirâmide social, tenho furos de respiro ao perceber que existem povos neste mundo que fazem da imanência um território de existência, e como política do viver trocam as negações da dialética por modos de acolhimento e invenção, que tomam a diferença como produção de indivíduos. Meu pessimismo é abrandado pela cor preta.

você e \_\_\_\_\_ ficam \_\_\_\_\_.  
eu e \_\_\_\_\_ ficamos \_\_\_\_\_.  
nós \_\_\_\_\_ ficamos \_\_\_\_\_.  
eles \_\_\_\_\_ ficam \_\_\_\_\_.  
tu \_\_\_\_\_ ficas \_\_\_\_\_.  
ninguém \_\_\_\_\_ fica \_\_\_\_\_.  
jamais \_\_\_\_\_ fique \_\_\_\_\_.  
há que \_\_\_\_\_ não fique \_\_\_\_\_.  
você \_\_\_\_\_ já \_\_\_\_\_.  
fora \_\_\_\_\_ você \_\_\_\_\_.  
\_\_\_\_\_ ficar \_\_\_\_\_ fora.  
saiba \_\_\_\_\_ quem \_\_\_\_\_ fora.  
ele \_\_\_\_\_ fora \_\_\_\_\_.  
ontem \_\_\_\_\_ fora \_\_\_\_\_.  
lembrem \_\_\_\_\_ fora.  
sempre \_\_\_\_\_ você \_\_\_\_\_ fora.

TUDO É TANTO

Cristian Poletti Mossi

Professor do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando também como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação dessa universidade (linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo). Investiga possíveis articulações entre processos de criação, docência e pesquisa em arte e educação. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura - GEPAEC e vice-líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - ARTEVERSA  
cristianmossi@gmail.com





## PASSEIO DE ESCOLA PÚBLICA

Diego Marques

Doutor em educação pela FAGED/UFGRS. Professor de História no ensino fundamental em Viamão/RS. Compositor popular e músico amador que lançou o disco “Alguém já pensou primeiro” (2019) nas plataformas digitais.  
diego.souzamarques@gmail.com



Passeio de Escola Pública:

<https://www.youtube.com/watch?v=2kBdY79UIOs>

Gravado em 29 de maio de 2020, respeitando as diretrizes recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no combate à pandemia do novo coronavírus (covid-19).

Letra e Música: Diego Marques

Argumento, Registro e Edição: Cristiano Bedin da Costa

Produção e Câmera de Apoio: Ricardo André Cecchin

Apresentando:

Diego Marques como Diego Marques

Raquel Guerreiro como A Professora

A manhã ainda fria  
O sol mal nasceu  
Sem a ventania que ontem quase ensurdeceu  
Depois da calmaria  
Os primeiros sons  
Se aproxima a cavalaria atirando os moletons

Se reúnem aqui  
Dispersam acolá  
Burburinho maior do que a voz quer organizar  
Mais estranho que trânsito  
Quando se complica  
E do nada se arruma e ninguém explica  
Tão animado  
Quase morte súbita  
Bem vindo ao passeio de escola pública

Foi girada a chave  
Ao som do motor  
Alguém faltou, alguém com sono, alguém com dor?  
Se perde a contagem  
Se misturam os lugares  
Horários, regras, e hierarquias se desfazem

Tem bolacha aqui  
Biscoito acolá  
Intrigas, brigas e alianças vão se formar  
Pela rua desfila  
Esse bonde moderno  
Uniforme usado indica horda ou exército?  
Tão planejado  
Algo nos acuda  
Começa o passeio de escola pública

Museu da ciência  
Interativo em falta  
Pescoço curioso com a criatura empalhada  
Por trás do bicho  
Inevitável piada  
Evolucionismo se atrapalha com as risadas

Na luneta a imagem  
Lua ou marte  
Crateras e gases pesquisados em viagens  
Como sabem disso?  
E o zodíaco?  
Que acertou ontem quem é o meu melhor amigo  
Teste confirmado  
Alguma dúvida?  
E segue o passeio de escola pública

Prédio tombado  
Resgate da história  
Todas as marcas de uma época remota  
E é outro tombo  
Que chama atenção  
Rasteira e joelho ralado no chão  
Silêncio antigo  
Coleções expostas  
Utensílios, cartas de pessoas mortas  
Generais e índios  
Mulheres guerreiras  
Roupas e perucas assuntos das brincadeiras  
Pra que serve o passado?  
O que é república?  
E segue o passeio de escola pública

Enfim o shopping  
Cores em excesso  
Fomos fisgados com açúcar, sódio e sucesso  
Falso como a comida  
Vida consumida  
Uma marca de roupa com sangue foi tecida

Tem pose aqui  
Biquinho acolá  
No parque aquático algum device vai estragar  
E se culpa a vida  
Universo e país  
No zoológico fogem das telas os animais  
Parece errado  
Ninguém pede desculpa  
Em pleno passeio de escola pública

Voltamos pra casa  
A dor é no corpo  
Tanto pensar, tanto agachar, respiro e sufoco  
Azar dos clichês  
Como e por quês  
O plano foi sobreviver mais uma vez

E à luz da aurora  
Jovem ou senhora  
Embriagada pelo sono das horas  
Desperta a memória  
Em luto pelo agora  
No rito de passagem que cria uma história  
Esquecido ou lembrado  
Alguém tem culpa?  
No fim do passeio de escola pública

Nísia Martins do Rosário

Doutora em Comunicação.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS.

nisiamartins@gmail.com

As tensões semióticas se mostram fortes na pandemia, tanto nas difíceis tradutibilidades que adquirem quanto nas disputas de sentido e nas lutas de força por legitimação de determinados discursos que estão sendo gerados a todo momento. Todo esse contexto é muito produtivo para aplicar e entender o conceito de explosão semiótica de Iuri Lotman, considerando a perspectiva da semiótica da cultura.

É importante lembrar que a cultura é compreendida por Lotman (1999, 2000b) como memória coletiva e mecanismo pensante na sua dinamicidade e na sua complexidade. A cultura pode ser vista como um complexo sistema semiótico. Nessa via, abriga a combinação de vários sistemas de signos com codificações próprias, o que nos permite entender a signicidade como um dos fundamentos da cultura. Tais sistemas de signos encontram diversos níveis de organização e necessitam de regras e normas para seu funcionamento, mas é na relação entre eles que a cultura se estabelece - e, nesse sentido, a cultura representa um mecanismo poliglota, afirma Lotman (2000b).

Dessa maneira, esse momento que vivemos com a pandemia de Covid-I9 é muito peculiar no que diz respeito ao modo como afeta o sistema semiótico da cultura. A grande maioria dos humanos no planeta terra não tinha vivido experiências como o confinamento em casa, o isolamento social, novas formas de trabalho, novos modos de fazer ciência, alterações no processo de educação formal, necessidade de redobrar cuidados com a higienização do corpo e dos objetos, o medo eminente da doença e a alucinante tempestade de notícias sobre o vírus, as pesquisas para a vacina e medicamentos, o caos econômico, as disputas políticas, as mortes...

Do ponto de vista da comunicação é relevante, portanto, inteirar-se dos processos de ressignificação de sentidos, de alterações dos códigos e usos das linguagens e considerar pelo menos dois cenários interrelacionados: o midiático e o cotidiano.

O objetivo dessa reflexão é, pois, entender alguns tipos (dentre várias ordens) de explosões semióticas que estão sendo geradas nesse momento de pandemia. Uma explosão semiótica, como sustentamos, ocorre nos momentos em que os sistemas são atravessados pela imprevisibilidade em velocidade elevada, causando rupturas nos modos de decodificação dos textos culturais e forçando-os a uma nova fase: de ressignificação e de reorganização dos códigos implicados. Pensemos nos modos como se organizaram novos códigos de 'saúde' na pandemia, por exemplo, as interações pessoais presenciais com aquelas pessoas que não moram juntas (os encontros fortuitos no mercado, na rua...): criou-se o código da interdição para dar as mãos, abraçar, tocar; foram impostos códigos de separação de corpos, no mínimo, por dois metros de distância; as máscaras se tornaram uma prescrição dos sistemas modelizantes da saúde. Codificações que visam salvar vidas, mas que carregam também outros sentidos: de perigo, de possibilidade de morte, de separação, de individualidade...

Para Lotman (1999), a explosão carrega a noção de transgressão possível, de comportamento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a previsibilidade, irrompe na criação de algo que não estava determinado. Ao mesmo tempo, coloca em jogo um conjunto de possibilidades das quais apenas uma tende a se realizar provocando a superação da resistência exercida pelos sistemas, provoca mudanças estruturais, novas realidades, mas, ao fim do processo, a imprevisibilidade é substituída pela regularidade. Ocorre, a nosso ver, uma reterritorialização dos sentidos.

É certo que os novos códigos de 'saúde' passam da irregularidade para a regularidade depois que são traduzidos e, entendidas suas lógicas, podem levar à mudança de comportamentos. Um tipo de tensão explosiva ocorre com mais potência, entretanto, quando esses códigos são quebrados por autoridades, como é o caso do presidente Jair Bolsonaro, estimulando outras atitudes no coletivo, como não usar máscaras, cumprimentar-se, tocar-se, fazer selfies. Essas atitudes se mostram como estratégia de oposição, sem a lógica da resistência, contudo. Nesse caso, os sentidos tensionam a previsibilidade, organizando-se sobre uma transgressão possível, mas não operam sobre a criatividade que é elemento importante da explosão, segundo Lotman; tampouco operam sobre a ética. Na verdade, parece muito mais uma reação à explosão, uma defesa da preservação dos sistemas modelizantes anteriores à pandemia, independentemente dos acontecimentos.

...

Lotman propõe a arte como o lugar em que a explosão se realiza com mais intensidade, mas, nesse momento vivido, outros textos culturais trazem, sem tanto encanto, a potência da explosão em si. Ela opera como o lugar de um brusco aumento da informatividade de todo sistema, o que, num primeiro momento, causa incompreensão. Pensar o processo da pandemia como uma explosão é pensá-lo também como brusco aumento da informatividade, desde a necessidade de explicação científica sobre o vírus até as maneiras como ele afeta todos os contextos que o envolvem (e são muitos: a saúde, a educação, a política, o entretenimento, o trabalho, as famílias, a economia, dentre outros).

A maioria dos sujeitos inseridos nessa cultura procuram as mídias para "desintrincar" tantas informações e procurar caminhos de tradução. Dessa forma, as mídias assumem um papel importante na tradução dos acontecimentos, legitimando novos sentidos e, ao mesmo tempo, entrando em lutas de força para produção de conteúdos e consolidação de códigos e discursos. Além disso, as semióticas a-significantes (DELEUZE; GUATTARI, 2011) se fazem mais evidentes, excluem os usuários constituindo uma espécie de sociedade do discurso (FOUCAULT, 1996) sem permutabilidade. Esse aumento de informatividade mediado pela televisão, pelas redes sociais, pelos portais de notícias, entre outros meios, deixa evidente uma infodemia; ou seja: uma exorbitância de notícias, dados, explicações que direcionam as semioses, gerando medo e ofuscando determinados problemas. Essa mediação, muitas vezes, nos impede de fazermos nossas próprias traduções e nos estimula a aceitar os sentidos já prontos.

O processo de tradução, de nosso ponto de vista, tem papel chave aqui. Por meio da tradução transforma-se um texto em outro texto usando as linguagens, os códigos e os sistemas modelizantes que estão disponíveis na cultura. É importante levar em conta também, nesse processo, conceitos de dialogismo e polifonia. Segundo Lotman (1999; 2000a), a mente humana está aparelhada para extrair determinadas suposições do curso geral das coisas, mas não está preparada para a casualidade, a qual interrompe a cadeia de causas e efeitos a que o sistema semiótico (e a mente) está (ou estão) acostumado(s), gerando um campo minado de grande densidade de informações. O processo de explosão não prevê o caminho, não tem um percurso pré-definido. A busca da significação, entretanto, sempre está em movimento e mesmo em casos mais complexos, antes de prosseguir a semiose, o enunciatório busca descobrir algumas indicações sobre quais os códigos estão associados à mensagem e como deve decodificá-los.

Por isso, é necessário considerar que mesmo o que é novo e individual deriva de alguma tradição cuja memória é atualizada em textos e, desse modo, os espaços, que a princípio são de não-intersecção, vão tensionando o processo comunicativo e impulsionando para o deciframento dos textos ali nascidos (LOTMAN, 1996, 1999, 2000b).

Nesse sentido, muitas das questões da pandemia têm girado em torno da cultura do neoliberalismo que está agudamente inserido na cultura ocidental e que, portanto, é parte de tradição (e da memória) impingida aos sujeitos. Os processos de tradução seguem esse caminho. Tanto é que muitas escolas, lojas e indústrias estão preocupadas em sua sobrevivência financeira, defendendo a reabertura das organizações e a volta do público para as ruas, desconsiderando as possibilidades de aumento do contágio e, por consequência, o crescimento do número de mortos por Covid-19. O foco está no sistema produtivo e econômico - apenas para realçar o cenário mais óbvio. O neoliberalismo, por essa via, assume-se como espaço de necropolítica (MBEMBE, 2018) constituída, onde o que mais importa é o sistema de consumo, mais do que a própria vida. Esse espaço se amplia quando surgem o que muitos denominam como 'crise', porque se tem a desculpa de um estado de exceção. A cultura do neoliberalismo é tão forte, que os sujeitos que precisam ficar em casa entram num automatismo produtivista, sugerindo-se em pequenas coisas: arrumar os armários, limpar a casa, cozinhar, tirar o pó, fazer exercícios, fazer tricô... Esse automatismo produtivista tende a nos impedir de refletir sobre o que está acontecendo e nos impede de construir um caminho próprio de semiose, como pensar mais profundamente sobre o sistema da saúde, da educação, do consumo, das relações familiares, das produções científicas, entre outros.

A tradução se torna importante porque, quando realizada em sistemas complexos de códigos ou códigos que precisam ser remodelizados, articula-se nas resistências de forças, nas possibilidades de indeterminações de sentidos e de reconstrução de percursos de sentidos. O próprio movimento da tradução na semiosfera [i] pode ser entendido como uma constante inter-relação com o ambiente que lhe é externo pela mobilidade e penetrabilidade, problematizando, assim, o processo de tradução do seu mundo exterior ao seu mundo interior e vice-versa.

Pensemos na semiose do vírus produzida culturalmente, que o coloca como uma variação de inimigo externo: o estrangeiro, o desconhecido, o perigoso. Nessa mesma dimensão - como sociedade estruturada sobre o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo - colocamos os imigrantes, os refugiados, os negros, os LGBTQI, as mulheres, os pobres, as bruxas, os judeus, os escravos... Deslocamos a culpa para o estrangeiro, bem como a explicação da calamidade, da pandemia. Não é a toa que tantos discurso sobre a culpa da China foram construídos e circularam.

Em geral, quando pensamos em interação ou interlocução, o espaço de encontro e convergência pela interseção dos interlocutores se evidencia como ambiente natural da comunicação, como identidade de base entre os interlocutores.

Contudo, no pensamento de Lotman, os espaços de não-intersecção assumem maior relevância, ou seja, de uma não-identidade de base entre enunciador e enunciatário, o que significa que os sujeitos comunicantes não operam sobre conhecimento e usos equivalentes de códigos, memória e linguagem. Ainda que não haja uma identidade muito similar entre eles, há um determinado nível de interação propiciado por espaços de linguagem partilhados.

[i] O conceito de semiosfera para Lotman pode ser definido como um espaço-tempo em que se realizam os processos de semiose e também os processos comunicativos. É a dimensão na qual se manifesta o que é próprio da significação e da semioticidade. É o ambiente de produções de novas informações, atualização de códigos e de linguagens, organização de sistemas modelizantes, articulação de regularidades, repetições e legitimações, bem como de criações, irregularidades e desterritorializações. Assim, o conceito de semiosfera torna-se fundamental para entender os processos de tradutibilidade.

O valor do diálogo não está ligado à parte que se intersecciona, mas à transmissão de informação entre as partes que não se interseccionam. [...] quanto mais difícil e mais inadequada é a tradução de uma parte não interseccionada do espaço à língua da outra, mais preciosa se torna, nas relações informacionais e sociais, o feito dessa comunicação paradoxal [ii] (LOTMAN, 1999, p. 17, tradução nossa).

É possível dizer que Lotman estava interessado justamente nos tensionamentos que se configuram quando a comunicação se torna mais difícil, quase impossível, e, em decorrência, exige esforço de tradução, criatividade e reflexão sobre o sistema semiótico.

Assim, pode-se definir tensão como uma certa resistência de forças, que está inserida no processo comunicativo e que se realiza entre o espaço de intersecção e de não-intersecção. O autor não se aprofunda muito nessa concepção, contudo, é possível pensar que o tensionamento recíproco que aí se estabelece é o que mantém viva - em movimento - a comunicação por meio de formas de contato que propiciam deslizamentos diversos e que oscilam desde a facilidade da compreensão até seu polo oposto, a intradutibilidade.

É nesse processo de tensionamento que se constrói a resistência de forças, a comunicação criativa e que as lutas e disputas de sentidos se realizam. A tensão, ao mesmo tempo que interpela os códigos propulsionando sua atualização, permite a reorganização inventiva dos signos num texto e a orientação para novas semioses a partir da indeterminação de sentidos. Os ruídos são os potenciais tensionadores do processo comunicativo, inquirindo o próprio código e os processos de tradutibilidade dos sujeitos. Empregam-se, nesses movimentos, várias velocidades de transformação, considerando arranjos já costumeiros tanto quanto desarranjos criativos.

É interessante observar como as tensões provocadas pelos processos comunicativos que têm efeitos de explosão semiótica estão atravessadas por embates de diversas subjetividades e por subjetivações maquinicas que se conectam à memória coletiva da cultura e, vale ressaltar, à raízes capitalísticas...

Assim, a situação de pandemia da Covid-19 vivida no mundo se configura, sem dúvida, como uma explosão semiótica pela forma como atingiu todas as partes do planeta, inclusive as que não foram tão afetadas por ela. Essa experiência colocou em ação o conceito de tensão, fazendo pressão sobre os códigos existentes em diversas instâncias da cultura, provocou ruídos de todas as ordens entre governos, sistemas de saúde, de economia e suas respectivas populações, causando um alto nível de irregularidades nas formas de vida das pessoas.

As imprevisibilidades semânticas, então, se multiplicam principalmente nos procedimentos de interação entre sujeitos, acionando a necessidade de adaptação de modos de comunicação, destacando-se o tensionamento dos modos de presença. Em outras palavras, explodiram-se códigos de diversas áreas e foi necessário criar rapidamente formas de existir, mobilizando a estrutura rizomática pluridimensional dos códigos. Esta situação irrompeu como um mecanismo inesperado e instantâneo de alteração da realidade cultural.

Entre tantas possibilidades de abordagem acerca da pandemia de Covid-19, uma inquieta mais: as imprevisibilidades do discurso político presidencial que semiotizam a sua radical necropolítica.

[ii] No original: "el valor del dialogo resulta unido no a la parte que se intersecta, sino a la transmisión de información entre las partes que no se intersectan [...] quanto más difícil e inadequada es la traducción de una parte no intersectada del espacio a la língua de la outra, más precioso se vuelve, nas relaciones informativas y sociales, el hecho de esta comunicación paradójica".

Nesse ponto, é importante lembrar o que defende Lotman sobre a explosão: ela não se dá totalmente fora do sistema, mas dentro daquilo que o sistema permite em suas possibilidades de casualidade e imprevisibilidade.

Assim, ainda que se espere que o presidente deste país diga impropérios como lhe é de costume, tinha-se como premissa que agisse não como persona privada, mas como a persona pública que é, de acordo com o cargo que ocupa, apesar de suas subjetivações excêntricas. As frases que se destacaram na voz de Jair Bolsonaro foram tão explosivas que geraram pautas seguidas e diárias no jornalismo, nas redes sociais, entre outros.

Frases como “E daí? Eu sou messias, mas não faço milagres” [iii], para replicar o número de mortes pela covid-19, ou “Eu não sou cozeiro, tá?” [iv], quando o Brasil completava mais de 2.700 óbitos, ou “Alguns vão morrer? Vão morrer... Lamento, mas é da vida. Não pode parar uma fábrica de automóveis porque tem morte no trânsito” [v], dito numa entrevista. Os textos semióticos emitidos por ele durante a pandemia deixaram explícitas sua necropolítica, de descarte de vidas que não estejam inseridas na forma mais dura de neoliberalismo. Frases como essas, além de outras tantas ações do referido mandatário, negam a humanidade do outro. Mostram a perigosa política de violência estatal. Mostram que as zonas das vidas descartáveis se ampliam ainda mais, para além dos pobres, negros, LGBTQIs, não produtivos, mas para todos aqueles que não estão no mesmo mundo semiótico desta autoridade. Estão aí em evidência também as semioses que o presidente e seu séquito se autorizam, por meio de necropolíticas estrategicamente criadas: o direito de expor outras pessoas à morte, o direito de impor mortes a determinados sujeitos, o direito de deixar à morte aquele que necessita de auxílio. E o pior: os sentidos de insignificância dessas vidas perante o estado.

Jair Bolsonaro já estabeleceu uma luta de forças com boa parte da imprensa para o estabelecimento de discursos válidos. Ainda que seja criticado quase diariamente, não só pela mídia, mas por autoridades estrangeiras, cientistas e populares, seu comportamento e suas palavras se voltam para o rompimento ético e moral com os códigos da vida.

Poderíamos expandir muito mais as considerações sobre a política na pandemia, mas há outro tema importante para abordar que toca também à necropolítica. São as explosões dos rituais de morte em todo o mundo. São mostradas várias covas coletivas pelo mundo, recebendo corpos sem nome, sem ou com família pela impossibilidade de um funeral adequado aos ritos culturais. Não há despedidas, não há momento para velar o morto, não há compartilhamento da tristeza com os amigos. Outra explosão semiótica no âmbito do social. Uma notícia de internet nos conta o caso de um rapaz ianomâmi de 15 anos que faleceu em decorrência do novo coronavírus. “Horas após o óbito, o corpo foi enterrado em Boa Vista (RR), onde ele estava internado, sem que a família fosse comunicada”, diz a reportagem[vi].

Cientistas [vii] citadas pelo portal GI dizem que, para cada morte pela Covid-19, entre seis e dez pessoas são afetadas. Aspectos peculiares devem ser considerados nesse luto: a alta transmissibilidade, o isolamento de pacientes, as mortes solitárias e enterros sem rituais, quando não a impossibilidade de atendimento médico adequado. Além disso, a impossibilidade de apoio mútuo em função do isolamento social.

[iii] Disponível em <https://istoe.com.br/e-dai-eu-sou-messiasmas-nao-faco-milagres/>

[iv] Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-cozeiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>

[v] Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/06/02/bolsonaro-volta-a-dizer-que-morrer-e-normal-no-dia-que-obitos-batem-recorde.htm>

[vi] Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-impacto-cultural-da-pandemia-de-coronav%C3%ADrus-sobre-povos-ind%C3%ADgenas/a-53I9I533>. Acessado: 20/05/2020

[vii] Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/01/a-cada-morte-por-coronavirus-seis-a-dez-pessoas-sao-impactadas-pela-dor-do-luto-dizem-especialistas.ghtml> acessado: 25/05/2020. Aqui são consideradas especialmente Collen Bloom, gerente e uma das fundadoras do Centro de Luto Profundo, da Columbia University, EUA; Ana Claudia Arantes, geriatra com especialização em Cuidados Paliativos pelo Instituto Pallium e Universidade de Oxford; Anna Carolina Lo Bianco, vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia / Brasil.

Assim, das experiências contemporâneas com a pandemia e dos modos como os governos as administram se produzem semioses sobre as necropolíticas vigentes. Ou, como diz Paul Beatriz Preciado (2020): cada sociedade pode ser definida pela epidemia que a atinge e pelo modo como faz a gestão dela.

#### Encaminhando um final

Esses processos de explosão semiótica que verificamos nesse momento de pandemia estão refletindo as tensões da cadeia comunicativa, bem como as disputas de sentido e as lutas de força entre discursos. Nesse processo, os códigos se atualizam em diferentes velocidades e o incompatível se transforma em adequado, o intraduzível em traduzível. Em algum momento, esses sentidos têm a possibilidade de serem reterritorializados com forte tendência à incorporação e à assimilação pelo sistema. Em outros momentos, os sentidos podem ser desconsiderados e são expelidos da semiosfera podendo ficar desterritorializados por tempo indeterminado. É relevante reter que, na situação da pandemia, os modos como as linguagens e os códigos da cultura vão se rearranjar serão percebidos de todo somente após esse processo, ainda que já possamos detectar muitos indícios desses procedimentos como, por exemplo, novos modos de convivência, relações familiares, modelos de trabalho, padrão educacional, necropolíticas. Nessa paisagem, verificamos posições distintas entre o saber e a verdade que se manifestam nos processos de semiose com muita força, principalmente no Brasil.

A resistência de forças e a luta semiótica pela atualização dos sentidos em que acreditamos é fundamental nesse momento. Nosso movimento como comunicadores, estudiosos da comunicação, professores, alunos, cidadãos deve ser o de assumir nosso papel nas forças de resistência e nas disputas pela construção de sentidos, buscando coerências com a cultura dos povos latino-americanos pautados pela solidariedade, pela força de vontade e pela cidadania.

#### Referências

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. São Paulo, Editora 34, 2011.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
- LOTMANN, Yuri M. Semiosfera I - Semiótica de la cultura e del texto. Madrid: Cátedra, 1996.
- \_\_\_\_\_. Cultura y Explosión. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.
- \_\_\_\_\_. Universe of the Mind: a semiotic theory of culture. Indiana: Indiana University Press, 2000 (a).
- \_\_\_\_\_. Semiosfera III - Semiótica de las artes e de la cultures. Madrid: Cátedra, 2000 (b).
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: Edições n-I, 2018.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendendo com o vírus. In: VVAA. Sopa de Wuhan. Pensamento contemporâneo en tiempos de pandemias. Espanha: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 163-185. Publicado originalmente no El País, 28/03/2020.



ESTAMOS RESPIRANDO?

Dinamara Feldens

Docente do Programa de pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS  
dfeldens@hotmail.com

I

eu abro os olhos, num horário confuso. Não tem escola, a vizinha não grita "Mary, vai perder a hora", não tem os barulhos, os cheiros, as angústias e tentativas de ordenamentos habituais. Tem a sufocante e "insensata" pergunta: meus pais estão respirando? Estão respirando? O negro, a mulher, o trans, eu mesma.... estou respirando?

II

respirando: movimento que circula no corpo, acelera e possibilita, atravessa nas células, no sangue, no pulmão. Processo se alimenta, inunda, afecta a vida. Afecta. Afecções... não infecta ou... infecciona.

III

o outro infecta, a fruta, a roupa, a boca, os sapatos, o toque, NÃO TOCA! Os metais são os piores, a máscara, não põe a mão nela! Meus pais, meus filhos, minha netinha. Os mortos, os respiradores, as luvas, um vírus gordo, o meu vizinho, o outro importa - protege, o outro importa o vírus!

IV

não toque assim na natureza, volta prá ela, busca teu pertencimento, em 20 anos quinhentas espécies de animais terrestre estarão instintos. Mas eu sou uma espécie de animal com medo de ser instinto. Traz de volta minha inteireza, tragam meu bicho, meu nicho, o cheiro da Gaia. Onde vim parar? O verme, a folha, o pêlo, o couro, o grunhido, o rastejar perdido. O vírus que saiu deles e eu não suporto, eu morro, adoço, não respiro, não me mexo.

V

o singular é um coletivo, o coletivo agora é meu singular. O outro é minha possibilidade de não infectar. O outro é contaminação e cura, o outro é álcool gel, o outro é covid e eu adoço porque me isolo. Porque me isolo tanto? Porque tanta solidão? O abraço, o abraço, o abraço.

VI

queria dormir de novo, acordar no agora, respirando sem a pergunta. Sem a vergonha da habitação humana na terra, sem a urgência de lavar o que conecta. Conexão da morte, água da vida... onde viemos parar? Foi tantos estudos de táticas de guerra, mercado, tecnologia de armas, refinamentos de morte, vitórias, submeter o outro, tecnologias de finitudes... e o vírus, invisível, sem cérebro, sem razão, sem estudo. Pede o outro, pede ao outro que se proteja! É por todos! Já não sabemos mais quem são os todos, os outros, os vírus.

VII

contágio, contagem, coragem!!

VIII

a humanidade aprende, aprendeu, vai melhorar? Qual o conceito de melhor? Respirar? Estar respirando. Qual o teu outro? O que te protege, o que te infecta. Estamos todos pandemizados. Acho que de alguma forma sempre estivemos. Agora nos assola, atravessa, humilha e encoraja: eu não estou respirando!

IX

subjetividades de contágio, vida de contágio, voltar a caverna, olhar nas sombras os afetos, os outros. Esquizo-ansiedade, finitude na borda, me dobro, a dobra, respirar é meu ritornelo. O outro, meu outros os outros, acordaram? estão respirando?

estão?

## TORNAR SONORAS LINHAS E DISTÂNCIAS

Silvio Ferraz

Professor Titular do Departamento de Música da Universidade de São Paulo - USP  
silvioferraz@usp.com

fazer música é tornar sonoras forças não sonoras.  
tornar sonoras forças como o encontro entre pessoas.  
tornar sonoros os tempos diversos.  
os tempos de cada um. tornar sonoro o encontro dos tempos de cada um. tornar sonoras as linhas das montanhas.  
tornar sonoras as linhas da névoa. um lugar qualquer.  
tomar cuidado de cada som.  
tomar cuidado de cada corpo.  
tomar cuidado de todos.  
pensar nos ciclos da respiração.  
pensar nos ciclos das ressonâncias.  
tornar sonoras as pequenas partículas de pensamento. de sensação.  
de sonhos. tocar um instrumento é tornar sonoro um pedaço de madeira.  
um pedaço de metal.  
um feixe de crina.  
a voz parece já tornar sonora a respiração.  
a voz torna sonora o batimento cardíaco.  
a voz torna sonoras as linhas.  
werner herzog nos fez ouvir um madrigal de gesualdo nas linhas de montanhas e entre oliveiras.  
nos fez ouvir as texturas do ouro do reno de wagner nas linhas verticais de uma queda d'água.

este texto acompanha a gravação de distâncias e linhas, realização coletiva do Grupo Música Atual, o GruMa.

cada um em sua casa. cada um tentando encontrar uma linha sonora para conectar com outras linhas sonoras.

linhas nasceu depois de outras experimentações. diversas. já são 4 anos de experimentações, do grupo se modificando, mas com participantes que retornam.

linhas nasceu depois de móbile. e tem muito de móbile. em móbile a ideia era suplantar o problema do delay na prática de música por streaming de dados, a partir das propostas de pensamento temporal presente na experiência textural da escuta musical proposta a partir dos anos 1950.

sem o tempo a música pode ser pensada como espaço. os sons podem ser peças de um móbile. e podem girar, ir e voltar, a cada vez em um lugar diferente em torno de algum eixo. tornar sonoro este jogo de ir voltar, cada vez em um lugar diferente em torno de algum eixo. esta foi a proposta.

primeiro tentamos tocar usando um destes dispositivos de streaming de dados.

vivemos assim todos ruídos possíveis, sem evitar ruídos.

os ruídos estão aí. e então descobrimos fazer música em meio a parentes e vizinhos que falam, carros que passam e seus sons entram janela adentro, casas pequenas, gritaria de maritacas e bem-te-vis, máquinas de lavar-roupa, aspiradores de pó.

os ruídos estão aí e ao invés de serem eliminados, devem entrar na música que está sendo feita, participar.

os espaços silenciosos não são da ordem do cotidiano.

experimentamos via streaming e depois refizemos os caminhos, cada um em seu canto, como se fosse uma parte do móbile.

assim linhas que estavam disjuntas caíram umas sobre as outras, se conectaram livres como um dia nos propôs luiz orlandi em seu curso procedimentos expressivos: "os encontros sonoros se distribuem por infinitos mundos de uma infinita sonosfera. Os sons, lá nos mundos deles, reencontram-se casualmente a cada vez".



distâncias e linhas segue pelo mesmo caminho, mas agora ao invés de pequenas peças do móbile, pequenos objetos, foram linhas ou linha (no singular) contínuas.

uma grande linha, a escala.

esta que talvez seja a habilidade "espécie-específica" mais própria do homem e que o leva à música: criar escalas, colocar ordenar objetos para depois empregá-los de modos livres ou lineares. enfileirar pedras, enfileirar pequenos ossos.

a regra de composição de "linhas e distâncias" é simples:

tocar uma curta escala ascendente, repetir esta escala variando de distância entre as notas.

tocar esses sons e alongar-se neles, ouvindo cada um deles, ouvindo o som do instrumento em suas entranhas, como em um mantra.

deixar nascer outras escalas e deixar muita distância entre cada nota a ponto de que esqueçamos que se trata de uma escala.

ao fim e ao cabo, ir aproximando as notas da escala, tocá-la cada mais ritmada e repetir sua última nota um tanto de vezes que lhe pareça adequado.

ensaiamos por streaming com nossos tempos diferidos pelos delays, e novamente pedi que cada um, em um dia qualquer, tocasse e gravasse sua linha individual.

cada um com sua linha, umas de 10 minutos, outras de 3 minutos, outras de 8 minutos. uns enviaram vídeo outros apenas áudio, outros enviaram mais de uma versão. nada foi descartado, tudo utilizado.

a quem montou tudo junto a tarefa foi de reunir as linhas sem pensar na conexão entre elas, apenas jogá-las em uma linha de tempo e deixá-las junto.

o limite era não passar de 10 minutos.

foi então que anexeí as primeiras linhas deste texto que prolongo agora.

foi então que me lembrei de um vídeo que havia filmado em uma madrugada no morro da igreja em urubici-sc.

foi então que me lembrei do início de coração de cristal de herzog, ou de gesualdo: morte a cinco vozes.

das linhas das polifonias do renascimento, das linhas das montanhas, da escala de dó maior no ouro do reno de wagner empregado por herzog em nosferatu. da cachoeira de gotas quase paradas em coração de cristal. e ainda a trilha do popol vuh, banda alemã, de krautrock, fundada em 1969 e que atravessa diversos dos filmes de herzog. aqui a imagem era a de o grande êxtase do entalhador steiner, um esquí voando em um tempo muito lento.



são muitas imagens que passam pelo processo de criação.

somos povoados de imagem e elas nos vieram por conta própria, não pediram permissão para se fixar, apenas se fixaram.

e as imagens que carregamos, sem nossa permissão, se conectam também sem nossa permissão como as linhas e as peças de um móbile livre, como os sons de luiz orlandi.

as imagens se conectam e inventam outras imagens.

podemos um dia correr atrás delas e imaginar de onde vieram, até podemos fazer este mapa, mas ele é provisório e ao rabiscar sobre o papel outros pontos notáveis deste mapa se revelam, como em um reservatório sem fim.

me apoio aqui em simondon e bergson para pensar este mundo de imagens. eles também imagens, por sua vez.

as imagens vêm de diversos lugares como as imagens do olho que se tornam sons.

como as imagens táteis que se tornam olho ou o olho que admira a mão que desenha ou o ouvido que ouve o ruído do arco enquanto uma música qualquer de tradição é tocada.

as imagens nos invadem e não pedem licença. se alojam, se cruzam, se esfacelam, ganham entranhas, se desdobram, crescem, diminuem, tudo sem nos pedir permissão.

popol vuh, o grupo de rock alemão toma como nome o livro das origens dos maias-quichés da atual guatemala. Popol Vuh, "na verdade estava tudo quieto, na verdade ainda estava em silencioso. estava quieto. na verdade estava calmo".

tornar sonoro o calmo. tornar sonoro o silêncio. fazer ouvir o silêncio na presença do som. são algumas das magias que tentamos resolver.

e assim as imagens se cruzam. herzog, os sons, as escalas, os jovens estudantes em suas casa, a tecnologia digital de terceiro mundo, a banda popol vuh, o Popol Vuh dos Maias-Quichés, o silêncio, as linhas, as montanhas, a bruma, os móveis.

não se tratou de contornar os limites, mas de se valer de um repertório que permitia atividades antes escondidas, senão proibidas.

bastava abrir as portas fechadas das possibilidades de catálogo, encontrar o reservatório escondido e explorar os rumos.

precisava fugir dos padrões.

o repertório de imagens não é livre por si só.

nós somos imagens que vivem imagens, como propuseram bergson, depois simondon, e ainda mais uma vez deleuze.

imagens que nascem simplesmente da conformidade de nossos órgãos, do formato da mão, do pé, da perna, do mecanismo de conexão entre estas peças, do sistema digestivo, dos dentes; imagens que servirão a acolher outras imagens, as imagens que estão para além das membranas, e que se misturarão às imagens que já estavam no corpo, e que deixarão marcas, pequenas lembranças quando as forças do exterior pararem de cessar.

e as imagens se misturam, formam outras, serem a resolver situações diversas de manter a continuidade ou de encontrar outra mais interessante.

mas, vez ou outra, as imagens param de se conectar e é como se a energia não passasse de um ponto a outro. como se as imagens do nosso reservatório e seus hábitos de conexão não dessem conta do campo problemático que se desenha. e o campo é complexo, ele trará imagens, mas ele pede tempo.

sempre que há um cérebro e um corpo há tempo, é preciso perder tempo.

e quando este tempo é subtraído, é como se não houvesse lugar para as novas conexões, para novas imagens, para pôr em movimento a usina de imaginação e o processo de invenção de fluxos.

um dia voltaremos todos às ruas.

sem mais o atual vírus, mas talvez um outro que permita sair.

tudo voltará ao velho normal, insuportável, consumo desenfreado, experimentações proibidas, tradições, o velho mundo.

e a esperança de que alguma coisa ficou das experimentações, algo ficou das tentativas de sair dos eixos e dar continuidades não improváveis.

ATENTE PARA O SOM QUE ISSO FAZ  
ATENTE PARA O SOM QUE ISSO FAZ  
ATENTE PARA O SOM

atente para o som que isso faz  
isso  
FAZ

O SOM  
atente para  
atente o som faz  
para o som  
O SOM Z z  
Z z

OM Z  
atente para  
atente para  
atente para  
atente PARA

O SOM QUE ISSO FAZ  
ATENTE som isso  
ATENTE PARA ISSO  
para isso  
isso faz  
atente isso  
PARA SOM  
ISSO FAZ

ATENTE PARA O SoM QUE ISSO FAZ  
ATENTE  
ATENTE  
ATENTE  
atente  
para o som que isso faz  
o som que  
para  
o som

atente  
QUE FAZ  
ISSO  
ATENTE PARA O SOM QUE ISSO faz  
atente para o som que isso faz  
atente para o som que isso faz  
atente  
atente  
atente para  
o som que isso faz  
faz

atente:

a resposta [ainda] é.



<https://www.instagram.com/obediencia.art/>

obediência.art - no Instagram é a possibilidade que encontramos nesse tempo de distanciamento de seguir nossos processos artísticos aceitando e buscando dialogar de maneira ativa com as novas regras de convívio social. Afastados fisicamente estamos mantendo nossa busca mergulhando no uso dos recursos disponíveis dos nossos celulares e computadores. Neste primeiro momento da nossa produção temos como inspiração textos do livro Porque esperamos - notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus. Não nos distanciamos do desejo de pensar nosso tempo acolhendo uma certa descartabilidade a que parece estar submetida um tipo específico de produção audiovisual contemporânea.

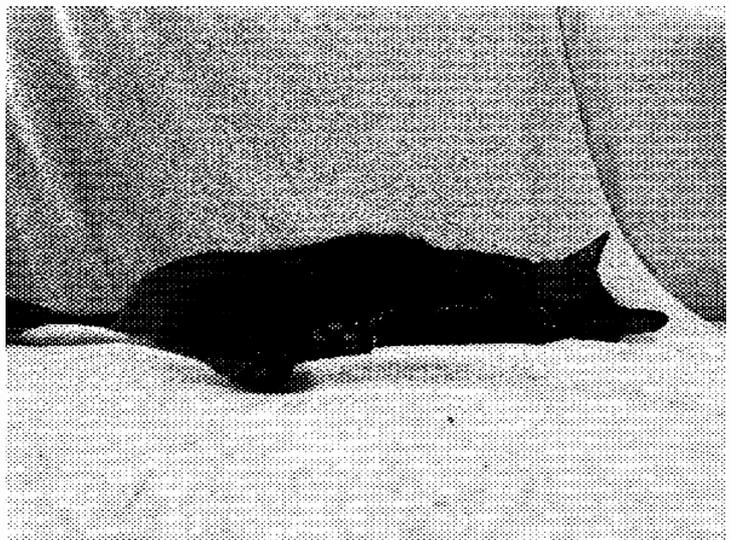
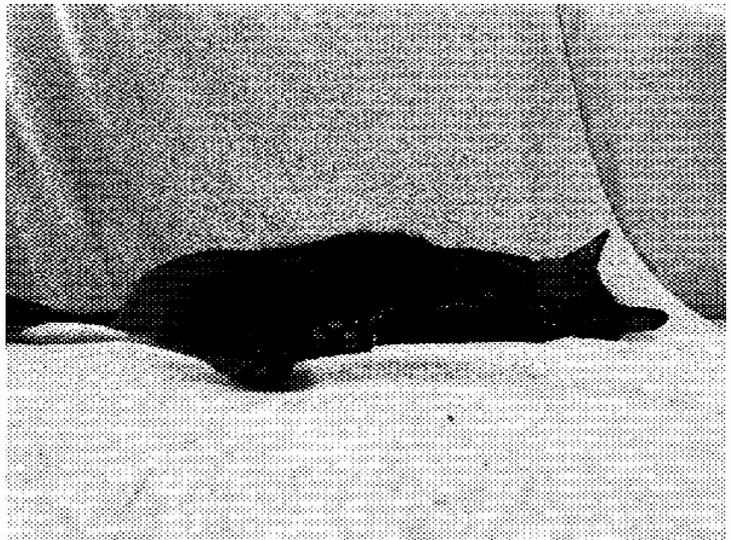
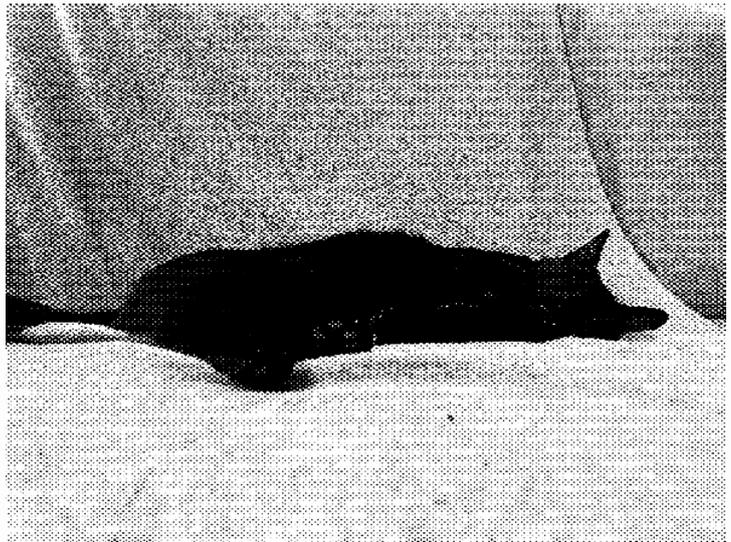
obediência.art faz parte do projeto obediência que surge da nossa disposição de seguir criando num momento tão singular da história do nosso país. obediência é muito livremente inspirado na obra Discurso sobre a Servidão Voluntária de Étienne de La Boétie. Em seu discurso, escrito no século XVI, quando ele tinha apenas 17 anos, La Boétie se pergunta: por qual razão os tiranizados aceitam o tirano? Numa resposta surpreendente, ácida e extremamente atual, ele nos faz voltar o olhar para o tirano que existe dentro de cada um nós. Se voluntariamente nos deixamos tyrannizar é porque em nós mora também a vontade de dominar o outro.

Criando a partir dos estímulos deste texto e das obras do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, obediência é um trabalho que não prescinde do humor. Pelo contrário, acreditamos que a ironia, o humor e o distanciamento crítico são ingredientes potentes para cativar nossos espectadores.

Partimos da confiança no teatro como território potente para pensar nosso tempo. Essa tem sido a nossa prática e nossa busca nos 9 espetáculos da LMPR - Tempo Companhia Teatral.

Helena Varvaki, Manoel Prazeres, Gabriela Munhoz e Rick Yates são um grupo de artistas que tem uma parceria na criação em várias outras obras. Confiamos que nossa experiência pregressa nos possibilita intimidade e ousadia no processo de criação.

Num tempo ímpar da nossa experiência,  
a dor, assim como a criação, pedem urgência.



[...] e pelos silêncios  
desliza o pensar

## INTERRUPÇÃO

Luciana Gruppelli Loponte

Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
luciana.arte@gmail.com

### Interrupção

I.

Éramos puro fluxo. Início de semestre, muitas promessas lançadas. Neste ano, nossas aulas iriam ser dessa forma, nós iríamos fazer tudo diferente, prometíamos. Os corredores voltavam a encher-se, cumprimentos e saudações a distância. Aquele cafezinho, quem sabe, um dia desses.

II.

Ficar em casa. Estar em casa. Respirar em casa. Trabalhar em casa. Trabalhar em casa. Trabalhar em casa. Viver em casa. De casa, ver o mundo.

III.

Em casa, com essa sensação tênue e privilegiada de estar protegida de um vírus, redimensionamos o mundo e a nossa própria vida. Que docência pode emergir daí, em meio aos cacós do que pensamos que somos? Há algo para aprender?

IV.

Mais tempo, menos tempo. Já é sexta-feira. Outra segunda-feira. Uma lista de tarefas que continua a aumentar. O tempo fora de casa é o mesmo tempo que vivemos dentro de casa? Quem sou eu mesma naquela tela do computador tentando ver meus colegas de reunião?

V.

Um dia que começa. Hoje vai ser um dia produtivo. Faz ainda sentido “produzir” em meio a pandemia? Escrever, deixar escorrer o fluxo das palavras [mãe, pode brincar comigo? Agora não posso, pode esperar um pouquinho?]. A escrita faz com que tentemos colocar algumas coisas em ordem, por mais provisória que seja isto que podemos nomear de ordem [mãe, eu vou ficar aqui bem quietinho, tá?]. Tantos textos surgidos durante este período, o isolamento, a suspensão temporária faz com que as palavras brotem, se intensifiquem [mãe, olha aqui a fase desse joguinho que eu tô! É só um pouquinho, vem aqui].

VI.

[...]

VII.

Interrupção. Suspensão. Pausa.

### Docências

I.

O primeiro momento foi a suspensão. Nos recolhemos como conchas em nossas casas, tentando entender o que estava acontecendo.

II.

Para o exercício da docência, preciso de presença. “Olhem nos olhos dos seus alunos, estejam presentes para eles”, digo sempre para meus estagiários. Como inventar presenças nas ausências?

III.

Tenho exercido a docência com meu filho de seis anos. Descobrimo palavras, sentidos e a poesia do encontro das letras. Aos poucos, parecem que aquelas letras começam a fazer algum sentido. Mas, ainda, eu e ele, precisamos de escola.

IV.

Devagar, fomos entendendo que assim seria, pelo menos um tempo. Aprendemos a lidar com as distâncias e os tantos aparatos que as eliminam. Há algo de docência possível.

V.

E, um dia, quando voltarmos, como ser docente de máscara?

VI.

Estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso para que a vida recobre um equilíbrio - não será esse o trabalho do pensamento propriamente dito? Não estará exatamente nisso sua potência micropolítica? Não será isso o que define e garante sua ética? E, mais amplamente, não será nisso afinal que consiste o trabalho de uma vida? (ROLNIK, 2018, p.27) [i].

VII.

“Não consigo respirar”, a frase que continua ecoando em nossas cabeças. Não conseguir respirar me amedronta. Continuar a pensar e a respirar em meio ao que nos sufoca é uma emergência, é um ato estético, é um modo de vida.

### Tempos

I.

Reclamar da falta de tempo para tudo é nosso vício. Preenchemos o tempo com tantas coisas que, quando temos um pouco mais de tempo, nos perdemos.

II.

O tempo em casa passa diferente. Passa devagar, passa muito rápido. Quando tudo isso acabar, o que vou fazer com meu tempo?

III.

Mãe, por que o tempo demora tanto?

IV.

Demorei mais tempo do que queria para escrever este texto. Outros tempos em casa desorganizam o tempo do pensamento e da escrita.

V.

Mais um mês. Mais tempo do que imaginávamos. Em breve, nossos tempos em casa, compartilhados mais intensamente com os tempos da docência. O que aprenderemos de nós mesmos?

VI.

Olá, como vai? Eu vou indo, e você, tudo bem? Tudo bem, eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro, e você? Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranquilo, quem sabe? Quanto tempo, pois é, quanto tempo. (Paulinho da Viola, “Sinal Fechado”).

VII.

Tempos de pensamento. Tempos de confinamento. Tempos para vivermos intensamente a incerteza. Tempos para respirar em meio a tudo que nos sufoca: um vírus, o racismo estrutural que se imiscui em meio a atos cotidianos, o machismo (quase) disfarçado da academia, a falta de empatia com o outro. É esse o nosso tempo?

Luciana Gruppelli Loponte  
(entre maio e junho de 2020)

[i] ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-I edições, 2018.

Alexandre Sobral Loureiro Amorim

Médico Sanitarista, Doutor em Educação e Mestre em Saúde Coletiva pela UFRGS.  
Tutor do Programa Mais Médicos pelo Brasil pela Universidade Federal da Fronteira Sul.  
amorim.alexandre@yahoo.com.br

< O que é natural é o micróbio. O resto [...] é um efeito da  
vontade, de uma vontade que não deve jamais se deter. >  
(A Peste, Albert Camus)

[0/333] Do início, recordava que aconteceu com ele em uma pequena livraria de bairro. Daqueles tipos em extinção em tempos de grandes franquias e livros digitais. Tinha apreço por algumas prateleiras específicas daquela lojinha e no momento em que foi acometido estava com um livro poesia vanthraniana na mão. Sem aviso, elas começaram a sumir. Pegou mais um livro e o mesmo acontecia. E outro. E mais outro. Saiu correndo dali, sem sequer despedir-se do livreiro. Foi até a biblioteca municipal e o mesmo estava acontecendo. Em seu caminho passou em cada banca de jornal, e tudo que encontrou foram imagens e branquidão. Não queria acreditar. As palavras estavam sumindo. Todas. Não entendeu bem como aquilo acontecia. Pensou que as palavras, talvez cansadas de tantas dobraduras que com elas fazia, resolveram partir de sua vida. No entanto foi um amigo atento que lhe alertou sobre a fatídica doença: um vírus estranho que havia surgido entre alguns seres que brincavam de montar e desmontar máquinas-texto e andava se espalhando – principalmente entre os rebeldes – e gerava nos acometidos uma profunda e extensa hipopalavremia alheia. Em pouco tempo, informou-lhe ainda seu amigo, que a doença evoluiria para uma forma mais grave, roubando-lhe também todas as possibilidades de gerar suas próprias palavras. Um vírus mortal da escrita! Seria isolado e ficaria sozinho? Perderia a noção do tempo? Arderia em febre enquanto as palavras lhe escapassem de uma vez por todas? Ou – ainda pior para um escreversador que adocece agudamente de perda-das-palavras – seria acometido por uma pane? Esta perspectiva era sem dúvida seu pior medo. Precisava então traçar um plano que pudesse conduzir seu desejo e o fez de maneira inusitada: anotaria sem parar. Seguiu confiando que poderia desejar para escreversar, mas não lhe restava muito tempo (ou muitas palavras disponíveis). Percebendo naquele momento que em pouco tempo não conseguiria mais escreversar, apressou-se em sacar da mochila o caderno que sempre o acompanhava e começou: Pode-se escrever o presente anotando-o[1].

[1] BARTHES, Roland. A preparação do romance. Da vida à obra. v.I, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 37.

[I/222] Do anotar, anotou que cabia pensar (inevitável e dolorosamente) modos de escreversar do momento, para o momento. Escrituras de crise. No lugar do manifesto, manifestações. Resgates. Leituras lembradas e esquecidas. Solfejos melancólicos sobre o cancelamento de suas artesanias. Memórias adormecidas e acordadas. Preenchimento obsessivo-compulsivo de vazios. Palimpsestos e espasmos dadaístas. Testar um desenho. Desenhar um texto. Publicizar minoridades privadas. Fragmentos de andanças não mais possíveis. Confinamento. Postergar como ato reflexo. Palavras mais e mais fugidias. Vidas em tela. Escrita de corpos em pause-still. Pensar em um tempo roubado. Notas de quarentena: Short Sci-fi de si mesmo. Pílulas paradoxais de adiamento e chegada. Como um singelo (mas não menos violento) fabulografema-de-bolso. Tentaria até estar exaurido (de palavras). Anotando poderia escapar. Faria suas notas como o prisioneiro que cava um túnel subterrâneo, uma rota de fuga. Talvez pudesse ser salvo por suas notas ou morreria escreversando. Morreria como um anotador de sua vida, o que lhe parecia um fim digno. Suas palavras talvez pudessem permanecer um pouco mais. Mas apenas o suficiente para inventar algo: notas numa escrita em fade-out. E parecendo não sentir-se satisfeito, anotou ainda: quando produzo anotações elas são todas 'verdadeiras': eu nunca minto [nunca invento].[ii]. Basta que eu faça coincidir toda essa linguagem (estranha) com uma perturbação que em mim se chama medo[iii].

[2/III] Do medo, recorreu ao seu pior pesadelo e imaginou-se olhando por uma fenda debaixo da cama. Tudo estaria silencioso. No quarto escuro, algo então se moveria acima dele. Um roçar de pele e lençóis e uma respiração pesada e regular. Haveria algo lá! Certamente seria uma criança e mesmo sem saber se eram reais, gelaria suas entranhas pensar naquilo. Rastejaria mais fundo para debaixo da cama. Estaria mais seguro lá. Pesadelo-do-pesadelo-com-medo. Para achar um modo de lidar com os pesadelos medrosos que vem e[m] vão, anotou para si uma advertência: ensiná-los a serem felizes com sua solidão. Ensinar a se reconciliarem com sua solidão[iv].

[3/99] Da solidão, rabiscou uma nota-lembrete: à noite, não esquecer de observar os gigantes-solitários-de-Rasalmur, que sentados cada um em seu farol-na-beira-do-universo (e você achando que eram estrelas aquelas luzes lá em cima, não é?) lançam com irredutível esperança linhas de pesca com grandes anzóis para pescar planetas povoados e preencher de povo seus milênios de vazio-de-estar-só. Pois, quando se escreversa, a solidão é extremamente povoada. Não povoada de sonhos, de fantasmas, nem de projetos, mas de encontros[v] que se desdobram, então, segundo linhas do tempo (verdadeiras linhas de aprendizado)[vi].

[ii] BARTHES, Roland. A preparação do romance. Da vida à obra. v.I, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 224.

[iii] BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 162.

[iv] DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. From A to Z. Direção: Pierre André Boutang. Tradução: Charles J. Stivale. Los Angeles (EUA): Semiotext(e), 2012. 3 DVDs.

[v] DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 14.

[vi] DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 23.

[4/88] Do tempo, anotou sobre uma velha (e pouca conhecida) história de que nos idos de 1932 em uma pequena ilha ao sul de Tshastslah, todos os relógios pararam. A população desesperada dividiu-se entre cronófilos e cronófobos. Mas ironicamente, tal qual é a vida, poucos foram aqueles capazes de perceber que os ciclos não existiam de fato e que todo o tempo que se perdia era um tempo que nunca havia pertencido a ninguém. Obsolescência da obsolescência na organização do tempo cotidiano, programação, terapia das dificuldades, dúvidas, panes[vii].

[5/77] Da pane, nada anotou. Mas imaginou com vigor para escapar e levar a cabo sua escritura derradeira. Como seria encontrar uma mancha despretentiosa e nada atraente [viii] em seu quarto de leitura? E se cutuca-se a mancha? E se ela lhe respondesse prontamente? E se agora já fossem duas? Quarto, oito, dezesseis... milhares. Afofaria centenas delas e repousaria sobre elas sua cabeça. Ajeitaria seu corpo sobre elas. Cobriria-se com elas. E então dormiria e desmancharia-se.

[6/66] Do corpo que desmancha notou, que anotando, teria feito para si um Cs0 pois aquilo que é produzido já faz parte da produção deste corpo, já está compreendido nele, sobre ele, mas ao preço de uma infinidade de passagens, de divisões e de sub-produções[vix]. Multiplicando-se em signos restava tomar para si o nome Legião, pois naquele momento, já era muitos. Era afinal o plano...

[7/55] Do plano, anotou que mesmo escreversando notas de uma crise, se mesmo escasseando-se as palavras, conseguiu-se produzir de/em si multiplicidades textuais e signos, algo se produz: efeitos de máquina e não metáforas[x]. Afinal, o que define o pensamento é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos[xi].

[8/44] Do caos, estando esgotado, anotou: Nada é mais doloroso, mais angustiante do pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos[xii]. As palavras iam e ardia a febre...

[9/33] Da febre, delirou que era Kerouac [xiii], e tinha boas doses de benzedrina e um rolo de papel de telex para que pudesse seguir escrevendo ininterruptamente as notas do ocaso de sua escrita viral.

[vii] BARTHES, Roland. A preparação do romance. A obra como vontade. v.2, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 51.

[viii] WILSON, Gahan. Mancha. In: GAIMAN, Neil (org.) Criaturas estranhas. Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2016, p. 15.

[vix] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. v.3, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 12.

[x] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010, p. II.

[xi] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 233.

[xii] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 237.

[xiii] KEROUAC, Jack. On the road: pé na estrada. Porto Alegre: L&PM, 2015.

[I0/22] Do vírus entre [os] nós, The virus. De-virus. De-vir-us. Devir-us. Devir. Us. Devir-nós. Nós. Nosotros. Nós, outros.

[II/II] Do desejo: É nesse sentido que o devir é o processo [xiv].

[/I] Fim [?]

aproprié-se,  
desloque,

dissemine.

